UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo

Dissertação

Avaliação da percepção dos usuários institucionalizados e não institucionalizados sobre Instituições de Longa Permanência para Idosos na cidade de Pelotas / RS.

Carolina Costa Machado

Pelotas, 2018

Carolina Costa Machado

Avaliação da percepção dos usuários institucionalizados e não institucionalizados sobre Instituições de Longa Permanência para Idosos na cidade de Pelotas / RS.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Orientadora: Natalia Naoumova

Pelotas, 2018

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

M149a Machado, Carolina Costa

Avaliação da percepção dos usuários institucionalizados e não institucionalizados sobre Instituições de Longa Permanência para Idosos na cidade de Pelotas / RS / Carolina Costa Machado ; Natalia Naoumova, orientadora. — Pelotas, 2018.

207 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas, 2018.

1. Envelhecimento. 2. Instituição de Longa Permanência para Idosos. 3. Gerontologia ambiental. 4. Percepção. 5. APO. I. Naoumova, Natalia, orient. II. Título.

CDD : 612.67

Elaborada por Leda Cristina Peres Lopes CRB: 10/2064

Avaliação da percepção dos usuários institucionalizados e não institucionalizados sobre Instituições de Longa Permanência para Idosos na cidade de Pelotas / RS.

CAROLINA COSTA MACHADO

Dissertação de mestrado apresentada à Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial, exigido pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo – PROGRAU, para obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo, na área de concentração *Arquitetura, Patrimônio e Sistemas Urbanos.*

Prof.ª Dra. Natalia Naoumova – Orientadora

COMISSÃO EXAMINADORA:

Prof.ª Dra. Ligia Maria Chiarelli
(Examinadora interna do PROGRAU-UFPEL)

Prof.ª Dra. Nirce Saffer Medvedovski
(Examinadora interna do PROGRAU-UFPEL)

Prof.ª Dra. Maria Luisa Trindade Bestetti
(Examinadora externa da EACH/USP)

Prof.ª Dra. Natalia Naoumova
(Moderadora do PROGRAU-UFPEL)

Pelotas, 10 de dezembro de 2018
(10/12/2018)

Agradecimentos

Gostaria de começar agradecendo aos obstáculos da vida. Eles que nos fazem crescer, nos transformam, nos tornam fortes, nos preenchem de subjetividades e nos encorajam para enfrentar os desafios a que nos propomos.

Aos meus pais, que sempre me deram suporte para a realização de todos os meus sonhos; por me ensinarem que a independência se constrói com conhecimento, persistência e muito trabalho. Ao meu pai, por me repetir, desde criança: “temos compromisso com o esforço, não com o sucesso”.

Ao meu irmão, por me mostrar, pelo seu exemplo, que o estudo e a pesquisa podem nos levar à docência por um caminho livre e descomplicado.

Ao meu marido, Filipe, por estar junto e acreditar nos meus sonhos; por adiar um pouco os seus sonhos para que eu pudesse realizar os meus; por ser meu companheiro de vida, meu amigo e grande incentivador.

Ao meu querido Dr. Walter, por, através da psicanálise, ajudar a tornar-me quem eu sou, em toda minha potência; por me ensinar que os caminhos devem ser leves e prazerosos; por entrar na minha vida e mudar o rumo dela.

À minha orientadora, Natalia. Uma russa firme, direta e clara. Um ser humano com uma imensa capacidade de empatia, com um coração “que vale ouro”, que valorizou minhas potencialidades e me deu suporte nas minhas dificuldades e limitações; que entendeu a importância do meu trabalho e da maternidade, permitindo-me ter o tempo de cada momento específico e trilhar meu caminho da forma como eu almejava, sem me desamparar e sem deixar de acreditar que eu conseguiria concluir meu trabalho.

À professora Maria Luisa Bestetti, pela a troca de contatos, ideias, sugestões de textos e trabalhos relacionados ao meu tema.

À Sulanita Arruda, por me abrir várias portas que viabilizaram boa parte desse estudo e ao CETRES, por permitir que eu pudesse conhecer os idosos mais profundamente.

Aos idosos participantes da pesquisa, por me permitirem entrar nas suas vidas e nas suas casas; por partilharem suas histórias de vida e sua relação com o seu lar. Aprendi muito!

Aos meus amigos. Por serem parte da minha história e me darem ânimo nos momentos em que deles precisei.

À Villa Soarte, por ser parte do meu crescimento profissional; por me oportunizar entrar na casa de tantas famílias, permitindo que eu observasse por 10 anos como as mais diversas pessoas se relacionam com suas casas e o poder transformador da decoração na qualidade de vida.

À FAURB e ao PROGRAU, pelo ambiente aconchegante, cheio de trocas e novos conhecimentos: foi um período riquíssimo!

E por último, à minha filha Clara, por me mostrar a potência transformadora da maternidade. Com seu nascimento, senti o quanto precisamos lutar por um mundo com igualdade de oportunidades entre homens e mulheres, por uma sociedade que ampare as mães, por uma rede de apoio que nos permita gerar vidas sem que necessitemos abandonar nossos sonhos.

RESUMO

MACHADO, Carolina. **Avaliação da percepção dos usuários institucionalizados e não institucionalizados sobre Instituições de Longa Permanência para Idosos na cidade de Pelotas / RS.** 204p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo – PROGRAU, Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

O envelhecimento populacional revela-se um fenômeno observado mundialmente. Deste fato, decorrem preocupações relacionadas aos ambientes de moradia, a fim de torná-los mais adequados às necessidades dos idosos. Nesse cenário, as Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPI´s) representam uma importante alternativa de habitação para essa faixa etária. A pesquisa busca investigar a percepção dos usuários de ILPI´s no que se refere não somente aos aspectos físicos, mas também aos aspectos subjetivos do ambiente, buscando contribuir para a qualificação das instituições dessa natureza. Apesar da importância para o bem-estar dos longevos, os aspectos subjetivos permanecem pouco atendidos pela legislação vigente e pouco explorados nas pesquisas que envolvem o ambiente, construído de forma insuficiente. Diante disso, o problema tratado nesta pesquisa centra-se na carência de estudos teóricos e empíricos, com informações quanto aos aspectos subjetivos do ambiente, de forma que esses locais se tornem mais humanizados e estimulem, assim, o senso de identidade e familiaridade desses cidadãos com sua moradia. Ressalte-se que esta pesquisa tem, como objetivo geral, entender como ocorre a relação entre os idosos moradores das ILPI´s e o ambiente em que vivem e de que forma este ambiente pode contribuir para o seu bem-estar, visando gerar recomendações relacionadas ao projeto arquitetônico. O trabalho tem como suporte o modelo teórico da Gerontologia Ambiental “Modelo Visão Transacional das Pessoas Idosas em seus Ambientes”, que leva em consideração a história de vida dos idosos e relaciona o bem-estar na velhice a dois processos integrados: pertencimento e agência. Para alcançar os objetivos estabelecidos, trabalhou-se com dois grupos, idosos institucionalizados e idosos não institucionalizados. A investigação se desenvolveu por meio de uma pesquisa de campo exploratória, com estudo de caso descritivo, múltiplo e abordagem metodológica qualitativa, incorporando ferramentas da área de pesquisa das Relações Ambiente-Comportamento. Visando compreender se a condição socioeconômica do

morador influencia na escolha de atributos que gerem bem-estar, optou-se por estabelecer, como objeto de estudo, três Instituições distintas que atendiam pessoas de baixa, média e alta renda. Como métodos de coleta de dados, foram utilizados levantamentos de arquivo e de campo, este último dividido em levantamentos físicos, observações comportamentais, entrevistas semiestruturadas e Poema dos Desejos. Os resultados desta pesquisa apontam para: (i) possibilidade de identificação de elementos e atributos que gerem bem-estar em ILPI´s; (ii) um imaginário coletivo com expectativas positivas de idosos não institucionalizados em relação à moradia institucional; (iii) existência de uma baixa sensação de pertencimento entre idosos institucionalizados, embora isso se torne menos relevante ao longo do tempo; (iv) a importância da autonomia ligada a questões subjetivas (como a personalização), tanto quanto às ligadas a aspectos físicos e (v) o processo de agência e a sensação de pertencimento parecem piorar com o aumento da renda. Constatou-se, ainda, que ao considerar aspectos subjetivos do ambiente, a pesquisa como um todo traz importantes subsídios que ajudam a entender os dois processos estudados (pertencimento e agência), contribuindo para o entendimento da forma como seus elementos e atributos podem influenciar no bem-estar da velhice.

Palavras-chave: Envelhecimento, Instituição de Longa Permanência para Idosos, Gerontologia Ambiental, Percepção, APO.

ABSTRACT

MACHADO, Carolina. **Perception evaluation of institutionalized and non-institutionalized users about Long-Term Care Institutions for the Elderly in the city of Pelotas / RS.** 204p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo – PROGRAU, Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

Population aging is revealed as a phenomenon observed all over the world. Therewith, there are concerns related to housing surroundings, in order to make them more adequate to the needs of the elderly. In this case, the Long-Term Care Institutions for the Elderly **(LTCI's)** represent an important alternative housing for this group. The research investigates the perception of **LTCI's** users regarding not only the physical aspects, but also the subjective aspects of the surroundings, and thus contribute to the qualification of these institutions. Despite the importance to the well-being of the elderly, the subjective aspects remain poorly served by the current legislation and poorly explored in research that involves the surroundings, that were constructed in an insufficiently way. Therefore, the problem analyzed in this research is based on the lack of theoretical and empirical studies, through information about the subjective aspects of the surroundings, so that these places can become more humanized besides stimulating the sense of identity and familiarity of these people with their dwelling. It is emphasized that this research has as general objective the understanding of how the relationship between the elderly residents of the **LTCI's** and the environment in which they live happen and how this environment can contribute to their well-being, thus propose recommendations related to the architectural design. The research is based on the theoretical model of Environmental Gerontology "Transactional view of elderly people in their environments", which considers the life history of the elderly and relates well-being on aging to two integrated processes: belonging and agency. To reach the established objectives, we worked with two groups, institutionalized and non-institutionalized elderly. The investigation was developed through an exploratory field research, with a descriptive case study, multiply. And qualitative methodological approach using tools from the research area of Environment-Behavior Relations. In order to understand if the socioeconomic condition of the resident influences the choice of attributes that generate well-being, it was decided to establish as object of study three distinct Institutions that serve low, middle and high income people. Field and archive surveys were used as methods of data collection, the field research was divided into physical surveys, behavioral observations, semi-structured interviews, and poems of desires. The results of this research indicate: (i) the possibility of identifying elements and attributes that generate well-being in **LTCI's**; (ii) a collective imaginary with positive expectations of non-institutionalized elderly in relation to institutional dwelling; (iii) the existence of a low sense of belonging among institutionalized elders, although this becomes less relevant over time; (iv) the importance of autonomy related to subjective issues (personalization), as well as those related to physical aspects and (v) the agency process and the sense of belonging seem to worsen with increasing income. It was verified that when considering subjective aspects of the environment, the research brings important subsidies that help to understand the two studied processes

(belonging and agency) understanding how the elements and attributes can influence the well-being of old age.
Key words: Aging, Long-Term Care Institution for the Elderly, Environmental Gerontology, Perception, APO.

LISTA DE FIGURAS

Figura 2.1: Modelo de envelhecimento bem-sucedido de Rowe e Kahn (1997 apud HOOYMAN e KIYAK, 2001)..... 30

Figura 2.2: Unidades *Hearthstone* a) fachada unidade Marlborough; b) jardim unidade Marlborough; c) fachada unidade Woburn; d) jardim unidade Woburn 39

Figura 2.3: Complexo Hiléa: a) fachada, b) sala atividades, c) dormitório..... 41

Figura 2.4: Modelos da Gerontologia Ambiental destacados para o estudo. Fonte: da autora, 2018..... 50

Figura 2.5: Estrutura conceitual sobre a relação pessoa-ambiente na velhice | Fonte: Wahl; Oswald, 2010. Fonte: Traduzido e adaptado pela autora, 2017.... 55

Figura 3.1: Mapa da Cidade de Pelotas com localização das ILPI´s estudadas. Fonte: Google Maps | modificado pela autora)..... 70

Figura 3.2: ILPI 1 a) fachada; b) entorno; c) recuo de ajardinamento; d) pátio. Fonte: fotos da autora, 2016..... 71

Figura 3.3: Planta baixa ILPI 1. Fonte: da autora..... 72

Figura 3.4: ILPI 2: a) sala de estar; b) sala de jantar. Fonte: fotos da autora, 2016..... 72

Figura 3.5: ILPI2: a) dormitório coletivo feminino; b) dormitório coletivo masculino. Fonte: fotos da autora, 2016..... 73

Figura 3.6: ILPI 2 a) fachada; b) entorno. Fonte: da autora, 2016..... 74

Figura 3.7: Planta baixa ILPI 2. Fonte: da autora, 2017..... 74

Figura 3.8: Sala de estar ILPI 2: a) ala masculina; b) ala feminina. Fonte: foto da autora, 2018..... 75

Figura 3.9: Dormitórios coletivos ILPI 2: a) ala feminina; b) ala masculina. Fonte: foto da autora, 2018..... 76

Figura 3.10: ILPI 3 a) Fachada; b) entorno. Fonte: fotos da autora, 2018..... 76

Figura 3.11: Planta de Situação e Implantação do Pavimento Térreo da ILPI 3. Fonte: da autora, 2018..... 77

Figura 3.12: Planta baixa térreo ILPI 3. Fonte: da autora, 2017..... 78

Figura 3.13: Pavimento térreo ILPI 3: a) hall de entrada; b) sala de estar e jantar integradas. Fonte: foto da autora, 2016..... 79

Figura 3.14: Dormitórios térreo ILPI 3: a) dormitório duplo 1; b) dormitório duplo 2. Fonte: fotos da autora, 2016..... 79

Figura 3.15: Planta baixa 2º pavimento ILPI 3. Fonte: da autora, 2018..... 80

Figura 3.16: Sala de estar 2º pavimento ILPI 3: a) Sala de Estar 1, b) Sala de Estar 2 (Fonte: fotos da autora, 2016)..... 81

Figura 3.17: Dormitórios individuais a) dormitório 1; b) dormitório 2..... 81

Figura 3.18: Imagem de um quarto, com mobiliário geralmente utilizado em dormitórios institucionais | Fonte: da autora, 2016..... 90

Figura 3.19: Imagens do mobiliário apresentadas aos idosos: a) opções criado mudo; b) opções de roupeiro; c) opções de poltronas; d) opções de camas. Fonte: Google, 2016..... 91

Figura 3.20: Imagens dos três tipos de revestimentos apresentados: a) impermeável; b) couro sintético e c) veludo. Fonte: da autora..... 91

Figura 3.21: Paleta cores. Fonte: da autora..... 92

Figura 3.22: Recepção dos idosos para apresentação do método | Fonte: da autora..... 94

Figura 3.23: Poema dos desejos com recorte de revista: a) disposição do material utilizado antes da chegada dos idosos; b) material utilizado na aplicação do método c) e d) idosos montando os painéis. Fonte: foto da autora, 2018..... 95

Figura 3.24: Exemplo dos painéis elaborados por uma das participantes: a) dormitório, b) sala de estar. Fonte: Foto da autora, 2018..... 96

Figura 4.1: Oficina de estudos sobre Envelhecimento Humano | CETRES / UCPEL. Fonte: fotos da autora, 2016..... 100

Figura 4.2: Ambientes ILPI 1 a) sala de estar, b) varanda. Fonte: foto da autora, 2017..... 103

Figura 4.3: Área externa da ILPI 1 – vista da horta. Fonte: foto da autora, 2017. 103

Figura 4.4: Sala de estar ILPI 2: a) ala feminina, b) ala masculina. Fonte: foto da autora, 2017..... 104

Figura 4.5: Circulações ILPI 2: a) ala feminina, b) ala masculina. Fonte: foto da autora, 2017..... 104

Figura 4.6: Vistas jardim interno a) através das janelas, b) jardim. Fonte: foto da autora, 2018..... 105

Figura 4.7: Salas de estar térreo ILPI 3: a) sala de estar no acesso; b)*bay window* com vista para o jardim; c) segunda sala de estar; d) segunda sala de estar. Fonte: foto da autora, 2017..... 106

Figura 4.8: Sala de estar 1 da ILPI 3 - 2º pavimento. Fonte: da autora, 2017..... 106

Figura 4.9: Sala de estar 2 da ILPI 3 – 2º pavimento. Fonte: da autora, 2017..... 107

Figura 4.10: Vistas externas ILPI 3 a) jardim, b) varanda térreo, c) vista do jardim para as varandas, d) varanda do 2º pavimento. Fonte: da autora, 2017... 107

Figura 4.11: Dormitórios ILPI 1 a) feminino, b) masculino..... 121

Figura 4.12: Dormitórios coletivos ILPI 2 a) feminino e b) masculino..... 122

Figura 4.13: Dormitórios ILPI 2 a) feminino b) masculino..... 123

Figura 4.14: Dormitorios coletivos térreo a) dormitório 1 e b) dormitório 2..... 124

Figura 4.15: Dormitórios individuais 2º pavimento: a) dormitório 1 e b) dormitório 2..... 124

Figura 4.16: Nuvem de Palavras Sala para resultado poema dos desejos versão escrita a) dormitório e b) sala de estar. Fonte: da autora, 2018..... 137

Figura 4.17: Nuvem de Palavras resultado Poema dos Desejos versão recorte de revista: a) sala de estar e b) dormitório. Fonte: da autora, 2018..... 144

Figura 4.18: Pirâmide da Teoria das Necessidades de Maslow. Fonte: (FERREIRA; DEMUTTI; GIMENEZ, 2010)..... 146

LISTA DE TABELAS

Tabela 2.1: Contribuições teóricas clássicas para a Gerontologia Ambiental em ordem cronológica. Fonte Batistoni, 2014 - Adaptado pela autora, 2017... 49

Tabela 3.1: Ligação entre os objetivos, amostra de pessoas, relações investigadas e métodos. Fonte: da autora, 2018..... 68

Tabela 3.2: Seleção da amostra grupo de idosos institucionalizados. Fonte: da autora..... 83

Tabela 3.3: Seleção da amostra grupo de idosos não institucionalizados. Fonte: da autora..... 84

Tabela 3.4: Grupos estudados. Fonte: da autora, 2018..... 96

Tabela 4.2: Escolhas dos móveis nas três instituições. Fonte: da autora, 2018..... 118

Tabela 4.3: Preferência de cores. Fonte: da autora, 2018..... 119

Tabela 4.4: Imaginário coletivo para dormitório..... 140

Tabela 4.5: Imaginário coletivo para sala de estar..... 142

Tabela 4.6: Elementos, atributos usos e comportamentos relacionados ao bem-estar na velhice..... 145

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ANVISA – Agência Nacional de Vigilância Sanitária

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ILPI – Instituição de Longa Permanência para Idosos

OMS – Organização Mundial da Saúde

RDC – Resolução da Diretoria Colegiada

SBGG – Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1: INTRODUÇÃO À PESQUISA.....20
1.1 APRESENTAÇÃO DO TEMA E RELEVÂNCIA DO PROBLEMA DE PESQUISA.....20
1.1.1 O idoso, moradia e institucionalização.....22
1.2 PROPOSTA DE INVESTIGAÇÃO.....25
1.2.1 Problema de pesquisa.....25
1.2.2 Objetivos.....27
1.2.3 Variáveis envolvidas na pesquisa.....27
1.2.4 Estudo de caso.....29
1.2.5 Metodologia e estratégia de ação.....30
1.3 ESTRUTURA DO TRABALHO.....30

CAPÍTULO 2: O IDOSO E O BEM-ESTAR EM AMBIENTES INSTITUCIONAIS....32
2.1 O IDOSO E O PROCESSO DE ENVELHECIMENTO: DEFINIÇÃO DE CONCEITOS.....32
2.2 QUALIDADE DE VIDA E MORADIA NA VELHICE.....35
2.3 INSTITUIÇÕES DE LONGA PERMANÊNCIA PARA IDOSOS COMO ALTERNATIVA DE HABITAÇÃO.....39
2.3.1 Legislações e as instituições de longa permanência para idosos.....40
2.3.2 Premissas projetuais em ILPI´s no Brasil.....43
2.4 A TRANSIÇÃO DE LUGAR E VELHICE.....45
2.5 O PROCESSO DE PERCEPÇÃO AMBIENTAL E AVALIAÇÃO DA QUALIDADE DO AMBIENTE.....48
2.6 GERONTOLOGIA AMBIENTAL E A INSTITUCIONALIZAÇÃO.....50
2.6.1 Teorias da Gerontologia Ambiental.....51
2.6.1.1 Modelo Ecológico ou Pressão-Competência.....53
2.6.1.2 Modelo de Congruência.....54
2.6.1.3 Modelo Complementar de Congruência.....55
2.6.1.4 Modelo Visão Transacional das Pessoas Idosas em seus Ambientes.....57

2.7 PROCESSOS DE *PERTENCIMENTO* E *AGÊNCIA* LIGADOS À QUALIDADE DO LUGAR EM UMA INSTITUIÇÃO DE LONGA PERMANÊNCIA 59

2.7.1 Processo de pertencimento 59

2.7.1.1 Significado de casa e apego ao lugar 59

2.7.1.2 Satisfação residencial e preferência 61

2.7.2 Processo de agência 64

2.7.2.1 Uso e comportamento em ambientes de ILPI 64

2.8 CONSIDERAÇÕES FINAIS 66

CAPÍTULO 3: METODOLOGIA 70

3.1 ABORDAGEM METODOLÓGICA E ESTRATÉGIAS DA PESQUISA 70

3.2 DEFINIÇÃO DO ESTUDO DE CASO 72

3.2.1. Delimitação das localidades e suas características 73

3.2.1.1 Locais de estudos para investigar grupo de idosos institucionalizados 73

3.2.1.1.1 ILPI 1 74

3.2.1.1.2 ILPI 2 76

3.2.1.1.3 ILPI 3 79

3.3 CRITÉRIOS ADOTADOS PARA SELEÇÃO DOS PARTICIPANTES 84

3.4. MÉTODO DE COLETA DE DADOS 87

3.4.1 Levantamento de arquivo 88

3.4.2 Levantamento de campo 88

3.4.2.1 Etapa 1 - Levantamento de dados físicos 88

3.4.2.2 Etapa 2 - Levantamento de dados avaliativos 89

3.4.2.2.1. Discussão acerca das técnicas de avaliação da Percepção Ambiental em idosos 90

3.4.2.2.2 Entrevista semiestruturada e o método visual 92

3.4.2.2.2.1 Critério de seleção de material visual para entrevista 93

3.4.2.2.2.2 Procedimentos de aplicação da entrevista 95

3.4.2.2.3 Poema dos desejos e o método visual: recorte de revistas 96

3.5 MÉTODO DE ANÁLISE DOS DADOS AVALIATIVOS 100

CAPÍTULO 4: AVALIAÇÃO DO AMBIENTE DAS ILPI´S POR IDOSOS INSTITUCIONALIZADOS E NÃO INSTITUCIONALIZADOS. 102

4.1 DISCUSSÕES NA OFICINA DE ESTUDOS 102

4.1.1 Caracterização do grupo 102

4.2 ESPAÇOS E COMPORTAMENTO DOS IDOSOS RESIDENTES EM INSTITUIÇÕES 105

4.3 ENTREVISTAS REALIZADAS COM IDOSOS INSTITUCIONALIZADOS 111

4.3.1 Características dos ambientes e o conceito de bem-estar 112

4.3.1.1 Avaliação do ambiente geral, dormitório e sala de estar da ILPI 1 112

4.3.1.2 Avaliação do ambiente geral, dormitório e sala de estar da ILPI 2 115

4.3.1.3 Avaliação do ambiente geral, dormitório e sala de estar da ILPI 3 118

4.3.1.4 Avaliação dos atributos e elementos dos ambientes nas três instituições 121

4.3.2 Personalização do ambiente e sensação de pertencimento 123

4.3.2.1 ILPI 1 123

4.3.2.2 ILPI 2 124

4.3.2.3 ILPI 3 126

4.3.2.4 Descrição da moradia atual 128

4.3.3 Características físicas dos ambientes e sua relação com a autonomia do idoso 130

4.3.3.1 Avaliação da possibilidade de locomoção, mudanças e atividades existentes da ILPI 1 130

4.3.3.2 Avaliação da possibilidade de locomoção, mudanças e atividades existentes da ILPI 2 131

4.3.3.3 Avaliação da possibilidade de locomoção, mudanças e atividades existentes da ILPI 3 133

4.3.3.4 Conclusão sobre características ambientais e comportamento dos idosos em relação a autonomia, identidade e personalização.....135
4.4 POEMA DOS DESEJOS REALIZADO COM IDOSOS NÃO INSTITUCIONALIZADOS.....137
4.4.1 Poema dos desejos em versão escrita.....138
4.4.1.1 Imaginário coletivo sobre dormitório.....138
4.4.1.2 Imaginário coletivo sobre sala de estar.....139
4.4.2 Poema dos desejos com auxílio de recorte de revistas.....141
4.4.2.1 Imaginário coletivo sobre dormitório.....141
4.4.2.2 Imaginário coletivo sobre sala de estar.....144
4.5 PERCEPÇÃO DO AMBIENTE POR GRUPOS DE IDOSOS INSTITUCIONALIZADOS E NÃO INSTITUCIONALIZADOS.....149
4.6 CONTRIBUIÇÕES RELACIONADAS AO PROJETO ARQUITETÔNICO:.....153
CAPÍTULO 5: CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS.....158
5.1 PROBLEMA DE PESQUISA, OBJETIVOS, PRESSUPOSTOS E MÉTODOS.158
5.2 PRINCIPAIS RESULTADOS OBTIDOS.....160
5.2.1 Contribuições Teóricas.....160
5.2.2 Quanto aos objetivos específicos.....162
5.3 DIFICULDADES E LIMITAÇÕES.....165
5.4 RELEVÂNCIA E SUGESTÃO DE NOVOS ESTUDOS.....166
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....168
APÊNDICE A.....180
APÊNDICE B.....183
APÊNDICE C.....187
APÊNDICE D.....190
ANEXO A.....206
ANEXO B.....207

CAPÍTULO 1: INTRODUÇÃO À PESQUISA

Neste capítulo introduz-se o estudo desenvolvido, apresenta-se o tema e destaca-se sua relevância. Posteriormente, expõe-se a proposta de investigação com o problema de pesquisa, os objetivos gerais e específicos. Além do mais, explicitam-se as variáveis envolvidas na investigação, a exposição do estudo de caso e as estratégias metodológicas de ação. Por fim, expõe-se a estrutura do trabalho.

1.1 APRESENTAÇÃO DO TEMA E RELEVÂNCIA DO PROBLEMA DE PESQUISA

No século XX houve uma explosão do envelhecimento da população mundial, resultante de um considerável aumento da expectativa de vida e de uma significativa queda da natalidade. O aumento da expectativa de vida já é uma realidade em muitos países do mundo, em especial na Europa. Isso deve-se, em grande parte, ao progresso da medicina, aos avanços da saúde pública, a melhoria na condição socioeconômica de vida e a mudança no estilo de vida das pessoas (JUNIOR, 2009).

No Brasil, durante muito tempo considerado um país de jovens; apenas neste século percebeu-se tanto o aumento do número de pessoas idosas, quanto da longevidade média, fatores causadores do fenômeno conhecido como “transição demográfica”, responsável pelas profundas alterações nas pirâmides etárias (JUNIOR, 2009). As mudanças na estrutura etária foram especialmente observadas nas últimas décadas, e são tão significativas que, em 2030, o país terá um grupo de idosos de 60 anos ou mais maior do que o de crianças com até 14 anos, e, em 2055, a população de longevos será maior do que a de crianças e a de jovens com até 29 anos, tendência já observada no Censo de 2010 e reforçada nos últimos dez anos (Portal Brasil, 2011).

Segundo dados da Organização Mundial da Saúde (OMS), a porcentagem de idosos no mundo e no Brasil será de 22% e 30% respectivamente, sendo que, em 2010, essas porcentagens se equivaliam em 11%. Verifica-se, portanto, que,

comparando as projeções do aumento da população idosa nacional e mundial, o Brasil aponta uma média de crescimento mais acelerado do que a mundial (OMS, 2015).

A transição demográfica é responsável por profundos impactos no cenário econômico, social e cultural do país. Desta forma, passa a surgir um maior interesse em pessoas de idade avançada e sua qualidade de vida, junto com a formação de uma nova imagem social sobre esse contingente e ainda sobre o próprio processo de envelhecimento.

Neste sentido, alguns avanços têm ocorrido no Brasil. Um deles é a implantação, em 2003, do Estatuto do Idoso, destinado a regular os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a sessenta anos (BRASIL, 2003). Outro documento importante é a Resolução da Diretoria Colegiada (RDC) nº 283 (ANVISA, 2005), a qual aprova o "Regulamento Técnico que define normas de Funcionamento para as Instituições Residenciais sob Sistema Participativo e de Longa Permanência para Idosos".

A literatura indica que, com essa acentuada e rápida mudança na composição etária da população, todos os campos do conhecimento humano começaram a incluir, nas suas preocupações, as exigências de um mundo que envelhece. Esse novo enfoque pode ser observado também nas áreas da arquitetura e do urbanismo, reforçando a ideia de que a qualidade de vida das pessoas depende, em grande parte, do meio em que vivem e se movem (PRADO e LICHT, 2004; BIANCHI, 2013; BESTETTI, 2006).

Além das mudanças quantitativas na composição populacional e as preocupações relacionadas a isso, ocorre um outro processo: a transformação na forma como o idoso se vê e é visto pela sociedade. O perfil do "novo idoso", aquele que busca melhorar sua qualidade de vida à medida que envelhece, o torna parte do atual paradigma do envelhecimento ativo, definido pela OMS como o "processo de otimização das oportunidades de saúde, participação e segurança, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida à medida que as pessoas ficam mais velhas". A palavra "ativo" neste processo, não se refere apenas a fazer parte da força de trabalho ou às capacidades físicas, mas também à participação em questões sociais, econômicas, culturais, espirituais e civis (SANTOS, 2013; OMS, 2015).

O perfil do idoso atual tem novas representações sociais do envelhecimento, pois os mais velhos tendem a buscar suas realizações pessoais, aproveitando de forma mais intensa seu tempo, preocupando-se com o lazer, com o bem-estar físico e mental, nos cuidados com a saúde e corpo e na ampliação do círculo social. No entanto, paralelamente ao surgimento dessas representações sociais do idoso ativo, não se pode esquecer que o processo de envelhecimento pode trazer consigo uma série de dificuldades, com o indivíduo já fragilizado emocional, física e cognitivamente. Assim, a importância desses atributos biológicos na construção das categorias etárias não pode ser desconsiderada (GROISMAN, 1999).

De acordo com a literatura especializada em habitação para idosos, nos anos 70 o foco da habitação estava no design universal e de apoio; nos anos 80, nos serviços prestados por estas habitações e, atualmente, na qualidade do ambiente em que se vive. Este conceito resulta do jogo entre as necessidades pessoais do indivíduo e a capacidade do ambiente em responder (CAOUETTE, 2005).

1.1.1 O idoso, moradia e institucionalização

A relação criada entre as pessoas e suas moradias consiste numa importante forma de reforçar memórias afetivas e valores pessoais (CHAUDHURY e ROWLES, 2005), especialmente na velhice, momento da vida que pode vir acompanhado de fragilidade física e psicológica, em consequência do processo de envelhecimento.

Neste contexto, surge, dentro dos estudos da área, o conceito *“Aging in Place”* ou “Envelhecer no Lugar” (SHERMAN; DACHER, 2005), que enfatiza o valor dos ambientes familiares, fornecendo informações sobre as relações com a casa, a vizinhança, a comunidade, considerando o conhecimento do idoso sobre si e sobre as pessoas com as quais convive e compartilha dos mesmos contextos ao longo dos anos (MACEDO et al., 2008). Existe uma crescente fragilidade durante o processo de envelhecimento, portanto, a possibilidade de envelhecer no seu lugar traz aspectos muito positivos e implica que o indivíduo vai permitir a modificação de seu ambiente para melhorar o ajuste pessoa-ambiente (PASTALAN, 1990; SILVERSTONE e HOROWITZ, 1992 apud SHERMAN e DACHER, 2005)

Entretanto, quando o idoso não consegue mais viver em sua própria moradia, em muitos casos, passa a morar com a família. A manutenção desse vínculo familiar

revela-se uma ferramenta importante para o desenvolvimento integral dos indivíduos que dela fazem parte (SCANDOLARA, 2013). Contudo, a estrutura familiar tem se modificado ao longo dos anos, tornando-se mais reduzida, de forma que a responsabilidade pelo cuidado do idoso recai sobre um ou dois filhos. Além disso, o acelerado ritmo de vida, a entrada da mulher no mercado de trabalho somados às transformações no modo de viver, em que as pessoas passam a maior parte do tempo fora de casa e onde as residências estão cada vez menores, o cuidado com o idoso torna-se comprometido ou inviável (GAZZOLA, 2013).

Embora a permanência do idoso em sua moradia seja indicada por muitos especialistas como um fator de saúde, mesmo para aqueles que apresentem dependências para a realização de atividades da vida diária, muitos idosos são obrigados a abandonar suas moradias e recorrer aos serviços oferecidos por instituições destinadas a abrigá-los.

Estima-se, assim, um considerável aumento na demanda por moradias alternativas para esta faixa etária nos próximos anos. A Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI) é uma dessas formas de moradia alternativa na velhice. É definida pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), como um dos vários tipos de instituições destinadas a propiciar atenção integral em caráter residencial, com condições de liberdade e dignidade, cujo público alvo são as pessoas acima de 60 anos, com ou sem suporte familiar, de forma gratuita ou mediante remuneração, podendo ter capacidade máxima para quarenta residentes por modalidade (BRASIL, 2005). As ILPI´s são regulamentadas tanto pelo Estatuto do Idoso, de 2003, quanto pela Resolução da Diretoria Colegiada nº 283 (ANVISA, 2005) do ano de 2005 (ANEXO B).

Segundo a OMS, idosos residentes em instituições destacam-se entre os grupos de idosos mais expostos a riscos quanto a sua saúde ou sua situação econômica e social (OMS, 1974). Sabe-se também que a institucionalização pode acarretar uma série de traumas, no momento em que existe uma separação do senso de identidade, gerando consequências patológicas, as quais podem elevar as taxas de morbidade e mortalidade (CHAUDHURY E ROWLES, 2005).

A maior parte dos indivíduos que estão institucionalizados estão em condições precárias, visto que enfrentam dificuldades econômicas, físicas, psicológicas e

cognitivas e ainda o abandono familiar. Por outro lado, as instituições, em sua maioria, também se encontram em situações insatisfatórias de funcionamento, já que o custo decorrente do processo de envelhecimento geralmente é alto para todos os cuidados de que o indivíduo precisa, e boa parte dessas instituições sobrevivem de doações. A institucionalização implica ainda, um processo de adaptação a um novo ambiente, em que existem regras e normas a serem cumpridas, além da limitação física implícita. É de se supor ainda que idosos, particularmente aqueles institucionalizados, não participem da escolha dos locais onde vão morar.

Alguns trabalhos (por exemplo, OLIVEIRA, PASIAN E JACQUEMIN, 2001) apontam para uma necessidade de investigações mais aprofundadas sobre ambientes de ILPI´s, indicando que, apesar de existirem estudos que evidenciem a vulnerabilidade da vida afetiva às condições ambientais (moradia, nível sócioeconômico, estado físico geral), tratam mais das questões físicas do ambiente. O reduzido número de pesquisas dirigidas à análise das implicações destes atributos durante o envelhecimento, sob um enfoque mais subjetivo do ambiente (como uma ambiência acolhedora, considerando a personalização e decoração dos espaços), aponta para a necessidade de novos projetos nessa linha de investigação. Afirmam, ainda, que dentro deste cenário e da noção consensual geral, as instituições brasileiras atuais mostram-se pouco adequadas para consecução dos objetivos a que se destinam. Outros trabalhos abordam a reflexão sobre os atributos que definem a ambiência, considerando a falta de estudos com esta abordagem (BESTETTI, 2014).

Dentre as considerações sobre aspectos físicos que deveriam ser mais observadas nas decisões de projeto que podem melhorar as instituições, Lawton (1986 apud TOMASINI, 2008) descreve as estéticas. Embora a decoração desses ambientes deva atentar-se à existência de regulamentos, muito da humanização desses espaços poderia ser conquistada com interação entre o trabalho de membros da equipe institucional, familiares ou ainda gerontologistas com os arquitetos e suas equipes na escolha do mobiliário e material do seu interior. Esses cuidados oportunizariam as qualidades de aconchego e sensação de lar nessas instituições.

Essa sincronia está em paralelo com diversos estudos empíricos, os quais afirmam que ambientes frios e desumanizadores acentuam o declínio na funcionalidade dos idosos, enquanto ambientes que favorecem o equilíbrio e

adaptação, levam à estabilização do residente e até a sua melhora (CARP, 1987 apud CUPERTINO, 1996; MILANEZE, 2013, BIANCHI, 2013).

A literatura aponta ainda que, à parte dos demais cuidados alvos da atuação de profissionais de distintas áreas, um adequado desenho ambiental será estimulante e profilático, influindo positivamente em problemas de comportamento. Também, compensará déficits sensoriais visuais pela conveniente iluminação, reduzindo riscos de quedas e otimizando a movimentação independente ou com auxílio de andadores e cadeiras de rodas pela eliminação das barreiras físicas. Além do mais, favorecerá o contato e as relações sociais pela inserção do prédio num entorno urbano receptivo, pela correta distribuição dos espaços internos e disposição do mobiliário. Assim, incrementará a autonomia pessoal pela apropriada utilização de estímulos orientadores (PRADO e LICHT, 2004).

Dentro desse contexto de transformações decorrentes do processo de envelhecimento, em que nem todo idoso tem a oportunidade do convívio familiar na sua própria residência, o foco dessa pesquisa direciona-se às Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPI) e busca contribuir para uma melhor qualidade de vida dos moradores desses locais.

1.2 PROPOSTA DE INVESTIGAÇÃO

1.2.1 Problema de pesquisa

O problema desta pesquisa centra-se na insuficiência de estudos teóricos e empíricos com informações quanto aos aspectos subjetivos do ambiente, de forma que estes locais se tornem mais humanizados e estimulem, assim, o senso de identidade e familiaridade dos idosos com sua moradia.

As instituições para o grupo em foco apresentam três características distintas que se combinam de diferentes maneiras: (i) a segregação (isolamento físico e uma política segregadora), (ii) tratamento igualitário e simultâneo para todos os residentes (política congregadora) e (iii) um grau acentuado de controle (limitação do grau de autonomia permitido) (STEVENS-LONG, 1979 apud TOMASINI, 2008; BIANCHI, 2013).

Desta forma, as Instituições deveriam apresentar características ambientais capazes de melhorar a relação idoso-ambiente, de modo a satisfazer suas necessidades específicas, contribuindo assim, para seu bem-estar. No entanto, na maioria das instituições isso, geralmente, não acontece. Consequentemente, aspectos relacionados à identidade, personalização dos ambientes, participação e autonomia dos idosos nestas decisões, não são adequadamente considerados.

Embora existam estudos referentes à forma como o ambiente pode favorecer o bem-estar do idoso, por meio da decoração e com a possibilidade de personalização por exemplo, estes discorrem de forma ampla, não fornecendo informações sobre que atributos e elementos do ambiente são relevantes para o bem-estar desses residentes (LEITE, 2010; BIANCHI, 2013).

Nesse sentido, o presente trabalho delineia a investigação considerando os seguintes pressupostos:

- A personalização dos espaços é um recurso importante para elevar a qualidade de vida e bem-estar dos idosos nas ILPI´s (RUBINSTEIN e MEDEIROS, 2005; OSWALD e WAHL, 2005);
- Os aspectos objetivos e subjetivos contribuem para criação de ambiência familiar, gerando sentido de lugar (*sense of place*) e de identidade (RUBINSTEIN e MEDEIROS, 2005; RUSSEL, 2005);
- O planejamento adequado dos ambientes atenderá às necessidades (objetivas e subjetivas) dos usuários (BESTETTI, 2014; TOMASINI e ALVES, 2007).
- As ILPI´s precisam ser repensadas, no sentido de garantir resultados mais favoráveis à velhice institucionalizada (TOMASINI; ALVES 2007).

Com base nesses pressupostos, as perguntas que norteiam este estudo são: (i) De acordo com a avaliação e percepção dos idosos moradores em instituições, quais atributos e elementos do ambiente são relevantes na geração de bem-estar em ILPI´s? e (ii) De acordo com a avaliação e percepção dos usuários, desses atributos e elementos, quais são essenciais e devem ser preservados para reforçar a sensação de pertencimento e dar sentido à casa em uma ILPI?

1.2.2 Objetivos

Este trabalho objetiva investigar, com base nos subsídios teóricos da Psicologia Ambiental e, especificamente, nos conceitos da Gerontologia Ambiental, como se dá a relação entre os idosos moradores das Instituições de Longa Permanência e o ambiente onde vivem, e de que forma este ambiente pode contribuir para o seu bem-estar, visando gerar recomendações relacionadas ao projeto arquitetônico. Para atingir este objetivo, faz-se necessário:

1. Revelar a relação de características dos ambientes – seus elementos (móveis, decorações, plantas) e atributos (cores, iluminação, tipo de materiais e texturas) com o conceito de bem-estar;
2. Investigar quais características físicas dos ambientes de ILPI´s podem estimular a autonomia do idoso (processo de agência);
3. Investigar de que forma a personalização do ambiente interfere na sensação de pertencimento;
4. Averiguar semelhanças e distinções na definição e percepção desses atributos e elementos entre grupos de idosos residentes em ILPI´s e idosos não residentes em ILPI´s;
5. Gerar recomendações de projeto para as normas vigentes.

Dito isto, sabe-se que o estudo das necessidades dos indivíduos revela-se complexo e ultrapassa aspectos físicos dos ambientes. A faixa etária a ser estudada está repleta de peculiaridades, em consequência do processo de envelhecimento. Por outro lado, os ambientes institucionais possuem diversas particularidades que exercem influência no comportamento de seus usuários e sobre a forma com as pessoas se relacionam com seus cenários físicos. Por este motivo, devem ser elaboradas metodologias específicas para este grupo, foco do estudo.

1.2.3 Variáveis envolvidas na pesquisa

As variáveis envolvidas na pesquisa são ligadas com o ambiente, amostras de usuários e têm apoio na definição do conceito de qualidade de vida.

Segundo a literatura, *qualidade de vida* é um conceito amplo definido como “a percepção que o indivíduo tem de sua posição na vida dentro do contexto de sua

cultura e do sistema de valores de onde vive, e em relação a seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações" (OMS, 1994). Consequentemente, neste contexto, qualidade de vida pode ser avaliada em termos de *bem-estar* dos idosos em relação as suas experiências de vida, autoestima, identidade e bem-estar físico e psicológico (CAOUETTE, 2005).

Assim sendo, pode-se afirmar que a qualidade do ambiente está diretamente ligada a atitudes e comportamentos dos usuários como resultado das experiências espaciais possibilitadas pelos ambientes. A abordagem perceptiva e cognitiva tem, portanto, como premissa, que a qualidade do projeto/ambiente, assim como avaliação deste, relaciona-se diretamente à avaliação de desempenho de edificações através de seus usuários (REIS; LAY, 2006).

Neste sentido, a pesquisa foi conduzida a partir de uma estrutura conceitual de um dos modelos estudados na Gerontologia Ambiental sobre a relação pessoa-ambiente na velhice denominado Modelo Visão Transacional das Pessoas Idosas em seus Ambientes (ver item 2.6.1.4). Essa estrutura trata o conceito de *bem-estar* baseado em dois processos interligados: *pertencimento* e *agência* (ROWLES, OSWALD, HUNTER, 2007).

O *pertencimento* refere-se ao campo da experiência no ajuste pessoa-ambiente e envolve as avaliações cognitivas, emocionais e as representações mentais dos ambientes sociofísicos. No estudo em questão, o *pertencimento* foi medido a partir da satisfação residencial, apego ao lugar e significado de casa atribuído ao lugar. As variáveis que compõem o pertencimento foram agrupadas em aspectos físicos (conforto ambiental, características estéticas - cores, mobiliário, objetos decorativos, plantas), aspectos sociais (privacidade, relacionamentos) e aspectos pessoais (sentimentos, memórias).

A *agência* refere-se ao campo do comportamento e consiste no exercício do controle sobre o ambiente e o manejo das demandas e pressões ambientais ("docilidade"), resultando ou não em proatividade (uso ativo e criação de novos espaços) e ajuste. Neste trabalho, as variáveis que compõem a agência são estudadas a partir do uso do espaço e do comportamento das pessoas; são medidas a partir da locomoção, mudanças e atividades exercidas nos ambientes pelo indivíduo.

A descrição mais detalhada da estrutura conceitual do trabalho e das variáveis associadas aos processos de agência e pertencimento encontram-se no capítulo 2, na seção 2.7.

De acordo com os objetivos, foram definidos dois grupos de participantes: idosos institucionalizados e idosos não institucionalizados, ambos formados por indivíduos lúcidos.

1.2.4 Estudo de caso

O estudo se desenvolve através de uma pesquisa de campo exploratória, com análise de caso descritivo, múltiplo e abordagem metodológica qualitativa. Esse método não exige controle sobre eventos comportamentais e concentra-se em acontecimentos contemporâneos inseridos em algum contexto da vida real, como é o caso desta pesquisa (YIN, 2005 pp.19-28).

A busca das informações foi realizada por meio de uma revisão bibliográfica e da investigação da realidade local pelo estudo de caso na cidade de Pelotas. Esta cidade é relevante no cenário nacional ao comparar dados do IBGE, que apontou, utilizando dados da Fundação de Economia e Estatística (FEE), no ano de 2010, uma porcentagem igual de idosos para o Brasil e Mundo em 11% e, no mesmo ano, de 15% para Pelotas. Dados mais atuais, afirmam que de 2012 para 2017, o número de idosos corresponde a um crescimento de 18%. O Rio Grande do Sul está entre os dois estados com maior proporção de idosos: 18,6% de sua população possui 60 anos ou mais. Nota-se, pois, que Pelotas já possuía uma média de idosos acima da nacional e mundial em 2010. Por este motivo, torna-se relevante dentro do cenário nacional (IBGE, 20158).

Alguns critérios foram considerados na escolha dos locais: (i) características: atender idosos de diferentes faixas de renda e (ii) disponibilidade: interesse das instituições em participar do estudo.

Assim, foram escolhidas, na cidade de Pelotas, três instituições distintas: a primeira, pública, voltada para idosos em situação de vulnerabilidade social; a segunda, particular, que atende idosos que ganhem, preferencialmente, até um salário mínimo e a terceira, particular, voltada para idosos de renda mais alta

1.2.5 Metodologia e estratégia de ação

Como já mencionado, este trabalho tem suporte na Psicologia Ambiental e nas teorias da Gerontologia Ambiental que fornecem conceitos importantes sobre qualidade de vida e bem-estar na velhice de forma a promover um envelhecimento bem-sucedido em um ambiente de ILPI. A pesquisa utiliza abordagem metodológica qualitativa, desenvolvida a partir de métodos e técnicas da área de estudos da Psicologia Ambiental e conta com uma etapa prévia, o acompanhamento de uma Oficina de Estudos sobre o Envelhecimento Humano. Engloba ainda dois tipos de levantamento de dados: (i) levantamento de arquivo e (ii) levantamento de campo. O último é subdividido em duas etapas (i) levantamento de dados físicos e (ii) levantamento de dados avaliativos.

O levantamento de arquivo refere-se ao levantamento das plantas baixas das instituições investigadas, bem como das legislações que as regulamentam. O levantamento de campo foi dividido em duas etapas. A primeira consistiu no *levantamento de dados físicos*, o qual teve, como finalidade, a coleta de dados físicos que possibilitassem conhecer os espaços internos das instituições. Nessa etapa, foi utilizada a técnica de levantamento físico com registro fotográfico dos espaços. A segunda etapa, o *levantamento de dados avaliativos*, utilizou três métodos: Observação Comportamental, Entrevistas Semiestruturadas e Poema dos Desejos.

O método da *Observação Comportamental* foi realizado por meio da técnica de registro fotográfico do tipo de uso e comportamento das pessoas, com o objetivo de identificar padrões no uso dos espaços e comportamento. As *Entrevistas* foram realizadas a partir de declarações semiestruturadas com idosos institucionalizados, residentes em três instituições (baixa, média e alta renda). O *Poema dos Desejos* foi realizado em idosos não institucionalizados. O objetivo de ambos os métodos foi identificar aspectos do ambiente físico ligados ao processo de pertencimento e à agência.

1.3 ESTRUTURA DO TRABALHO

A dissertação está estruturada em cinco capítulos. O primeiro capítulo expõe a identificação do problema e sua relevância. Posteriormente, é apresentada a proposta de investigação com o problema de pesquisa, objetivo geral e objetivos específicos,

as variáveis envolvidas na pesquisa, apresentação do estudo de caso e da metodologia e estratégia de ação. Por fim, é apresentada a estrutura do trabalho.

O segundo capítulo abrangeuma revisão bibliográfica a respeito do idoso e o bem-estar em ambientes institucionais. Para isso, será estudado o processo de envelhecimento, a definição de seus conceitos e a qualidade de vida na velhice. Posteriormente, será mencionada a Instituição de Longa Permanência para Idosos como alternativa de habitação, as legislações que as regulamentam, algumas premissas projetuais para este tipo de edificação e os impactos na qualidade de vida dos idosos resultantes da transição de lugar de sua moradia para uma ILPI. Serão estudados o processo de Percepção Ambiental, a avaliação da qualidade do ambiente e algumas teorias da Gerontologia Ambiental. A partir dessa revisão, será citado o modelo teórico da Gerontologia Ambiental, Modelo Visão Transacional das Pessoas Idosas em seus Ambientes, que dá suporte ao presente estudo e os dois processos que o compõem: agência e pertencimento.

O terceiro capítulo, descreve a abordagem metodológica e as estratégias da pesquisa usadas no estudo. Será exposta a delimitação das localidades e suas características, os critérios adotados para a seleção dos participantes e os métodos de coleta de dados utilizados. E, por fim, discorre sobre o método de análise desses dados.

O quarto capítulo relata os resultados com as discussões na oficina de estudos e as seguintes análises: (i) dos usos dos espaços e comportamento dos usuários em ILPI´s; (ii) das entrevistas realizadas com idosos institucionalizados; (iii) dos poemas dos desejos realizados com idosos não institucionalizados; (iv) das semelhanças e distinções da percepção entre grupos de usuários residentes em ILPI´s e idosos não residentes. A partir dessas análises, serão expostas as conclusões e considerações finais.

CAPÍTULO 2: O IDOSO E O BEM-ESTAR EM AMBIENTES INSTITUCIONAIS

Este capítulo apresenta o marco teórico que suporta a pesquisa; esclarece o processo de envelhecimento e os conceitos a ele atribuídos; dispõe sobre a qualidade de vida relacionada à moradia, à qualidade do ambiente em Instituições de Longa Permanência e à importância do lugar na velhice. Mostra também as implicações resultantes da transição de lugar, discute as legislações nacionais regulamentadoras das instituições e apresenta algumas discussões referentes a legislações internacionais. Introduz ainda premissas projetuais de ILPI´s no Brasil. São apresentadas as principais teorias da Gerontologia Ambiental e esclarecidos os conceitos que as compõem.

2.1 O IDOSO E O PROCESSO DE ENVELHECIMENTO: DEFINIÇÃO DE CONCEITOS

Envelhecer constitui-se um processo natural, contínuo e gradativo, com início no nascimento e prolongando-se por todas as fases da vida. Os conceitos que o definem estão se transformando ao longo do tempo. A partir de discussões na literatura gerontológica ambiental, são apresentados neste estudo três conceitos: o de *envelhecimento bem-sucedido*, atribuído *a* R. J. HAVIGHURST (apud BEARON, 1996), e dois definidos pela OMS, *envelhecimento saudável* e *envelhecimento ativo*.

O primeiro, e*nvelhecimento bem-sucedido* (Figura 2.1), é utilizado em termos gerais para descrever uma “boa velhice”. Os estudos que buscam conceituá-lo fazem parte das teorias da Gerontologia Ambiental e trazem possibilidades de conciliação entre a aparente contradição entre o *envelhecimento bem-sucedido* e a Institucionalização (TOMASINI; ALVES, 2007).

De acordo com Neri (2004), os parâmetros mais aceitos sobre o que define uma velhice bem-sucedida ou ótima e que, em contraste, são utilizados para definir suas patologias são: ausência de doenças físicas e mentais crônicas e de

incapacidades funcionais que comprometem o funcionamento em níveis esperados para pessoas adultas numa dada sociedade; ausência de fatores de risco, tais como hipertensão, tabagismo e obesidade; manutenção do funcionamento físico e mental e engajamento ativo com a vida.

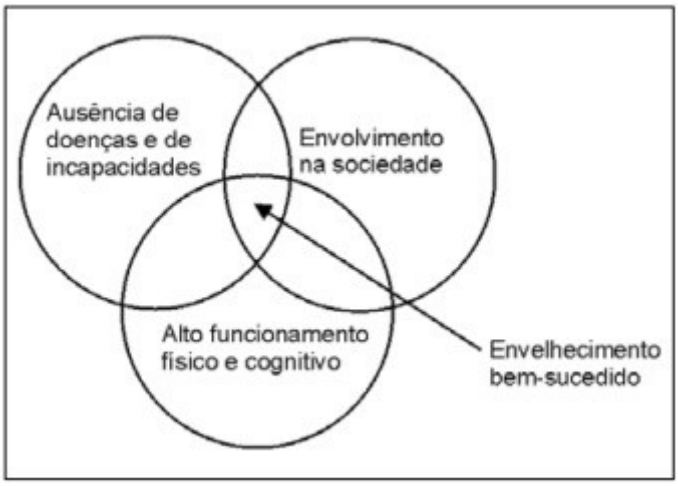


Figura 2.1: Modelo de envelhecimento bem-sucedido de Rowe e Kahn (1997 apud HOOYMAN e KIYAK, 2001, p. 191).

No entanto, Tomasini (2007) chama atenção para algumas restrições atribuídas a este termo, o qual pode ser relacionado ao sucesso econômico. Neri (1995, p. 34), considera que o termo suscita a polêmica “quando se entende que em bem-sucedido existe uma conotação de bem-estar econômico associado a uma exacerbação do individualismo”.

Em relação aos processos de envelhecimento, a OMS refere-se tanto ao *envelhecimento saudável*, quanto ao *envelhecimento ativo*, sendo que este último foi adotado no final dos anos 90 e transmite uma abordagem mais abrangente do que o *envelhecimento saudável*, no momento em que reconhece os fatores que afetam o modo como os indivíduos e as populações envelhecem (OMS, 2015).

Ao abordar o conceito de *envelhecimento ativo*, torna-se importante diferenciar os dois polos que caracterizam essa fase da vida: o primeiro com a representação do idoso ativo, que sabe envelhecer, capaz de aproveitar a vida e ser útil à sociedade; e o outro, representado pela dependência, solidão e isolamento (PEREIRA, 2012).

Caracterizando a figura do idoso ativo, ao referir-se ao processo de envelhecimento, a OMS descreve o e*nvelhecimento ativo* como o “processo de otimização das oportunidades de saúde, participação e segurança, com o objetivo de

melhorar a qualidade de vida à medida que as pessoas ficam mais velhas". O envelhecimento ativo permite que as pessoas percebam o seu potencial para o bem-estar físico, social e mental ao longo do curso da vida, e que essas pessoas participem da sociedade de acordo com suas necessidades, desejos e capacidades; ao mesmo tempo, propicia proteção, segurança e cuidados adequados, quando necessários (OMS, 2002).

Segundo Pereira (2012), o outro polo é representado pela dependência e está, em grande parte, ligado à fragilidade decorrente do processo de envelhecimento. Este processo é consequência de mudanças significativas em três aspectos principais: socioeconômico, psicocognitivo e biológico/funcional, que acarretam mudanças expressivas no cotidiano do idoso (PEREIRA, 2012).

O aspecto socioeconômico geralmente está ligado à aposentadoria, que representa o desligamento do mercado de trabalho, o afastamento dos vínculos sociais e, muitas vezes, uma redução do poder aquisitivo. A situação de vida, neste momento, é determinante na forma como o idoso vai lidar com essa transição, com destaque para a segurança econômica, o acesso à moradia própria, à condição de saúde e à perspectiva de projetos futuros nos quais investir o tempo livre. À perda econômica, soma-se, muitas vezes, o sentimento de baixa autoestima e desqualificação, decorrente da anulação da identidade profissional. O preconceito em relação ao idoso também tem origem na supervalorização do trabalho e da produção na sociedade capitalista (ASSIS, 2004).

As transformações psicológicas estão ligadas à forma como os indivíduos percebem e lidam com as situações da vida e com as transformações decorrentes do processo de envelhecimento. Isso determina, em grande parte, uma velhice saudável ou patológica. É o momento em que o idoso se depara com perdas significativas de familiares e amigos. Tais fatores podem motivar o desânimo e o vazio existencial perante a própria vida, a proximidade da morte e o isolamento com a perda do lugar social ligada à chegada da aposentadoria, afetando a autoestima (TEIXEIRA, 2004).

No aspecto psicognitivo, acentuam-se as modificações na inteligência, na memória, na aprendizagem e no tempo de reação. As aptidões psicomotoras tornam-se reduzidas, resultando em dificuldades de coordenação na agilidade mental e nos

sentidos; a função cerebral é comprometida, fato evidenciado pela perda da memória de curta duração (MAZO et al., 2004).

Nas transformações biológicas, a funcionalidade do corpo e suas respectivas funções - visual, auditiva, motora, gustativa, cardiorrespiratória - podem ser extremamente reduzidas e até mesmo extintas. Embora as alterações na aparência sejam as mais sentidas, como o embranquecimento dos cabelos e a transformação na pele, verifica-se ainda a redução do tônus muscular, agravada após os 50 anos, afetando especialmente a região do tronco e das pernas, e uma redução na flexibilidade das articulações dos braços, (IIDA, 2005; BIANCHI, 2013).

O órgão responsável pela visão é um dos mais afetados no processo de envelhecimento, especialmente por estar exposto às ações externas e internas, como poeira, luz, doenças, entre outros, ao longo dos anos (MENDES, 2008). Em termos fisiológicos, duas situações em especial acometem a visão do idoso: a redução da capacidade de focalização (miose e presbiopia) e o amarelamento da visão em função do aumento da densidade e redução da transparência do cristalino. Por isso, há a necessidade de uma iluminação mais intensa do que para um jovem de vinte anos. A perda auditiva torna-se mais evidente a partir dos 50 anos e continua a existir com o passar dos anos, especialmente no caso de sons agudos. Entretanto, é importante destacar que tais transformações acontecem de maneiras diferentes em cada pessoa (MENDES, 2008; FAUBERT, 2002 apud PARREIRA, 2014 ; SCHIEBER, 2006; IIDA, 2005).

2.2 QUALIDADE DE VIDA E MORADIA NA VELHICE

A qualidade dos ambientes próprios para idosos interfere de forma direta ou indireta no processo de envelhecimento. O ambiente pode ser favorável, contribuindo para torná-lo ativo, estimulando atividades e aumentando as competências existentes ou pode contribuir para que o indivíduo se torne sedentário e dependente (BIANCHI, 2013; TOMASINI, 2008). A visão da qualidade relacionada à moradia, segue uma abordagem holística e abrangente na medicina atual, já que o “bem-estar físico e mental estão intimamente relacionados e vinculam-se à qualidade de vida” (CAVALCANTI, 2011, p. 45).

Lawton (1991 apud NERI, 2000) explica que a qualidade de vida na velhice depende da interação de vários elementos ao longo da vida do indivíduo e estariam relacionados a: (i) condições físicas do ambiente, (ii) condições biológicas do indivíduo, condições oferecidas pela sociedade e rede de relações de amizade e parentesco, e (iii) avaliações das pessoas sobre os efeitos dessas condições e dos efeitos delas sobre seu bem-estar. Por este motivo, embora vivam em ambientes bem adversos como os asilos em condições precárias, é possível encontrar pessoas que dizem estar satisfeitas com sua vida, ou, ao contrário, pessoas vivendo em ambientes muito bons, mas insatisfeitas com sua vida (TOMASINI, 2008).

Com a redução do preparo físico, o ambiente passa a determinar o comportamento dos indivíduos, especialmente para aqueles dependentes ou incapacitados. Isso pode contribuir para a dependência e a restrição do espaço de vida ou ser favorável e adaptável, estimulando atividades e aumentando as competências existentes bem como os recursos pessoais (LEHR, 1999 p.24).

Sommer (1973) aponta que, para moradia de pessoas idosas, geralmente são recomendadas diretrizes básicas relacionadas com aspectos físicos do ambiente, como: uma boa iluminação, pisos antiderrapantes, rampas, entre outras. No entanto, outras questões que podem acarretar problemas maiores, como a segregação social, despersonalização, privacidade e apropriação do ambiente, são ignoradas. O autor argumenta que, para o usuário sentir-se inserido, há a necessidade de participar do ideário acerca do espaço que habita, mesmo que seja uma ILPI. Em sua maior parte, tais instituições são planejadas em função dos interesses da sociedade, e não dos interesses dos indivíduos (SOMMER, 1973 apud MILANEZE, 2013).

Tomasini (2008) também aborda a importância da participação dos usuários idosos no processo de planejamento dos espaços abertos em ILPI, através do *design* social. Segundo o autor, esse envolvimento direto dos usuários no processo de projeto, produz ambientes mais adequados às suas necessidades.

Em sua tese, Bestetti (2006) relaciona alguns aspectos que devem ser atendidos em uma habitação adequada de moradia para longevos:

- Garantir à pessoa idosa, com autonomia física, mental e econômica, uma vida confortável em um ambiente acessível, calmo e humanizado;

- Contribuir para a melhoria da qualidade de vida dos indivíduos idosos e de suas famílias, prevenindo situações de dependência, promovendo a autonomia e criando condições que permitam preservar e incentivar as relações interfamiliares;
- Apoiar os moradores na satisfação das necessidades e atividades da vida diária, tendo em vista a manutenção da autonomia e independência;
- Incentivar a participação e potencializar a inclusão social, fomentando as relações interpessoais e intergeracionais, garantindo apoio psicossocial aos moradores de modo a contribuir para seu equilíbrio e bem-estar;
- Proporcionar serviços adequados à problemática biopsicossocial dos idosos, favorecendo a permanência dessas pessoas no seu meio habitual de vida e assegurando bem-estar através de conforto e segurança;
- Garantir aos moradores um ambiente sociofamiliar afetivo propício à satisfação das suas necessidades e ao respeito pela sua identidade, personalidade e privacidade.

Pelo exposto, fica evidente que a qualidade de vida do indivíduo que envelhece pode ser influenciada por sua habilidade de manter autonomia e independência. Revela-se importante, pois, que os ambientes ofereçam condições adaptadas às necessidades dos idosos, tanto para os que envelhecem sem doenças quanto para aqueles que se tornam frágeis e dependentes, em consequência do processo de envelhecimento, para que estes indivíduos possam funcionar no ambiente físico e social (MARTIN et al., 2005.; NERI, 2000). Uma vez que o ambiente seja adequado ao indivíduo, ele se torna mais facilmente e positivamente apropriável, e assim favorece seu uso e permite ao usuário sua expressão por meio do ajuste, cuidado, controle, demarcação e personalização (CAVALCANTI; AZEVEDO; ELY, 2009).

Os estudos apontam que os idosos têm alto grau de estabilidade residencial, ou seja, permanecem por muito tempo na mesma residência. Segundo pesquisas feitas na Alemanha e Estados Unidos, idosos com idades entre 70 e 85 anos permanecem em média 30,6 anos na mesma residência (ROWLES; OSWALD; HUNTER, 2003).

Em suas investigações sobre ambientes internos para os mais velhos, Rowles, Oswald e Hunter (2003) reforçam a ideia de que os idosos tendem a gastar mais tempo nos ambientes internos da casa do que os jovens. Isso pode ser explicado por sustentarem uma redução progressiva do alcance espacial das atividades (MOSS & LAWTON, 1982; ROWLES, 1978). Por esse motivo, o espaço interno em residências é vital na velhice, tanto em termos do tempo gasto em casa para realizar atividades necessárias, quanto na criação do lugar como um cenário para essas atividades.

Os autores afirmam ainda que a maioria das pessoas dessa faixa etária deseja viver de forma independente pelo maior tempo possível. Assim, eles são capazes de modificar ativamente o seu ambiente, mesmo quando sofrem uma perda de competência ambiental. Além da modificação ambiental, existem evidências de adaptação comportamental no uso dos espaços, com a tendência recorrente para a centralização ambiental, especialmente em torno dos locais mais favorecidos em casa, com o estabelecimento de “centros de controle” (LAWTON, 1985; OSWALD e WAHL, 2005; RUBINSTEIN e PARMELEE , 1992).

A literatura sobre o envelhecer no lugar refere-se ao valor do lar como um aspecto de qualidade de vida na velhice. Porém, na teoria, existe pouca informação que dê suporte à identificação e preservação dos componentes essenciais que dão sentido à casa. Em parte, isso pode ser atribuído à crença predominante de que a habilidade de permanecer no espaço por si mesmo é fator importante e benéfico, ao invés de entender que o sentido da casa é composto por elementos (ou objetos) que estão contidos dentro do espaço (SHERMAN e DACHER, 2005 p. 76).

Os estudos sobre a relação pessoa-ambiente na velhice caracterizam-se, especialmente, pelas dimensões físicas, facilmente monitoradas, como a disponibilidade de recursos e as barreiras à mobilidade. Essa ênfase na acessibilidade ambiental, na usabilidade e na redução de riscos através de ambientes fisicamente capacitores, muitas vezes, negligencia vínculos psicológicos com os ambientes internos das residências, os quais são igualmente importantes na relação entre a pessoa e o lugar e que melhoram expressivamente a qualidade de vida dos idosos (OSWALD e DANFORD, 1999 apud ROWLES, OSWALD, HUNTER, 2003).

Como exemplo, os autores consideram que os lugares mais confortáveis e favorecidos em casa podem não só permitir a manipulação de itens físicos

necessários, mas também podem ser selecionados para permitir uma boa visão fora da janela, criando assim uma zona de vigilância e facilitando a ligação com o mundo exterior (ROWLES; OSWALD; HUNTER, 2003).

Neste contexto, a Instituição de Longa Permanência para Idosos surge como uma alternativa para moradia de idosos.

2.3 INSTITUIÇÕES DE LONGA PERMANÊNCIA PARA IDOSOS COMO ALTERNATIVA DE HABITAÇÃO

Não existe um consenso a respeito da nomenclatura habitação específica para idosos. Um dos motivos é a origem desse tipo de instituição, já que, inicialmente, eram abrigos destinados à população carente que deles necessitava. Por esse motivo, muitas instituições se autodenominam abrigos. Outras tentam oferecer aos residentes um espaço que reproduza a vida em família. Algumas, por exemplo, se autodenominam lares. Muitas delas são pequenas, têm menos de dez residentes e funcionam em casas (CAMARANO et al, 2010; CAMARANO e BARBOSA, 2016).

O envelhecimento da população e suas consequências nos indivíduos, como a redução da capacidade física, cognitiva e mental, estão demandando que as instituições passem a fazer parte também da rede de assistência à saúde e não apenas da rede de assistência social (CAMARANO e BARBOSA, 2016). Por este motivo, a Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG) sugeriu a adoção da denominação “Instituição de Longa Permanência para Idosos”, fazendo uma adaptação do termo utilizado pela Organização Mundial de Saúde, *Long-Term Care Institution* (COSTA, 2004).

Segundo a RDC/283, a ILPI é uma “Instituição mantida por órgãos governamentais e não governamentais, destinada a propiciar atenção integral em caráter residencial com condições de liberdade e dignidade, cujo público alvo são as pessoas acima de 60 anos, com ou sem suporte familiar, de forma gratuita ou mediante remuneração. A instituição deve ter capacidade máxima para quarenta residentes por modalidade” (ANVISA, 2005).

Essa definição ampla, que agrega vários tipos de instituições, acaba não as diferenciando em função do grau de autonomia dos idosos. Na literatura e na

legislação, também são encontradas referências indiscriminadamente a ILPI´s, casas de repouso e asilos (CAMARANO, 2007a; CAMARANO et al., 2010).

2.3.1 Legislações e as Instituições de Longa Permanência para Idosos

No Brasil**,** as legislações que regulamentam as ILPI´s, RDC/283 (ANVISA, 2005) e o Estatuto do Idoso, atentam especialmente para os aspectos físicos do ambiente, como, por exemplo, questões de acessibilidade e higiene.

De acordo com o Estatuto do Idoso, destinado a regular os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a 60 anos, as ILPI´s que abrigarem os idosos devem provê-los de alimentação regular e higiene, atendendo às normas sanitárias, bem como situar-se preferencialmente no pavimento térreo. Constituem ainda como obrigações, oferecer instalações físicas em condições adequadas de habitabilidade (BRASIL, 2003).

A RDC/283, “considerando a necessidade de definir os critérios mínimos para o funcionamento das Instituições de Longa Permanência, de natureza pública ou privada e Instituição Residencial sob Sistema Participativo; destinadas a abrigar em caráter residencial o idoso” aprova o regulamento técnico que define, entre outros itens, normas de funcionamento para as ILPI´s. Dentre as obrigações das Instituições, está o dever de “assegurar as condições mínimas de funcionamento das instituições de atendimento ao idoso com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos, de modo a garantir a atenção integral, defendendo a sua dignidade e os direitos humanos“ (BRASIL, 2005).

No que diz respeito à infraestrutura física, o Regulamento Técnico da Anvisa aborda uma série de recomendações sobre a acessibilidade, como largura das circulações e portas, acessos e espaçamento entre camas. Quanto às cores internas, as únicas recomendações tratam do contraste entre as cores das paredes e portas e de paredes e janelas, visando à segurança no ambiente.

Apenas o Estatuto do Idoso refere-se de forma superficial e generalizada à “preservação da identidade do idoso e oferecimento de ambiente de respeito e dignidade”, sem aprofundar ou esclarecer de que forma isso poderia ser aplicado. De uma forma geral, tanto o Estatuto do Idoso quanto a Resolução da Anvisa, não abordam questões referentes ao bem-estar, voltadas para a questão estética dos

espaços e ignoram especificações subjetivas essenciais para um envelhecimento com maior qualidade de vida.

Ainda sobre a RDC 283 de 2005, é relevante para a pesquisa compreender a classificação, segundo o grau de dependência do idoso: (i) Grau de Dependência I - idosos independentes, mesmo que requeiram uso de equipamentos de autoajuda; (ii) Grau de Dependência II - idosos com dependência em até três atividades de autocuidado para a vida diária, tais como: alimentação, mobilidade, higiene; sem comprometimento cognitivo ou com alteração cognitiva controlada; (iii) Grau de Dependência III - idosos com dependência que requeiram assistência em todas as atividades de autocuidado para a vida diária e ou com comprometimento cognitivo ANVISA, 2005).

Em outros países como, por exemplo, nos Estados Unidos, a legislação é um pouco mais abrangente. Lá existe o *Medicare*, um programa governamental de assistência à saúde dos idosos, responsável por fiscalizar e classificar suas *nursing homes* em até cinco estrelas. Esta classificação depende de fatores como os resultados das inspeções sanitárias dos últimos três anos, o tempo e o nível de assitência fornecida diariamente a cada residente (US, 2018).

Através do site do *Medicare*, a população americana tem acesso ao *Nursing Home Compare*, disponibilizado pelo governo e que oferece um campo para escolha da instituição, um *cheklist* para ser preenchido durante a visita na provável ILPI e o ranking atualizado do comparativo dos últimos resultados encontrados seis meses anteriores.

Entre outras premissas, o *Medicare* reforça que os espaços devem reproduzir um lar, proporcionando um bem-estar físico e social. Além disso, essas casas devem ser projetadas com design amigável, sem barreiras e que atendam às necessidades de longo prazo.

Dos cinco atributos para o desenho de uma instituição de moradia para idosos propostos pelo Instituto Nacional de Ciências da Construção dos Estados Unidos, dois podem ser destacados (US, 2018 apud Leite 2010):

- Ambiente acolhedor e terapêutico: ambiente preparado para as alterações decorrentes do envelhecimento, com um espaço cujas dimensões e escalas permitam

luz natural, uma variedade de experiências espaciais e vista para o exterior. Deve ser também contemplado com o uso de objetos familiares que orientem os moradores (como calendário, relógio, lembretes, etc.). Os espaços da instituição devem ter cores e texturas variadas e agradáveis, escolhidas com cuidado para que não desorientem ou causem agitação nos residentes. Além disso, devem ser espaços que permitam personalização, privacidade, escolha e controle. A autonomia dos residentes também deve ser favorecida, tornando os espaços fáceis de identificar e utilizar.

- Estética: a estética está intimamente relacionada à criação de um ambiente terapêutico e acolhedor. As considerações estéticas para uma instituição para idosos incluem: o maior uso da luz natural, materiais naturais e texturas; uso de arte; atenção às proporções, cor, escala e detalhes; ambientes claros com espaços públicos generosamente dimensionados e integrados a outros espaços; uso de escala íntima para quartos; ambiente com aparência de domicílio e não hospitalar.

Exemplos de ILPI´s nos Estados Unidos são as instituições da Fundação *Hearthstone*, rede norte-americana de atendimento especializada em portadores da doença, da qual o arquiteto John Zeisel é presidente e co-fundador (Figura 2.2). As fotos das instituições que estão disponíveis no site são tiradas pelos próprios idosos e apresentadas a partir do que eles querem mostrar sobre sua casa. Em seus estudos sobre demência em idosos, o pesquisador aponta diversos fatores ambientais estimuladores da agressividade, agitação, isolamento social e distorções visuais, comuns nesses pacientes.

a) 

b) 

c) 

d) 

Figura 2.2: Unidades *Hearthstone:* a) fachada unidade Marlborough; b) jardim unidade Marlborough; c) fachada unidade Woburn; d) jardim unidade Woburn. Fonte: site https://www.thehearth.org

Com base na arquitetura comportamental, Zeizel procurou desenvolver oito tópicos espaciais fundamentais para a garantia de uma melhor qualidade de vida aos portadores de Alzheimer. Dentre eles: (i) soluções espaciais que estimulem a identificação do paciente com o local, como conferir ao edifício uma aparência semelhante à de suas antigas residências; (ii) decoração dos dormitórios com objetos e características individuais do habitante; (iii) multiplicidade de espaços públicos, jardins terapêuticos e busca pela independência do idoso (COLUCCI, 2007).

Diversos estudos (BESTETTI, 2006; LEITE, 2010; BIANCHI, 2013; MILANEZE, 2013) apresentaram exemplos e analisaram as características arquitetônicas de instiuições no Brasil e no mundo. Por este motivo, optou-se por apresentar apenas algumas premissas projetuais do Hilea, instituição nacional em que o arquiteto John Zeizel foi consultor na área de arquitetura comportamental.

2.3.2 Premissas projetuais em ILPI´s no Brasil

No Brasil, algumas instituições já buscam, em suas premissas de projeto, atender às questões mais subjetivas no ambiente de moradia. É o caso do Hilea, projetado pelo escritório de arquitetura Aflalo & Gasperini, para ser um complexo dirigido a pessoas da terceira idade, integrando a função residencial com serviços,

clínica médica e clube, com especialização em pessoas com doença de Alzheimer (Figura 2.3). Embora esse complexo tenha encerrado suas atividades para esta função, algumas premissas projetuais relevantes para o trabalho podem ser elencadas (LEAL, 2009).

a) 

b) 

c) 

Figura 2.3: Complexo Hiléa: a) fachada, b) sala atividades, c) dormitório

O projeto explora uma combinação de volumes sobrepostos, em que o grande volume horizontal é reservado para os espaços de convivência e um volume vertical, sobreposto a esse, é destinado aos quartos privados. Na cobertura, uma proposta de espaço diferenciado para a UTI, com grandes janelas voltadas para um jardim, permite que o paciente internado tenha contato com o exterior.

O idoso precisa estar inserido no contexto urbano, em ambientes especialmente projetados para seu conforto e que prevejam soluções para suas dificuldades de locomoção, visão ou discernimento. A frente do terreno foi ocupada por um volume como se fosse uma caixa quadrada, onde se encontram espaços destinados a lazer e múltiplas atividades. No térreo, há restaurante, sala para reuniões e festas, estar com lareira, bilhar, praça.

O primeiro pavimento é dedicado aos pacientes com Alzheimer e às suas necessidades especiais. Aqui os espaços não podem ter muita transparência para evitar que os pacientes percebam o cair da tarde e se deprimam. Outro dado importante é que eles precisam ter referências do passado, visto que sua memória é bastante remota. Assim, a praça com pé-direito duplo tem cobertura com iluminação

zenital e é ambientada como um cenário de 50 anos atrás - postes antigos, piano de cauda, cinema com programação de filmes antigos, barbearia, livraria e mesinhas.

No pavimento reservado aos idosos com Alzheimer, cada suíte pode acomodar uma pessoa ou um casal. Na parede atrás da cama, um quadro camufla toda a parafernália de equipamentos hospitalares para casos de emergência. Para bem-estar emocional de internos e familiares, mobília e objetos de decoração pessoais podem ser instalados nos quartos.

Aproveitando o declive do terreno, os arquitetos utilizaram o primeiro subsolo, que se abre para os jardins, e ali instalaram piscina coberta, sauna, salas de musculação, salas de fisioterapia e massagem, ateliês de pintura, cabeleireiros e sala para crianças - estas, um estímulo para que filhos e netos visitem seus pais e avós sem aborrecer as crianças, e sem que elas aborreçam os mais velhos.

Embora tenha uma arquitetura contemporânea, materiais práticos e funcionais, houve o cuidado de aquecer visualmente a edificação com o uso de madeiras, como o ipê nos ripados colocados no térreo, nos terraços e na cobertura, estabelecendo unidade plástica ao conjunto. A mesma madeira reveste os pilares estruturais aparentes. Promovendo contraste de tonalidades, o volume da frente recebeu revestimento de placas pré-moldadas de laminado melamínico em cor clara.

2.4 A TRANSIÇÃO DE LUGAR E VELHICE

A vida é vista como uma sequência interminável de transições de lugares. Alguns exemplos incluem a transição da escola para a esfera do trabalho, do mundo do trabalho para a aposentadoria e da residência para uma ILPI (WAHL; OSWALD, 2010).

As ideias sobre transições de lugares e casas sugerem que a moradia, como lugar, não é aspecto objetivo e estático. A experiência de lar é um processo pessoal e social, entrelaçado com a individualidade e com os contextos sociais e históricos maiores dentro dos quais vivemos (CUTCHIN, 2013 p.109).

A transição de um lugar para outro faz parte da vida das pessoas, jovens e velhos, vulneráveis ou não. Embora existam diversas razões para mudar de residência, as questões relacionadas à transição na velhice merecem destaque em

função da fragilidade física e cognitiva que os indivíduos podem carregar consigo (Chaudhury e Rowles, 2005).

A transição de lugar involuntária pode acarretar uma série de traumas para os idosos, como afirmam Rowles e Chaudhury (2005, p.4*):* "Relocações involuntárias e separação do senso de identidade têm mostrado que geram consequências patológicas e podem elevar as taxas de morbidade e mortalidade"*,* podendo comprometer seriamente a saúde funcional, reduzir a satisfação com a vida e minar o bem-estar psicológico. No momento da institucionalização, na maioria dos casos, o idoso perde boa parte das suas referências, autonomia, noção de dignidade, individualidade, familiaridade, entre outros e, por este motivo, a influência do ambiente físico é especialmente crítica.

Cada uma dessas rupturas da relação com os espaços internos ameaça rotinas e hábitos pessoais profundamente enraizados, rompem uma sensação estabelecida de *estar no lugar* e podem ser gravemente prejudiciais ao nível de funcionamento e bem-estar de uma pessoa idosa. Tais rupturas criam uma sensação de estar fora de controle e *fora do lugar* (ROWLES; OSWALD; HUNTER, 2003).

Por este motivo, sempre que possível, a tomada de decisão pela institucionalização deve ser do próprio idoso ou com sua participação e com várias opções de escolha (SALDANHA, 2004). Os idosos que são capazes de exercer a escolha, não necessariamente relatam respostas negativas às mudanças, tanto no seu ambiente doméstico, quanto na transição de lugares (OSWALD, SCHILLING, WAHL e GÄNG, 2002).

A possibilidade da escolha por parte do idoso traz consigo um modo de expressão e a sensação de liberdade e autonomia, que serão facilitadores da identificação e apropriação com o novo espaço. Essa expressão se dá através da escolha do tipo de bairro, de moradia, de expressão arquitetônica do edifício, da forma como o ambiente está organizado internamente. Ela traduz o seu modo de vida, seus sistemas de valor, seus gostos particulares, entre outros (COELHO, 2000 p. 339).

Ainda que o idoso tenha autonomia e liberdade para escolher sua nova moradia, ele enfrenta o desafio que a transição de lugar traz consigo: a transição de valores. Os autores Rowles, Oswald e Hunter (2003) sugerem que os significados dos

ambientes internos devam ser considerados como recursos importantes na adaptação do indivíduo à mudança, especialmente para os idosos, que ao logo da vida acumulam uma riqueza de tais significados. Deste modo, torna-se importante que os objetos que possuem grande valor sentimental e memorial acompanhem o idoso neste processo, pois podem contar muito sobre os indivíduos, suas características, grupo social e econômico e podem servir para compreender a maneira como eles veem o mundo: *"memória e a identidade estão indissoluvelmente ligadas"* (CANDAU, 2011, p.10 apud NERY et al., 2015).

Transformar novos espaços em lugares pode se tornar mais difícil à medida que as pessoas envelhecem, uma vez que a familiaridade da rotina facilita a superação das limitações físicas crescentes. Ao se mudar para outro lugar, um idoso pode não ser capaz de compensar a perda da consciência corporal que possuía no espaço de sua antiga residência e que lhe permitiu funcionar de forma eficaz (LAWTON e NAHEMOW, 1973; ROWLES; OSWALD; HUNTER, 2003).

A transição de lugar, sob o ponto de vista sociocultural, também pode dificultar a criação de relacionamentos com novas pessoas que compartilham o mesmo espaço interno. Um novo colega de quarto pode ter um estilo diferente de usar este ambiente compartilhado, e pode ter uma rotina diária diferente, uma preferência incompatível para o arranjo do mobiliário e "controle" de sua própria parte no espaço (EVERARD, ROWLES e HIGH, 1994).

A literatura gerontológica enfatiza a importância de se envelhecer no seu próprio lugar e comunidade, intensificando o sentimento de pertencimento e identidade. Partindo deste princípio, as ILPI's devem reproduzir o ambiente residencial, mantendo as características de um lar, reforçando a sensação de *estar no lugar.*

A sensação de *estar no lugar* pode contribuir para a qualidade do lugar, promovendo o *bem-estar*, ainda que o ambiente não seja considerado perfeito em todas as dimensões. *Estar no lugar* está ligado a dimensões de familiaridade e hábitos, ao sentimento de confiança ambiental, ao investimento emocional no próprio lugar, a presença dos artefatos pessoais significativos. Dessa forma, à medida que a pessoa envelhece, é possível que os apoios ambientais, tais como experimentados não só objetivamente, mas também, e talvez de forma ainda mais significativa,

subjetivamente, tornem-se cada vez mais importantes para a saúde mental e física (ROWLES, OSWALD e HUNTER, 2003).

Para entender de que forma ocorre a relação pessoa-ambiente, é importante considerar os estudos da Percepção Ambiental.

2.5 O PROCESSO DE PERCEPÇÃO AMBIENTAL E AVALIAÇÃO DA QUALIDADE DO AMBIENTE

A abordagem perceptiva e cognitiva, adotadas na área de estudo Ambiente e Comportamento, objetiva investigar as relações entre as características físico-espaciais do ambiente construído e o comportamento dos indivíduos. Seu foco está na aplicação de métodos das ciências sociais, para permitir a análise e avaliação da qualidade do ambiente construído (REIS; LAY, 2006).

Para designar todo o processo de interação do homem com o ambiente, comumente é usado o termo *percepção ambiental*. Esse processo é compreendido como um conjunto de sensações, experiências, memórias e sentimentos ligados ao contexto sociofísico, cultural e temporal experienciado pela pessoa com relação a um lugar. O processo de percepção ambiental engloba vários estágios com diferentes profundidades de interação, os quais geralmente são descritos em termos de atividades concretas, nomeadamente, percepção, cognição e avaliação (TUAN, 1980).

O termo *percepção* (atividade de percepção) está relacionado ao processo pelo qual os usuários obtêm informação dos lugares através de estímulos que podem ser relatados por quatro sentidos humanos: visão, audição, olfato e toque (ARNHEIM, 1969; MOORE E GOLLEDGE, 1976; RAPOPORT, 1978; REIS; LAY, 2006).

O termo *cognição* (atividade de cognição) refere-se ao processo pelo qual aquilo que é percebido adquire valor, envolvendo a construção de sentido. É o processo relacionado com armazenamento, organização das imagens do ambiente, memória, valores, conhecimento, personalidade e significado. Os processos de aprendizado, memória e generalização são fundamentais no desenvolvimento da capacidade do indivíduo de adaptar as suas atividades a um dado ambiente construído e/ou adaptar o ambiente construído, através de modificações físicas, às suas necessidades (WEBER, 1995; REIS; LAY, 2006).

No caso dos idosos, esses ajustes podem ser indispensáveis, por exemplo, pela perda na capacidade funcional, implicando na necessidade de se mudar para um ambiente com maior acessibilidade. Considerando que o processo cognitivo depende do universo individual de cada pessoa, os significados simbólicos associados com os lugares podem ser influenciados por valores culturais e experiências individuais acumuladas, positivas ou negativas (GIBSON, 1966; BESTETTI, 2014).

Os processos cognitivos representam importante papel como variáveis mediadoras nas respostas avaliativas dos idosos, já que a ênfase nos significados (processos cognitivos) dos ambientes influenciados por valores culturais e experiências são considerados como recursos importantes na adaptação do indivíduo à mudança de ambiente (ROWLES; OSWALD; HUNTER, 2003).

Como resultado do processo de percepção ambiental, surge uma imagem interpretada do ambiente percebido, que provoca atitude em relação ao ambiente, isto é, sentimentos favoráveis ou desfavoráveis relacionados a algumas características ambientais. A partir dessa avaliação, é obtida a consideração sobre a qualidade de determinado ambiente e o comportamento determinado por ele (REIS; LAY, 2006).

As avaliações efetuadas pelas pessoas estão relacionadas com: (i) à aparência do ambiente e suas características e (ii) aos sentimentos dos indivíduos em relação às peculiaridades ambientais. A avaliação do primeiro tipo é chamada julgamento perceptivo e cognitivo e consiste em reação imediata e em ato de atribuição de valor; a avaliação do segundo tipo é denominada emocional e refere-se à mudança do estado psicológico da pessoa, resultando em algum sentimento provocado, tal como, por exemplo, bem-estar. Da mesma forma, em um ambiente avaliado como perigoso, o sentimento provocado será de medo (WARD E RUSSELL, 1981; RUSSELL E SNODGRASS, 1989 apud NAOUMOVA, 2009).

Embora as etapas do processo de percepção ambiental estejam interligadas e sejam inseparáveis, algumas teorias concentram-se em abordagens específicas e analisam o processo de percepção e o processo de cognição em separado. Dentre as considerações teóricas, com ênfase no processo cognitivo, está a Teoria Transacionalista (ITTELSON, 1962; RAPOPORT, 1978).

A abordagem cognitiva da Teoria Transacionalista enfatiza a experiência pessoal e concentra-se na relação transacional (de trocas recíprocas) entre indivíduos e ambiente, vistos como um sistema inseparável. Aqueles, a partir de suas experiências, motivações e valores pessoais, prestam atenção e valorizam diferentes aspectos deste. Desse modo, vivenciam e interpretam os lugares de forma distinta.

Outra importante ressalva da teoria, diz respeito à seletividade da percepção ambiental, pois embora a percepção deva ser uma forma de decodificar aspectos do ambiente, não pode ser encarada como principal responsável por ele ou mesmo como um modo de estudá-lo em sua totalidade (ELALI, 2004).

Isso acontece porque, não tendo arcabouço físico e/ou cognitivo adequado à captação e assimilação de todas as informações disponibilizadas pelo ambiente, o ser humano precisa concentrar sua atenção em alguns de seus aspectos mais importantes no momento. As escolhas estão relacionadas aos aspectos cognitivos e são frutos dos interesses, da motivação, da individualidade das pessoas (idade, gênero, condições físicas, fase do ciclo vital, *background* social, cultural, educacional, psicológico, entre outros), e ainda do tipo de relação que cada pessoa mantém com o local (ITTELSON, 1973; GIFFORD, 1997). Tais situações vivenciais explicam o fato de que um mesmo ambiente e seus elementos podem ser percebidos e avaliados diferentemente pelos distintos indivíduos que delas usufruem ou usufruíram, ou seja, as pessoas prestam atenção naquilo que é importante para elas (TUAN, 1983).

Os estudos sobre idosos adotam como princípio básico que a velhice é uma fase crítica no curso da vida e se caracteriza pela profunda influência do ambiente físico. Para entender de que forma ocorre essa relação pessoa-ambiente na velhice, e como o processo de envelhecimento é influenciado por esta relação, julgou-se relevante abordar os estudos realizados da Gerontologia Ambiental, com suas diferentes teorias.

2.6 GERONTOLOGIA AMBIENTAL E A INSTITUCIONALIZAÇÃO

A Gerontologia Ambiental surge na década de 60, em consequência de algumas investigações que destacavam os efeitos negativos da institucionalização do grupo em foco. Já na década de 70, seu interesse passou a centrar-se nas diversas

formas de como o ambiente pode afetar o comportamento dos indivíduos dessa faixa etária (IZAL; FERNÁNDEZ-BALLESTEROS, 1990).

O conceito da Gerontologia Ambiental é interdisciplinar, envolve a psicologia, sociologia, arquitetura, urbanismo entre outros e, em linhas gerais, aborda o intercâmbio entre pessoa-ambiente no processo de envelhecimento. O principal objetivo da Gerontologia Ambiental é descrever, explicar, modificar e otimizar a relação entre a pessoa em processo de envelhecimento e seu ambiente físico-social (WAHL; OSWALD, 2010; WAHL & WEISMAN, 2003 apud TOMASINI, 2008).

Uma de suas premissas é que as condições ambientais que permitem aos idosos desempenharem comportamentos biológicos, sociais e psicológicos adaptativos estão entre as dimensões mais relevantes para envelhecer com qualidade de vida (BATISTONI, 2014).

2.6.1 Teorias da Gerontologia Ambiental

Na Gerontologia Ambiental há diversos modelos teóricos (Tabela 2.1) que buscam explorar a relação entre pessoa e ambiente durante o processo de envelhecimento, tanto do ponto de vista objetivo, quanto subjetivo, utilizando o conceito do *envelhecimento bem-sucedido* (TOMASINI, 2008; WAHL; OSWALD, 2010).

Tabela 2.1: Contribuições teóricas clássicas para a Gerontologia Ambiental em ordem cronológica. Fonte Batistoni, 2014 - Adaptado pela autora, 2017

Modelo teórico	Proposição Principal		Principais conceitos	Referência-Chave
Modelo Ecológico ou Pressão- Competência	O comportamento na velhice é uma função da competência pessoal em interação com a pressão ambiental	Foco em aspectos físicos do ambiente	Competência Pessoal, Pressão Ambiental, Docilidade Ambiental e Proatividade Ambiental	Lawton & Nahemow (1973)
Modelo Congruência Pessoa-Ambiente	Visa explicar o impacto do ambiente sobre o ***bem-estar*** e ajuste dos idosos: o comportamento é uma função da congruência entre as características pessoais e a capacidade que o ambiente tem de supri-las	Foco nos aspectos físicos do ambiente	Bem-estar	Kahana (1975)
Modelo de Estresse	Processos dinâmicos de avaliação, enfrentamento e reavaliação embasam as transações pessoa-ambiente			Schooler (1982)
Modelo Complementar de Congruência	***Bem-estar*** não está relacionado às necessidades pessoais somente no que se refere à sobrevivência, mas também às **necessidades subjetivas**, como socialização, privacidade e experiência estética	Considera, além dos aspectos físicos, os aspectos subjetivos	-	Carp & Carp (1984)
Modelo Socioecológico	Ambientes sociais e físicos influenciam o comportamento individual e vice-versa			Moos & Lemke (1985)
Modelo Visão Transacional das Pessoas Idosas em seus Ambientes	Aspectos físicos, sociais e autobiográficos do indivíduo como consequências de viver e envelhecer em um dado lugar	Considera a história de vida dos idosos. Relaciona o bem-estar a dois processos integrados agência e pertencimento	Identidade e Autonomia	Rowles, Oswald, Hunter (2007)

Dentre os modelos da Gerontologia ambiental, foram destacados quatro para o estudo de forma mais detalhada (Figura 2.4).



Figura 2.4: Modelos da Gerontologia Ambiental destacados para o estudo. Fonte: da autora, 2018.

O primeiro é o *Modelo Ecológico ou Pressão-Competência* (LAWTON & NAHEMOW, 1973) que, por ser o modelo pioneiro, constitui-se numa das referências mais importantes para outros estudos da Gerontologia Ambiental. Dele derivam os outros três modelos: *Modelo de Congruência* (KAHANA, 1975), *Modelo Complementar de Congruência* (CARP & CARP, 1984) e o *Modelo da Visão Transacional das Pessoas Idosas em seus Ambientes* (ROWLES, OSWALD, HUNTER, 2007).

2.6.1.1 Modelo Ecológico ou Pressão-Competência

No Modelo Ecológico ou Pressão-Competência de Lawton (1973), o conceito *competência* relaciona o reflexo da capacidade funcional do indivíduo em sua saúde biológica e o conceito *pressão ambiental* às demandas do ambiente sobre o indivíduo, sejam elas físicas, sociais ou interpessoais (BATISTONI, 2014). Esse paradigma, em linhas gerais, relaciona a redução da competência das pessoas durante o processo de envelhecimento com o aumento da pressão que o ambiente exerce sobre o seu comportamento (TOMASINI, 2008).

Ao relacionar as formulações de *pressão* e *competência*, por volta da década de 90, Lawton e Nahemow (1973) expandem suas hipóteses, introduzindo a ideia da *docilidade ambiental.* Tal conceituação sugere que o impacto do ambiente será maior

sobre o indivíduo com menor competência, ou seja, a variação comportamental (que está associada com fatores ambientais) é incrementada pela baixa competência. Da *docilidade ambiental*, Lawton propõe o conceito da *proatividade ambiental*, que sugere que o indivíduo não é passivo em relação ao impacto resultante das restrições impostas pelo ambiente. Assim, tende a alterar a forma como lida com ele, a fim de otimizar suas competências e satisfazer suas necessidades (LAWTON, 1989 apud BATISTONI, 2014).

Destacam-se três funções básicas do ambiente sociofísico: manutenção, estimulação e apoio. A função de manutenção diz respeito à constância e previsibilidade que o ambiente deve cumprir, como conferir identidade aos ambientes e preservar os significados cognitivos e afetivos de lar, contribuindo para a satisfação e apego aos lugares. A função de estimulação corresponde à presença de novos arranjos de estímulos, que possam levar a novas atividades sociais e comportamentais. A função de apoio refere-se à forma como o ambiente pode compensar a redução ou perda de competências reduzidas ou perdidas, como a eliminação de barreiras físicas por exemplo (Lawton, 1986, apud MACEDO et al., 2008; OSWALD e WAHL, 2005; TOMASINI; ALVES, 2007).

2.6.1.2 Modelo de Congruência

O Modelo de Congruência de Kahana (1975), visa explicar o impacto do ambiente sobre o *bem-estar* e ajuste dos idosos. Baseia-se na congruência entre as características ambientais e as necessidades individuais, ou seja, propõe hipoteticamente que o comportamento é uma função da congruência (harmonia) entre as características pessoais e a capacidade do ambiente para supri-las (KAHANA,1982 apud BATISTONI, 2014).

Neste contexto, a congruência é caracterizada como um processo intermediário, que resulta na percepção da sensação de *bem-estar* por parte do indivíduo, já que seu comportamento é um mecanismo através do qual se maximiza a harmonia, seja mediante a modificação do ambiente, seja mediante a alteração da própria hierarquia das necessidades. Além disso, considera-se que a importância da congruência entre indivíduo e ambiente será maior sob condições em que as opções estejam limitadas pela vulnerabilidade do indivíduo, pelas restrições ambientais e pela percepção do sujeito de um alto grau de controle externo. Assim, o ambiente onde o

indivíduo se sente bem é específico para cada um porque é definido pelo grau de coerência com as suas necessidades (BATISTONI, 2014).

Kahana (1975) testou seu modelo com apoio no conceito de *docilidade ambiental*, confirmando a sua validade e máxima aplicabilidade em ambientes institucionais, com objetivo de mostrar o papel das variáveis ambientais. Entretanto, como esse modelo tinha restrições de uso em ambientes fechados, é considerado um modelo limitado.

Entre as principais limitações desse paradigma, Windley e Scheid (1984 apud IZAL; FERNÁNDEZ-BALLESTEROS, 1990) apontam o fato de sustentar a ideia segundo a qual a situação ótima é aquela onde existe uma sintonia máxima entre indivíduo e ambiente. Os autores defendem o valor positivo de assincronias, como fonte de mudança e crescimento do indivíduo. Sugerem, inclusive, que devem ser analisadas estratégias de enfrentamento por parte o indivíduo em relação ao ambiente durante períodos de incongruência.

Alguns modelos da Gerontologia Ambiental buscam unificar as distintas perspectivas teóricas mencionadas, tentando superar as limitações desses modelos. Entre eles, destacam-se o *Modelo Complementar de Congruência* (CARP e CARP ,1984) e o atual *Modelo Visão Transacional das Pessoas Idosas em seus Ambientes* (ROWLES; OSWALD; HUNTER, 2007).

2.6.1.3 Modelo Complementar de Congruência

O Modelo Complementar de Congruência (CARP e CARP ,1984) é dividido em duas partes e ambas tratam de aspectos físicos e subjetivos. No entanto, essas partes diferem-se pelo nível de necessidade e tipo de congruência entre o idoso e o ambiente (TOMASINI, 2008).

A primeira parte está ligada aos aspectos físicos e às necessidades de ordem básica ou de manutenção da vida, em que a congruência está associada ao grau de complementariedade entre as competências pessoais e os recursos/barreiras do ambiente que impedem ou facilitam a satisfação da necessidade de sobrevivência, relevantes para o desempenho das atividades da vida diária. (CARP e CARP, 1984 apud TOMASINI, 2008; IZAL; FERNÁNDEZ-BALLESTEROS, 1990) .

A segunda parte do modelo, ocupa-se das necessidades pessoais de ordem mais elevada e as características físicas do ambiente que podem impedir ou facilitar a satisfação destas necessidades. Aqui o conceito de *congruência* equivale à similaridade entre o grau de necessidade em relação a um fator ambiental e o suporte oferecido pelo ambiente. Dessa forma, as variáveis *pessoa* e *ambiente* não são nem positivas, nem negativas do ponto de vista adaptativo. Utilizando como exemplo o grau de privacidade, Carp e Carp (1984) afirmam que não é melhor, nem pior para uma pessoa ter maior ou menor necessidade de privacidade, ou para um ambiente proporcionar mais ou menos condições neste sentido. O melhor encaixe entre pessoa e ambiente se dá pela similaridade entre uma necessidade e o suporte oferecido pelo ambiente (CARP e CARP, 1984 apud TOMASINI, 2008; IZAL; FERNÁNDEZ-BALLESTEROS, 1990).

Observa-se nesse modelo que o *bem-estar* não está relacionado às necessidades pessoais somente no que se refere à sobrevivência, mas também às necessidades subjetivas, como socialização, privacidade e experiência estética (TOMASINI, 2008).

Embora o *Modelo de Congruência* e o *Modelo Complementar de Congruência* tenham dado uma importante contribuição aos estudos da Gerontologia Ambiental, sob o ponto de vista de alguns autores, como Izal e Fernández-Ballesteros (1990), podem ser apontadas algumas críticas em suas formulações teóricas.

A primeira crítica se dá pelo fato de ambos os modelos não levarem em conta o passado com as histórias de vida dos indivíduos e considerarem somente a dimensão transversal do ambiente, no momento atual dessa relação pessoa-ambiente, visto que uma das fontes de variação nas relações atuais entre o ambiente e a conduta está no passado vivido pelo sujeito. Segundo os autores, não fazer referência a isto significa omitir a existência destas relações, visto que, necessariamente, o ambiente físico, social e cultural vivido pelo indivíduo ao longo de sua vida, de alguma forma determina suas relações atuais (preferências, adaptações e percepções) com o ambiente. Os distintos repertórios mentais que irão determinar a conduta do idoso são influenciados pelas diferentes oportunidades culturais, sociais e de saúde adquiridas ao longo da vida.

Embora haja um consenso na literatura gerontológica que, tanto os recursos pessoais, quanto os recursos ambientais contribuem para um envelhecimento bem-sucedido, alguns autores comentam que as teorias tradicionais desenvolvem estudos sobre esses aspectos, em grande parte, de forma isolada e, consequentemente, limitada (WAHL e OSWALD, 2010). As abordagens tradicionais da Gerontologia Ambiental se concentraram em três aspectos isolados: ou de *bem-estar* (LAWTON E NAHEMOW, 1973), ou de *autonomia* (CARP, 1987) ou de *identidade* (NEISSER, 1988).

Diferentemente dessas abordagens, existem estudos atuais que, com base na visão transacional, buscam integrar as distintas perspectivas teóricas para entender a relação complementar e inseparável da pessoa-ambiente na velhice. Dentre eles, está o Modelo da *Visão Transacional das Pessoas Idosas em seus Ambientes* (ROWLES, OSWALD e HUNTER, 2007), que posteriormente foi complementado por Wahl, Iwarsson e Oswald (2012). Essa modelagem considera simultaneamente a *autonomia*, a *identidade* e o *bem-estar* como principais pontos de extremidade do intercâmbio pessoa-ambiente, à medida que as pessoas envelhecem (WAHL e OSWALD, 2010).

2.6.1.4 Modelo Visão Transacional das Pessoas Idosas em seus Ambientes

Como visto anteriormente, o desenvolvimento da vida da pessoa é considerado como uma sequência interminável de transições, em que novos lugares são continuamente conquistados, enquanto outros lugares são abandonados.

A partir dessa compreensão ecológica geral do desenvolvimento humano, a discussão se move para uma visão mais ajustada do intercâmbio pessoa-ambiente à medida que as pessoas envelhecem. Neste sentido, o modelo desenvolvido por Wahl, Iwarsson e Oswald (2012) busca expandir perspectivas importantes no campo da Gerontologia Ambiental e sugere uma estrutura integrativa do envelhecimento bem-sucedido.

No centro dessa estrutura estão dois processos globais responsáveis pela criação da gama de relações da pessoa com o ambiente na velhice: o primeiro cria *sensação de pertencimento* e é influenciado pela experiência; o segundo, denominado *agência* pelos autores, é orientado pelo comportamento. O *pertencimento* reflete um

sentimento positivo de ligação com outras pessoas e com o ambiente, enquanto a *agência* refere-se ao processo de se tornar um agente de mudança na própria vida, com comportamentos proativos (WAHL; IWARSSON; OSWALD, 2012).

A Figura 2.5 apresenta essa estrutura conceitual, relacionando o *pertencimento* e a *agência* ao alcance de duas tarefas desenvolvimentais centrais a serem alcançadas pelos indivíduos ao envelhecer: as tarefas de manter-se independente tanto quanto possível (resultando em senso de autonomia) e de manter a integridade do *self* (senso de identidade), ambos contribuindo, desta forma, para a sensação de *bem-estar.* A *agência* e o *pertencimento* explicam a possível resposta desenvolvida (interpretação do ambiente) pelas pessoas na velhice sobre o ambiente e *bem-estar*. Tanto a *agência* quanto o *pertencimento* direcionam as avaliações subjetivas e orientam as representações cognitivas e emocionais feitas com relação ao lugar físico (OSWALD e WAHL, 2005).

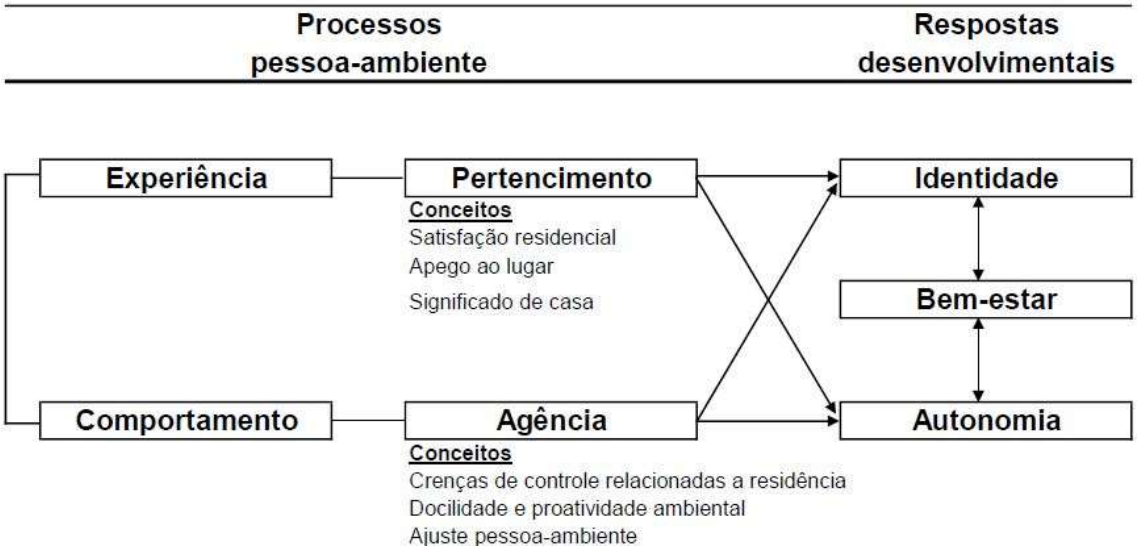


Figura 2.5: Estrutura conceitual sobre a relação pessoa-ambiente na velhice | Fonte: Wahl; Oswald, 2010. Fonte: Traduzido e adaptado pela autora, 2017.

Todos os processos estão interligados. Os aspectos comportamentais (da *agência*) e físicos (do ambiente) interferem na criação da *sensação de pertencimento*, porque estão ligados à familiaridade e às rotinas desenvolvidas por indivíduos ao longo do tempo. Da mesma forma, a *sensação de pertencimento* interfere nos aspectos comportamentais, que estão ligados à autonomia dos indivíduos.

2.7 PROCESSOS DE *PERTENCIMENTO* E *AGÊNCIA* LIGADOS À QUALIDADE DO LUGAR EM UMA INSTITUIÇÃO DE LONGA PERMANÊNCIA

Defende-se, neste trabalho, que o *bem-estar* do idoso está ligado à *qualidade do lugar* em que se vive, por meio dos processos de *pertencimento* e *agência*, ambos explicados a seguir.

2.7.1 Processo de pertencimento

A criação da *sensação de pertencimento* envolve a avaliação cognitiva e emocional e a representação mental de ambientes físicos. Inclui a formação de apego a lugares ao longo do tempo, levando a padrões de significado de lugar. A sensação de pertencimento é a orientação cognitiva do indivíduo em relação ao seu próprio passado, presente e futuro no ambiente (WAHL; OSWALD, 2010).

Neste estudo, o processo de *pertencimento* é estudado seguindo os conceitos *de significado de casa, apego ao lugar, satisfação residencial* e *preferência*.

2.7.1.1 Significado de casa e apego ao lugar

Estudos que abordam a formação de sentimentos como o de pertencimento reúnem teorias sobre a satisfação residencial que também estão presentes nos estudos da área da fenomenologia como: *identidade do lugar*, introduzido por Proshansky (1978), *senso de lugar* (RELPH, 1976; TUAN, 1980), *apego ou vínculo ao lugar* (LOW e ALTMAN, 1992). Tais conceitos podem ser aplicados nos estudos sobre a casa e indicam que a relação do indivíduo com o lugar possui profundos significados emocionais e cognitivos (OSWALD e WAHL, 2005; CUTCHIN, 2013).

O *apego ao lugar*, da mesma forma como a satisfação, influencia as atitudes e engloba a gama de processos que operam quando as pessoas formam vínculos afetivos, cognitivos, comportamentais e sociais com o meio ambiente, transformando o espaço em lugar (BROWN e PERKINS, 1992 apud ROWLES e WATKINS, 2003).

As conceituações contidas no *significado do lar* estão diretamente relacionadas ao *apego ao lugar*, pois lidam com a manifestação mais frequente dos processos de apego. Uma vez que os idosos tenham vivido um longo período de tempo na mesma

residência, aspectos cognitivos e emocionais do significado de casa, muitas vezes estão fortemente ligados às suas histórias de vida.

Laços sociais, cognitivos e emocionais podem se manifestar por meio de processos de reflexão sobre o passado, representados simbolicamente em certos objetos apreciados no lar. Além disso, os laços com o lugar abrangem a ligação comportamental e física, por causa das rotinas que foram desenvolvidas ao longo do tempo e da familiaridade com o ambiente (OSWALD ET AL., 2006 ROWLES, 2006).

A casa é tanto uma estrutura física construída através de práticas culturais estabelecidas, quanto um lugar repleto de intimidade pronunciada com o parceiro e a família, interações sociais; é a simbolização das memórias e perdas (WAHL e GITLIN, 2007 apud WAHL e OSWALD, 2010).

Chaudhury e Rowles (2005 p.11) salientam que as lembranças do significado de lar como reflexo da personalidade ou de uma atividade reminiscente socialmente compartilhada são comuns entre os idosos. Os autores reforçam, ainda, a ideia segundo a qual no processo das lembranças, os eventos são recordados seletivamente: locais, emoções e pessoas de modo a dar continuidade em nosso senso de nós mesmos. Tal processo ocorre especialmente com as perdas dos valores sociais, aposentadoria, fragilidade física, e mudanças ambientais. Para muitos idosos, as experiências passadas de casa podem conter diferentes significados.

Definindo *Lar*, os autores afirmam ainda que de modo similar à função integradora da memória, *Lar* une diversas experiências de vida ocorridas em determinado momento: (i) oferece a estrutura cognitiva-afetiva que molda e ancora os eventos da vida, abrangendo limites temporais; (ii) serve como lugar central em muitas experiências de vida; (iii) representa um cenário físico que permanece uma testemunha ao longo do tempo, da mudança de padrões de interação social, sucessos e tragédias pessoais, ajustes no estilo de vida, crenças e preferências.

Segundo Rowles e Chaudhury (2005), existem várias formas de compreender o significado de casa e conceito de *lar* para os mais velhos, incluindo perspectivas sociológicas, antropológicas e psicológicas. Para os autores, a centralidade da casa nas experiências de vida provê uma base, um ponto vantajoso (física, cognitiva e emocionalmente) "*que dá para ver experiências de vida em diferentes lugares que não são a casa"*. A promessa de síntese temporal na memória da casa é multiplicada

através do processo de imaginação dela, que permite a criação de uma realidade além da realidade temporal presente. Ao mesmo tempo, o contexto temporal da lembrança particular ou imaginado do espaço físico da casa reforça a referência do tempo presente (CHAUDHURY e ROWLES, 2005 p.12).

Estar em casa, portanto, tem muito a ver com a qualidade de vida das pessoas, especialmente dos idosos, mais vulneráveis em função do processo de envelhecimento (CUTCHIN, 2013).

A experiência do significado de casa como lar estabelece um estado de permanência e continuidade, que proporciona um sentimento de pertencimento. Tal significado é fortalecido pelo controle do ambiente, que assegura um sentimento de segurança, oferece liberdade de ação e expressa as ideias e valores pessoais de seus moradores (CAOUETTE, 2005).

2.7.1.2 Satisfação residencial e preferência

A literatura indica que a sensação de pertencimento à moradia é frequentemente baseada na satisfação residencial (WAHL e OSWALD, 2010).

Esse sentimento funciona como indicador ou critério que pode determinar também a *habitabilidade* dos ambientes residenciais. A satisfação residencial depende da avaliação de muitos determinantes contidos no ambiente, que podem estar relacionados tanto a aspectos objetivos, quanto subjetivos (LAY, REIS, 2005; GIFFORD et al., 2011).

Dentre os aspectos objetivos, estão atributos estéticos do ambiente (cor, iluminação e estilo de decoração) e os elementos contidos nele (objetos e móveis). Inclui também as dimensões físicas da residência e a possibilidade de locomoção. A satisfação com num determinado lugar dentro do ambiente pode ser influenciada pelo conforto e preferência de algumas características ambientais que proporcionam agradabilidade. Por exemplo, o local que tem vista pela janela, temperatura adequada, iluminação natural.

Dessa forma, para avaliar a qualidade do ambiente e seu desempenho, revela-se oportuno não somente medir as atitudes dos usuários em relação aos atributos e elementos ambientais específicos, mas também identificar como o seu

comportamento é influenciado pela percepção da presença, da ausência ou do grau de responsividade desses componentes (REIS; LAY, 2006).

Tanto a preferência como a satisfação estão relacionadas aos aspectos subjetivos. O grau de satisfação depende das características simbólicas do ambiente, que estão relacionadas a sentimentos e afetos criados em relação a ele, tais como segurança, familiaridade, rotinas e hábitos pessoais, presença de objetos pessoais que possuem alto valor emocional e memorial. Tais condicionantes, por sua vez, são influenciados pela fase da vida, condição sócioeconômica, personalidade e valores, esperanças com o futuro, laços com os vizinhos e a comunidade em geral (OSWALD e WAHL, 2004; LIMA, 2011).

Por esses motivos, a satisfação residencial é uma construção importante tanto na avaliação da qualidade percebida dos ambientes residenciais internos, quanto na sua relação com o bem-estar subjetivo (ROWLES; OSWALD; HUNTER, 2003).

Existe uma literatura crescente que se concentra no estudo da satisfação por parte dos idosos com a habitação e sobre as características que proporcionam esse contentamento, pois a influência do contexto residencial sobre estilos de vida e bem-estar dos idosos tem sido cada vez mais reconhecida. A satisfação residencial tem sido vista como uma variável relevante na pesquisa gerontológica, pois demonstrou ser um importante preditor tanto da mobilidade residencial como do bem-estar psicológico dos longevos (LAWTON, 1980; RESCHOVSKY, 1990 apud KAHANA et al., 2003).

O estudo da preferência estética é igualmente importante na investigação de habitação para essa faixa etária. Elaborar uma preferência constitui-se uma reação automática, uma extensão e consequência do processo de percepção ambiental. A preferência pode ser vista como uma expressão de possibilidades do indivíduo (KAPLAN & KAPLAN, 1983 p.80).

As diferenças dos conceitos *satisfação* e *preferência* devem ser consideradas no estudo com idosos. Para o trabalho, assume-se que a preferência permite evidenciar a aparência desejável do ambiente e ainda os locais preferidos. Enquanto isso, os diferentes níveis de satisfação, com atributos dos ambientes e edificação em si manifestados pelas pessoas, possibilitam verificar características relevantes que resultam em preferências.

Neste sentido, ao considerar uma ILPI um ambiente de moradia coletivo, torna-se importante ressaltar tanto as preferências individuais, quanto as compartilhadas. Isso permite projetar, para grupos de pessoas que utilizam os mesmos ambientes, padrões formais aceitos pela maioria dos residentes e manter a individualidade da percepção (TUAN, 1980 apud BIANCHI, 2013).

A preferência por alguns lugares também é influenciada pela percepção de segurança e familiaridade. A presença de objetos e referências da história passada dos idosos no ambiente, aumentam sua familiaridade com ele e contribui para a avaliação positiva do ambiente (TOMASINI, 2008; MACEDO et al., 2008).

Macedo et al (2008) investigaram a relação afetiva entre as pessoas idosas (idades entre 60 e 90 anos) e seus ambientes de vivência, perguntando especificamente sobre lugares que idosos preferem quando estão alegres ou tristes. Os autores apontaram como resultado: (i) a preferência por ambientes facilitadores de interação social e sua própria casa, quando se sentem alegres e (ii) permanência na sua própria casa quando não se sentem alegres.

Segundo os autores, isso mostra que a busca pela própria casa quando se está alegre está ligada ao potencial desses ambientes para satisfazer à necessidade de se relacionar, sentir-se bem, sentir-se autônomo, vivenciar experiência religiosa, bem como proporcionar tranquilidade, paz, segurança, diversão e privacidade. Já a preferência pela própria casa, quando não está alegre, apontada pela pesquisa, está associada a sentimentos de “voltar a se sentir bem”. Tais resultados reforçam o valor dos locais favoritos pelos vínculos e afetos a eles relacionados e por suas propriedades restauradoras.

Em ambientes de moradia para idosos, os estudos da satisfação e das preferências estéticas assumem um papel importante, por abrigarem indivíduos fragilizados, em uma fase da vida carregada de memórias, as quais se mantêm vivas. Por meio de objetos (mobiliário, quadros) e características ambientais agradáveis (cores, jardins), presentes no ambiente, é possível minimizar os aspectos negativos decorrentes do processo de envelhecimento e gerar ambientes mais adequados e congruentes com as necessidades dos usuários.

Por meio dos estudos da preferência é possível medir predisposições dos indivíduos e grupos em determinadas situações de vivência e suas carências em

termos de conforto, elementos físicos e sociais, bem como componentes objetivos e subjetivos (BIEGEL & FARKAS, 1990 apud KAHANA et al., 2003).

2.7.2 Processo de agência

O *processo de agência* inclui toda a gama de comportamentos dirigidos a metas relacionadas ao ambiente, como o processo de cognição e controle percebido sobre o ambiente físico e manejo das demandas e pressões ambientais (“docilidade”). O processo resulta ou não em proatividade, que inclui aspectos reativos e proativos de usar, compensar, adaptar, criar e manter locais, especialmente importantes na velhice, devido à diminuição da capacidade funcional e cognitiva e ajuste (WAHL, OSWALD, 2010).

Os idosos reduzem suas esferas ambientais de ação à medida que tendem, cognitivamente, a atribuir a essa esfera mais valor, sentido e utilidade do que àqueles ambientes que não lhe são mais acessíveis. Desta forma, a preferência por alguns ambientes, pode ser determinada pelas demandas e pressões ambientais (BATISTONI, 2014; WAHL & OSWALD, 2010).

Nesse contexto, os conceitos ligados ao processo de agência, *crença de controle relacionadas à residência*, *docilidade e proatividade ambiental* e *ajuste pessoa-ambiente*, deverão ser investigados por meio do uso e do comportamento em ambientes de ILPI.

2.7.2.1 Uso e comportamento em ambientes de ILPI

As características físico-espaciais dos ambientes definem a variedade de usos disponíveis para as pessoas. Tais características, por meio de elementos que constituem barreiras físicas e visuais (como divisórias, vegetações, presença de bancos, jardins, mobiliário), dependendo de sua disposição e localização, podem sugerir diferentes atividades e padrões de comportamento e, consequentemente, influenciar no uso dos espaços (REIS; LAY, 2006).

O tipo de uso dos ambientes em habitações coletivas como ILPI´s tem, portanto, relação direta com o bem-estar dos idosos, já que a qualidade de vida do indivíduo que envelhece é também determinada por sua habilidade de manter autonomia e independência.

A diversidade de atividades disponibilizadas nos lugares propicia a escolha, atraindo diferentes pessoas, em períodos distintos, por razões variadas. Diante disso, o uso pode ser afetado pela adaptabilidade dos espaços; esta se refere à capacidade de flexibilização e afeta o grau com que um determinado local pode ser utilizado para diferentes propósitos; lugares mais adaptáveis e flexíveis oferecem mais escolhas do que lugares cujos desenhos possibilitam um único tipo de uso (BESTETTI, 2014; REIS e LAY, 2006). Outro fator decisivo na escolha por lugares, relaciona-se à autonomia para locomoção dos indivíduos, a partir da acessibilidade dos espaços.

Os ambientes podem ter um conjunto de características físicas de maneira a contribuir para seu uso. Essas características podem afetar, em distintos graus, o *processo de agência*, assim como a sua apropriação e adaptabilidade.

O conceito de *apropriação* refere-se à ação de *tomar de* propriedade. Na esfera residencial, este conceito está relacionado ao desenvolvimento de fortes sentimentos de identificação com a residência e da conveniente marcação dessa identificação. As pessoas demarcam seu espaço pela maneira como se apropriam dele, ou seja, por meio da personalização do ambiente, como uma manifestação da identidade (ZEISEL, 2006 apud MILANEZE, 2013).

Dentre os tipos de apropriação, destaca-se a *apropriação criadora* (COELHO, 2000 p.321) ligada à possibilidade de agir sobre o ambiente físico (*processo de agência*), modificando-o de modo a exprimir nele as suas necessidades e sua personalidade. Assim, reforça o modo de vida, os sistemas de valores e os gostos particulares. Esta possibilidade de agir também está ligada à personalização do ambiente.

Partindo da premissa de que as ILPI´s não devem uniformizar seus espaços - desconsiderando a subjetividade de seus usuários - e devem reproduzir o ambiente residencial, mantendo as características de um lar, a personalização do ambiente físico, criando um ambiente simbólico, torna-se um recurso importante para o bem-estar do idoso (TOSTA, 2008).

A *adaptabilidade* consiste na qualidade do que se pode acomodar, e, consequentemente, apropriar-se. Este conceito está ligado à possibilidade de *encaixe* das mudanças dos ambientes e dos usos previstos, com um maior ou menor grau de probabilidade, e pode apresentar diversos níveis de capacidade, mediante o recurso

de características dimensionais e funcionais do ambiente físico (COELHO, 2000 p.291).

Em instituições essa qualidade do ambiente é facilitada, caso o arranjo espacial seja *adaptável* e permita, por exemplo, a colocação de divisórias em quartos comunitários. Esta barreira física, além de proporcionar privacidade visual, oportuniza ao morador criar zonas individuais, com a demarcação de seu espaço através da personalização (com a escolha de cores e objetos decorativos) e uma consequente apropriação espaço como seu (MILANEZE, 2013)

Naturalmente, as Instituições que abrigam idosos podem ter uma *adaptabilidade* limitada em função da alta rotatividade de moradores, considerando a sua ocupação sucessiva por diversos indivíduos, os quais variam idade e hábitos socioculturais. Neste sentido, a *adaptabilidade* do ambiente para este tipo de habitação deve ocorrer dentro de um conjunto de condições a respeitar. Trata-se, portanto, de uma forma de prever, pelo menos, um mínimo de adequação entre seus vários níveis do ambiente físico, possibilitando aos moradores a expressão de sua identidade e modo de vida.

A relevância da *adaptabilidade* em ambientes institucionais refere-se a sua ligação com *personalização* e uma consequente *apropriação*:

> *"...os diversos ambientes que constituem um habitat devem ser adaptáveis e apropriáveis, porque a apropriação é a verdadeira essência da adaptabilidade e sua motivadora. O habitante deve ser levado a adaptar, marcar, fazer ele mesmo, e reinventar a sua habitação e os seus espaços privativos"* (COELHO, 2000 p.298).

2.8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foram apresentados os conceitos que buscam definir o envelhecimento: *envelhecimento bem-sucedido*, utilizado pela Gerontologia Ambiental e *envelhecimento saudável* e *envelhecimento ativo*, pela OMS. A partir do último conceito, caracterizou-se o idoso ativo e o idoso fragilizado.

No contexto do envelhecimento populacional, por fatores inerentes ao processo de envelhecimento e mudanças na estrutura familiar, embora seja indicada a permanência do idoso em sua própria residência, a ILPI surge como uma opção de moradia.

As legislações que regulamentam as instituições no Brasil, Estatuto do Idoso e RDC 283, tratam especialmente de questões físicas do ambiente, abordando superficialmente seus aspectos subjetivos, como questões estéticas, por exemplo. Já em algumas legislações internacionais, como o *Medicare* dos Estados Unidos, essas estas questões são muito mais abrangentes, abordando tanto aspectos objetivos quanto aspectos subjetivos.

Verificou-se que a transição de lugar, embora seja um processo presente em todas as etapas da vida, na velhice pode impactar de forma significativa no bem-estar do idoso, ao romper com a familiaridade da própria residência, com a presença dos objetos pessoais.

Os estudos da Gerontologia Ambiental evidenciaram a influência da relação entre ambiente físico e o indivíduo no processo de envelhecimento. Seus modelos revelaram conceitos ligados à percepção dos usuários em relação ao seu ambiente residencial. Apresentaram ainda definições importantes voltadas para ambientes de moradia institucionais, como *autonomia*, *identidade* e *bem-estar*.

Dos modelos da Gerontologia Ambiental mais relevantes para este trabalho, destacam-se as seguintes observações: (i) o comportamento na velhice é uma função da competência pessoal em interação com a pressão ambiental; a partir dessa interação, emergiram dois conceitos: *docilidade ambiental* e *proatividade ambiental*; (ii) o comportamento é uma função da congruência entre as características pessoais (como necessidades) e o que o ambiente tem a oferecer (capacidade de suprir tais necessidades); (iii) o bem-estar na velhice é influenciado pela correspondência entre os recursos ambientais e necessidades pessoais; (iv) as consequências de viver e envelhecer em um dado lugar estão relacionadas com aspectos físicos, sociais e autobiográficos do indivíduo.

Como base teórica conceitual para este estudo, foi selecionado o Modelo das Pessoas Idosas em seus Ambientes. Este definiu um esquema conceitual em que relaciona os conceitos de *identidade*, *autonomia* e *bem-estar*. No centro deste esquema, há dois processos globais responsáveis pela criação da gama de relações da pessoa com o ambiente na velhice: o primeiro cria *sensação de pertencimento* e é influenciado pela experiência; o segundo, denominado pelos autores como *agência*, é orientado pelo comportamento.

Constatou-se ainda que o processo de pertencimento pode ser estudado a partir de três conceitos: *significado de casa*, *apego ao lugar* e *satisfação residencial*. Concluiu-se que as diferenças dos conceitos *satisfação* e *preferência* devem ser consideradas. Para o estudo, assume-se que a preferência dos moradores permite evidenciar a aparência desejável do ambiente e ainda os locais preferidos. Além disso, os diferentes níveis de satisfação, com atributos dos ambientes e edificação manifestados pelas pessoas, possibilitam verificar características relevantes que resultam em preferências.

Constata-se que o processo de agência, ao apresentar três conceitos base ligados à autonomia dos indivíduos (crenças de controle relacionados à residência, docilidade ambiental, proatividade ambiental e ajuste pessoa-ambiente) pode ser estudado através do uso dos espaços e comportamento dos indivíduos.

Por sua vez, o tipo de uso em habitações coletivas como ILPI´s tem relação direta com o bem-estar dos idosos, já que a qualidade de vida do indivíduo que envelhece também é influenciada por sua habilidade de manter autonomia e independência.

Da mesma forma, ambientes de ILPI têm um conjunto de características físicas que contribuem para seu uso e outras ligadas ao pertencimento que dão sentido à casa na velhice. Essas características podem afetar, em distintos graus, o processo de agência e a sensação de pertencimento. Para esta investigação, o processo de agência será considerado a partir da locomoção, modificação e atividades exercidas; a sensação de pertencimento será estudada a partir do significado de casa (aspectos físicos, sociais e pessoais).

Alguns conceitos, como a personalização, contemplados na revisão serão estudados nos dois processos. O processo de agência será analisado a partir da possibilidade que o idoso tem de modificar o seu ambiente, através da personalização; o processo de pertencimento será estudado a partir dos elementos e atributos que compõem o ambiente.

Com base nessas constatações, serão verificados se elementos e atributos formais do ambiente, atributos simbólicos e comportamentais, podem interferir na avaliação sobre o lugar e no bem-estar. Para isso, considerar-se-ão características

diferentes dos indivíduos, como origem sociocultural e locais onde moram, sexo e idade, a fim de comparar os grupos e suas diferentes avaliações sobre o ambiente.

No capítulo seguinte é apresentada a metodologia da pesquisa.

CAPÍTULO 3: METODOLOGIA

Neste capítulo, são elencados os procedimentos metodológicos adotados na pesquisa, fundamentados na área da Psicologia Ambiental e relações Ambiente-Comportamento, que ajudaram a alcançar os objetivos da pesquisa, especialmente para a identificação dos atributos que podem afetar a qualidade do ambiente residencial em ILPI´s e, consequentemente, o bem-estar dos idosos residentes. Para isto, são apresentados, brevemente, o problema, o objetivo do estudo, os critérios utilizados para a escolha do objeto e locais de investigação. Acrescentam-se ainda os métodos e técnicas de coleta e análise de dados.

3.1 ABORDAGEM METODOLÓGICA E ESTRATÉGIAS DA PESQUISA

A bibliografia aponta que as ILPI´s, além de meramente abrigos para pessoas acima de 60 anos, devem ser ambientes qualificados, que promovam bem-estar e cujas características físicas sejam capazes de proporcionar mudança no estado psicológico do indivíduo. Entretanto, a revisão bibliográfica evidenciou a vulnerabilidade da vida afetiva dos idosos provocada pelas condições ambientais em ILPI´s, cujos espaços são carentes de planejamento que promovam bem-estar para esses indivíduos. Há insuficiência de estudos teóricos neste sentido. Buscando a redução do problema, esta pesquisa tem como objetivo geral investigar como se dá a relação entre os idosos moradores das ILPI´s e o ambiente onde vivem, e de que forma este ambiente pode contribuir para o bem-estar deles.

Para alcançar o objetivo geral e os objetivos específicos, o estudo se desenvolve a partir de uma pesquisa de campo exploratória, com estudo de caso descritivo, múltiplo e abordagem metodológica qualitativa. Foram incorporadas algumas ferramentas da área de pesquisa das Relações Ambiente-Comportamento. As ligações entre os objetivos, amostra de pessoas, relações investigadas e métodos são apresentadas na Tabela 3.1.

Tabela 3.1: Ligação entre os objetivos, amostra de pessoas, relações investigadas e métodos. Fonte: da autora, 2018

OBJETIVO GERAL	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	COM QUEM?	REL. INVESTIGADAS	MÉTODO
Investigar, com base nos subsídios teóricos da Psicologia Ambiental e nos conceitos da Gerontologia Ambiental, a relação existente entre os idosos moradores das ILPI´s e seu ambiente, afim de elucidar de que forma este ambiente pode contribuir para o bem-estar, visando gerar recomendações relacionadas ao projeto arquitetônico	OBJETIVO 1: Revelar a relação entre características dos ambientes, seus elementos e atributos, com o conceito de bem-estar;	Idosos Institucionalizados e Não Institucionalizados	Atributos e elementos do ambiente *versus* bem-estar	Entrevistas, observações comportamentais e Poema dos Desejos
	OBJETIVO 2: Investigar de que forma a personalização do ambiente interfere na sensação de pertencimento;	Idosos Institucionalizados	Autonomia do ambiente por meio de: locomoção, mudanças e atividades existentes	Levantamento físico, Entrevistas
	OBJETIVO 3: Investigar quais características físicas dos ambientes de ILPI´s podem estimular a autonomia do idoso;	Idosos Institucionalizados	Sensação de pertencimento por meio de: personalização, identidade, privacidade	Entrevistas
	OBJETIVO 4: Averiguar semelhanças e distinções na definição e percepção desses atributos e elementos entre grupos de idosos residentes em ILPI´s e idosos não residentes.	Idosos Institucionalizados e Não Institucionalizados	Autonomia do ambiente e sensação de pertencimento avaliadas por diferentes grupos	Entrevistas e Poema dos Desejos
	OBJETIVO 5: Gerar recomendações de projeto para as normas vigentes	Com base nos dados da pesquisa	Resultados da pesquisa e as normas vigentes	Análises comparativas

Para melhorar o conhecimento sobre o processo de envelhecimento, por se tratar de uma fase da vida com diversas especificidades, optou-se por participar, durante o ano de 2016, de uma oficina de estudos no Centro de Extensão em Atenção à Terceira Idade (CETRES), na cidade de Pelotas / RS.

O CETRES faz parte de um projeto de extensão da Universidade Católica de Pelotas existente há 26 anos e coordenado há 22 anos pela psicóloga Sulanita Arruda. Trata-se de um projeto permanente que, embasado nos princípios de respeito, dignidade e valorização integral da pessoa, postula seu trabalho com a diretriz de preparar e construir uma velhice digna e bem-sucedida a todas as pessoas. O projeto atende 400 idosos semanalmente e conta com 3 grandes grupos de oficinas, auxiliado pela colaboração de 36 voluntários: oficina de arte-terapia, oficinas de educação e cultura e oficinas de saúde.

A participação na oficina ajudou a conhecer melhor o processo de envelhecimento humano, bem como os desejos, medos e dúvidas dessa faixa etária e, assim, contribuiu para desenvolver procedimentos metodológicos adequados a este estudo. As observações realizadas ao longo deste período e no acompanhamento da dinâmica efetuada em uma das reuniões (ver capítulo 4, seção 4.1), auxiliou na elaboração das técnicas das entrevistas aplicadas posteriormente.

A metodologia desta pesquisa utiliza dois tipos de levantamento: levantamento de arquivo e levantamento de campo, este subdividido em duas etapas: levantamento de dados físicos e levantamento de dados avaliativos. O levantamento de dados avaliativos conta com uma combinação de múltiplos tipos de coleta de dados, especificamente: observação comportamental, entrevistas semiestruturadas e poema dos desejos.

3.2 DEFINIÇÃO DO ESTUDO DE CASO

O estudo de caso se desenvolve na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil. O município de Pelotas é relevante no cenário nacional, ao comparar dados do IBGE, que apontou, no ano de 2010, uma porcentagem igual de idosos para o Brasil e Mundo em 11% com dados da Fundação de Economia e Estatística (FEE). No mesmo ano, para Pelotas, era 15%, ou seja, uma porcentagem de idosos acima da média nacional e mundial.

3.2.1. Delimitação das localidades e suas características

A escolha dos locais específicos para investigação foi determinada de acordo com os objetivos deste trabalho, de forma a permitir: (i) investigar as relações entre os ambientes internos das instituições e seus usuários, procurando verificar a percepção das pessoas e suas atitudes em relação a estes ambientes; (ii) comparar grupos de indivíduos com diferentes condições socioeconômicas e culturais; (iii) comparar grupos de indivíduos institucionalizados e não institucionalizados. Conta também com a disponibilidade das ILPI´s em participar da pesquisa.

Para trabalhar com grupos de idosos institucionalizados, foram selecionadas três instituições distintas na cidade de Pelotas, que atendem idosos de diferentes condições socioeconômicas. A primeira é voltada para idosos que se encontram em situação de vulnerabilidade social e que não podem pagar; a segunda atende idosos de baixa renda, que ganhem preferencialmente até um salário mínimo; e a terceira destinada a idosos de renda mais alta.

No grupo dos não institucionalizados, foram incluídos idosos que fazem parte do CETRES.

3.2.1.1 Locais de estudos para investigar grupo de idosos institucionalizados

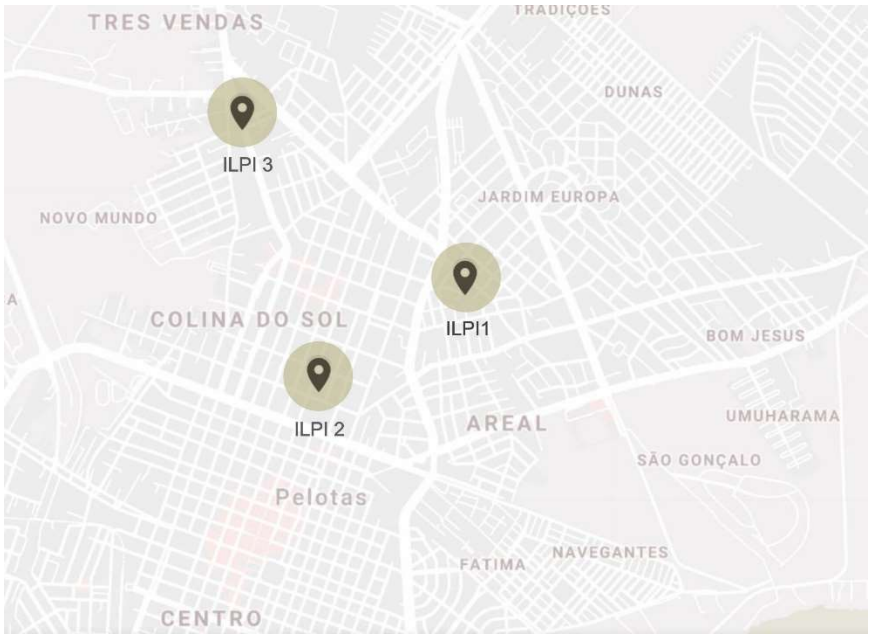


Figura 3.1 - Mapa da Cidade de Pelotas com localização das ILPI´s estudadas. Fonte: Google Maps | modificado pela autora, 2018.

3.2.1.1.1 ILPI 1

A ILPI 1 iniciou suas atividades para atendimento a idosos em 2007 e localiza-se em uma área de uso residencial, na zona norte da cidade. É a única instituição pública da cidade, mantida pela prefeitura que hospeda uma média de 20 idosos com idades entre 65 e 96 anos. Atende indivíduos com grau de dependência I, II e III, que se encontram em situação de vulnerabilidade social (moradores de rua ou pessoas que não têm mais condições de morar sozinhas e sem amparo familiar). Atualmente abriga 22 idosos.



Figura 3.2: ILPI 1 a) fachada; b) entorno; c) recuo de ajardinamento; d) pátio. Fonte: fotos da autora, 2016.

O acesso à edificação (Figura 3.2 a e b) não possui nenhuma identificação e a presença do muro na fachada inviabiliza o contato visual entre os residentes e a rua. Trata-se de uma residência térrea, que foi adaptada para a Instituição. Internamente é composta por dois blocos ligados por uma varanda. O primeiro bloco possui seu espaço interno distribuído em sala de estar, compartilhada com a sala de jantar, varanda, dormitórios e banheiros compartilhados, cozinha e um pátio com horta. No segundo bloco, além da lavanderia e de um banheiro, encontrava-se um salão com uma churrasqueira. Este espaço não estava sendo utilizado no início desta pesquisa

e pretendia-se transformá-lo em uma sala de atividades para os residentes. No entanto, na última visita, esse local havia sido transformado em área administrativa. A casa possui um amplo pátio com uma horta nos fundos, mantida por um dos idosos residentes (Figura 3.3).



Figura 3.3: Planta baixa ILPI 1. Fonte: da autora, 2017.

A sala de estar é integrada com a sala de jantar e ambas possuem piso de madeira e paredes pintadas na cor branca. Quanto ao mobiliário, a sala de estar possui quatro sofás, um armário e um móvel para apoio da televisão (Figura 3.4 a). A sala de jantar (Figura 3.4 b) tem três mesas, onde os idosos fazem as refeições. De objetos decorativos, conta com um quadro, mantas e almofadas sobre os sofás. Nas paredes estão pendurados extintores de incêndio, mural de recados e um cartaz de prevenção à gripe.

a)  b) 

Figura 3.4: ILPI 1: a) sala de estar; b) sala de jantar. Fonte: fotos da autora, 2016.

Os dormitórios são divididos em ala masculina e feminina e a quantidade de camas é organizada em função da demanda e do tamanho do quarto (Figura 3.5 a e b). Embora o espaço seja restrito, alguns idosos possuem televisão no próprio

dormitório e, alguns deles, objetos decorativos pessoais (bonecas, quadros, por exemplo).

Em todos os dormitórios o piso é amadeirado e as paredes são pintadas na cor branca. Quanto ao mobiliário, não existe um padrão, pois encontram-se de vários tipos, modelos e acabamento. Algumas camas possuem criado mudo individual, outras não; os roupeiros atendem mais de um idoso e nem todos esses móveis estão dentro do dormitório; existem algumas cômodas e nenhum dormitório conta com poltrona. No que se refere aos materiais, algumas camas são de ferro, outras em madeira; os roupeiros, embora diferentes, tem o mesmo acabamento amadeirado, assim como os criados mudos. Quanto aos objetos decorativos, apenas um dos quartos possuía dois quadros pequenos.

a)  b) 

Figura 3.5: ILPI1: a) dormitório coletivo feminino; b) dormitório coletivo masculino. Fonte: fotos da autora, 2016.

3.2.1.1.2 ILPI 2

Fundada em 1885, a ILPI 2 localiza-se em uma área de uso comercial e residencial, na zona central da cidade e foi criada para amparar pessoas de qualquer idade que se encontrassem em situação de vulnerabilidade social. No entanto, por volta de 1980, já abrigava apenas pessoas com mais de 60 anos. A instituição abriga idosos com grau de dependência I, II e III. No momento da pesquisa, contava com 94 moradores (50 mulheres e 44 homens), que ganham até um salário mínimo. O morador paga parte do seu salário para a Instituição.

a)  b) 

Figura 3.6: ILPI 2 a) fachada; b) entorno. Fonte: da autora, 2016.

A Instituição tem seu espaço físico distribuído em uma edificação térrea que foi projetada, desde a fundação, para moradia coletiva. Sua organização interna conta com um acesso onde se localiza a recepção e administração e duas alas: uma masculina e uma feminina. Cada uma conta com dormitórios, sala de estar, refeitório, enfermaria, rouparia e banheiros de forma independente. Embora sejam alas divididas por sexo, os idosos podem transitar livremente entre elas. O jardim interno e a capela são compartilhados por ambos os sexos (Figura 3.7).

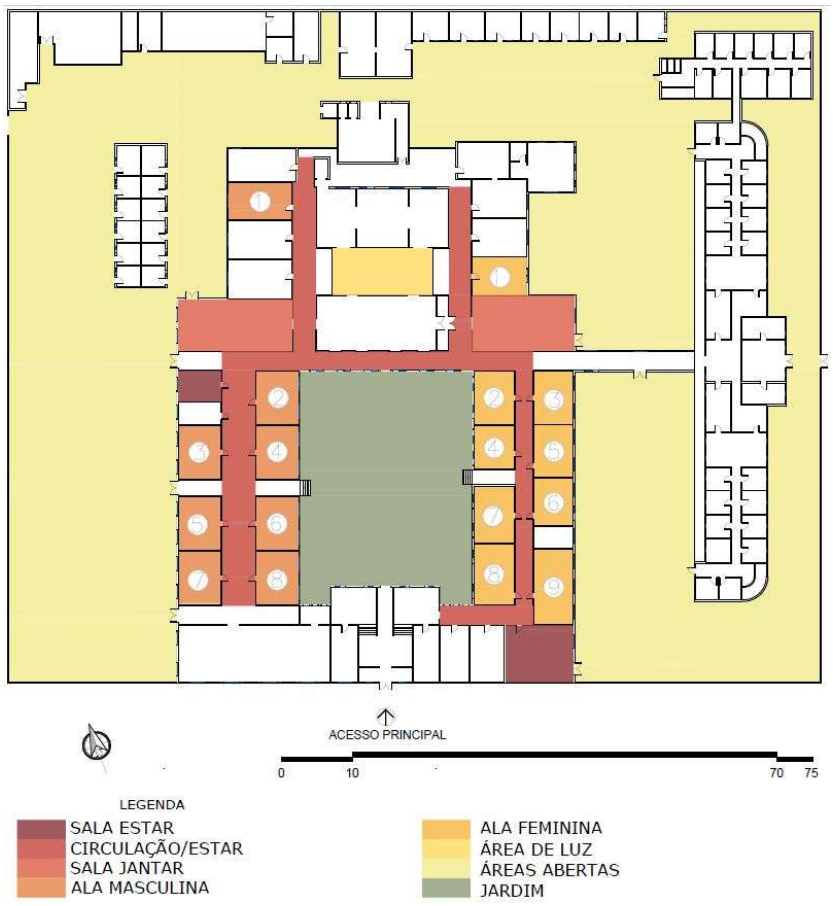


Figura 3.7: Planta baixa ILPI 2. Fonte: da autora, 2017.

Por se tratar de uma edificação antiga, a ILPI 2 possui algumas características específicas, como pé direito alto, assim como as janelas e portas grandes e alongadas. Tanto a sala de estar da ala masculina, (Figura 3.8 a), quanto à da ala feminina (Figura 3.8 b) possuem piso amadeirado e paredes pintadas na cor amarelo claro. O mobiliário é composto por sofás, poltronas, uma cômoda com televisão em cima e uma mesa central com cadeiras. Quanto aos objetos decorativos, em ambas tem uma cruz (símbolo religioso) pendurada na parede e apenas a sala feminina possui, além da cruz, uma colcha de retalhos pendurada. As cores e os modelos dos estofados variam, alguns possuem revestimento sintético, outros são cobertos por colchas e mantas.

a)  b) 

Figura 3.8: Sala de estar ILPI 2: a) ala masculina; b) ala feminina. Fonte: foto da autora, 2018.

Os dormitórios, que em geral comportam de seis a sete camas, são amplos, com piso em madeira e paredes pintadas na cor amarelo claro (Figura 3.9 a e b). Como mobiliário foram encontrados camas, roupeiros (em alguns casos individuais, em outros compartilhados), criado mudo (em alguns dormitórios) e cadeiras plásticas (em alguns dormitórios). Os móveis não possuem padrão de estilo, tampouco de material, sendo compostos por madeira ou ferro.

a)  b) 

Figura 3.9: Dormitórios coletivos ILPI 2: a) ala feminina; b) ala masculina. Fonte: foto da autora, 2018.

3.2.1.1.3 ILPI 3

A ILPI 3 está localizada na zona norte da cidade, em uma área industrial e residencial, e hospeda idosos de alta renda, com grau de dependência I, II e III (Figura 3.10). Essa instituição iniciou suas atividades em dezembro do ano de 2010, com objetivo de oferecer um serviço de hospedagem personalizado. Atualmente, a instituição hospeda 12 idosos.

a)  b) 

Figura 3.10: ILPI 3 a) Fachada; b) entorno. Fonte: fotos da autora, 2018

A Instituição tem seu espaço físico distribuído em uma edificação de dois pavimentos, adaptada para moradia coletiva. Sua organização interna conta com duas alas, divididas entre os dois pavimentos. Cada pavimento conta com uma recepção, sala de estar e jantar, banheiros e dormitórios. No térreo, todos os dormitórios são coletivos e separados em masculinos e femininos. No segundo pavimento, existe a opção de quartos coletivos (também divididos por sexo) e quartos individuais.

A instituição conta ainda com um prédio lateral que não está sendo utilizado, com varanda no térreo e pavimento superior. Possui uma grande área externa, arborizada e piscina (Figura 3.11).

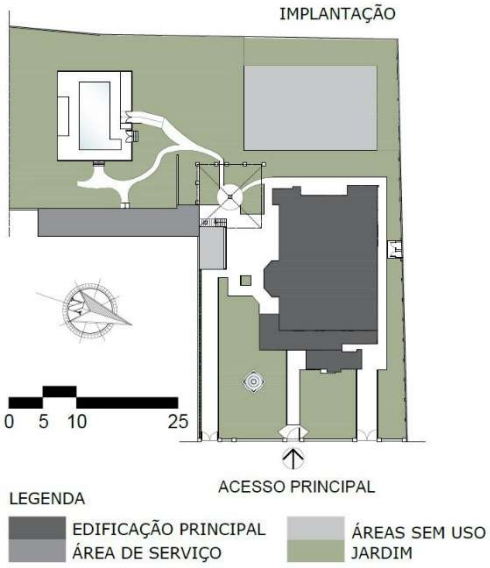


Figura 3.11: Planta de Situação e Implantação do Pavimento Térreo da ILPI 3. Fonte: da autora, 2018.

O pavimento térreo hospeda especialmente idosos com grau de dependência III, que só podem sair do residencial acompanhados por algum responsável. Possui sala de estar e jantar compartilhada, cozinha e banheiros compartilhados, um quarto privativo e os demais compartilhados, onde o idoso pode levar alguns objetos decorativos, escolher a cor da cortina e colchas (Figura 3.12).



Figura 3.12: Planta baixa térreo ILPI 3. Fonte: da autora, 2017.

Tanto a sala de estar, localizada no hall de entrada (Figura 3.13 a), quanto a sala de estar integrada com a de jantar (Figura 3.13 b) possuem piso cerâmico (com a possibilidade de aquecimento no inverno – piso aquecido). O primeiro ambiente conta com paredes pintadas na cor amarelo claro, móveis no estilo provençal, cadeiras de jantar com assento revestido em tecido floral com tom avermelhado, aparador em madeira vermelho e estofados revestidos com sintético na cor marrom. De objetos decorativos, um vaso de planta na lateral do sofá e outro no centro da mesa.

O segundo ambiente tem as paredes pintadas na cor azul claro com ripados de madeira pintados na cor branca. O mobiliário é composto por móveis no estilo provençal e estofados com linhas retas, revestidos com sintético na cor marrom, poltronas amadeiradas, mesa lateral e televisão fixada na parede. Quanto aos objetos decorativos, conta com abajur na lateral do sofá e, pendurados nas paredes, espelho, quadros e pratos.

a)  b) 

Figura 3.13: Pavimento térreo ILPI 3: a) hall de entrada; b) sala de estar e jantar integradas. Fonte: foto da autora, 2016

Os dormitórios dispõem de mobiliário padronizado por ambiente, contando com dois tipos de cama em madeira (com e sem cabeceira), roupeiros individuais, criados mudos em madeira com diferentes acabamentos. Estes últimos são usados de duas formas: uma compartilhada, localizado entre as camas (Figura 3.14a), e a segunda, individual (Figura 3.14b). As cores das paredes variam nos ambientes, mas sempre em tons claros e pouco saturados, como rosa, azul e amarelo claro. Quanto aos objetos decorativos, todos os dormitórios têm cortinas, quadros nas paredes e televisão. Alguns possuem luminária de cabeceira.

a)  b) 

Figura 3.14: Dormitórios térreo ILPI 3: a) dormitório duplo 1; b) dormitório duplo 2. Fonte: fotos da autora, 2016

O segundo pavimento hospeda idosos com grau de dependência I e II. Esses residentes não apresentam comprometimento cognitivo, têm autorização para sair e retornar à instituição quando quiserem. Este pavimento conta com duas salas de estar, uma sala de jantar, recepção e quartos com banheiro privativo (Figura 3.15).

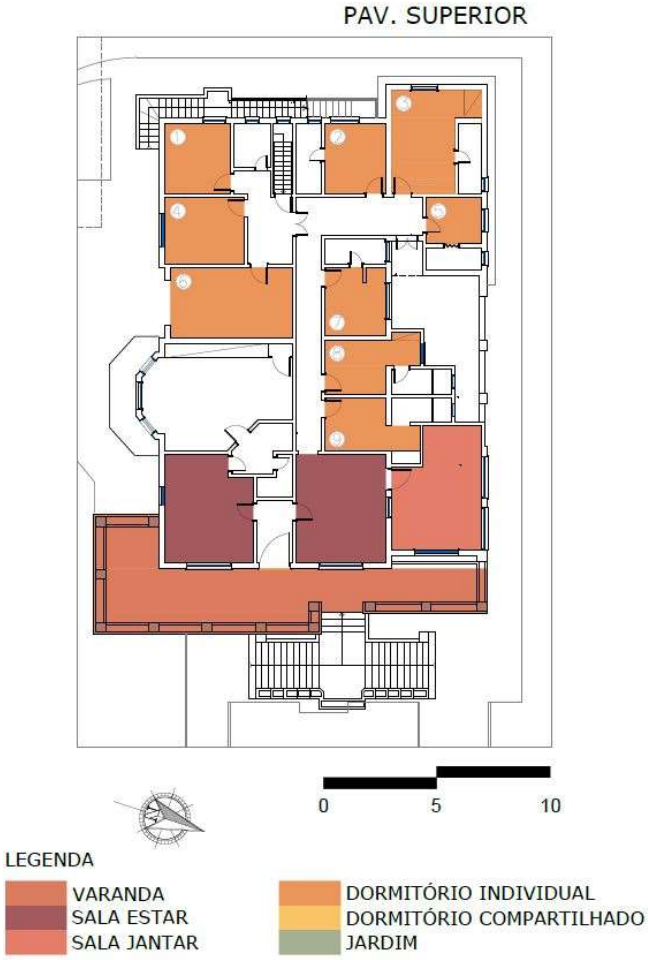


Figura 3.15: Planta baixa 2º pavimento ILPI 3. Fonte: da autora, 2018.

O segundo pavimento conta com duas salas de estar, ambas com piso cerâmico em cor clara. O primeiro ambiente tem as paredes pintadas na cor azul claro. O mobiliário é formado por armário de madeira na cor branca, conjunto de sofá em revestimento sintético na cor branca (Figura 3.15 a) e uma televisão fixada na parede. Quanto aos objetos decorativos, possui uma planta natural em um vaso de chão, um quadro na parede e almofadas florais no sofá.

O segundo ambiente tem as paredes pintadas em duas cores, um verde oliva e outro amarelo claro. O mobiliário é composto por um sofá e duas poltronas revestidos com tecido claro, um sofá em tecido verde oliva, uma mesa na lateral dos sofás, uma cristaleira e um rack. Quanto aos objetos decorativos, existe uma planta em um vaso de chão, quadros nas paredes e vasos de flores na mesa lateral.

a)  b) 

Figura 3.16: Sala de estar 2º pavimento ILPI 3: a) Sala de Estar 1, b) Sala de Estar 2 (Fonte: fotos da autora, 2016)

Os dormitórios são individuais ou duplos, e a maioria inclui o mobiliário trazido pelo próprio morador (Figura 3.17 a e b). Geralmente conta com cama, poltrona, roupeiro, criado mudo e, em alguns casos, uma cômoda. Embora as cores das pinturas das paredes variem, são sempre em tons claros e pouco saturados. A maioria dos dormitórios contém quadros nas paredes, porta-retratos com fotos da família, cortinas, poltronas, luminárias de cabeceira, ar condicionado e televisão.

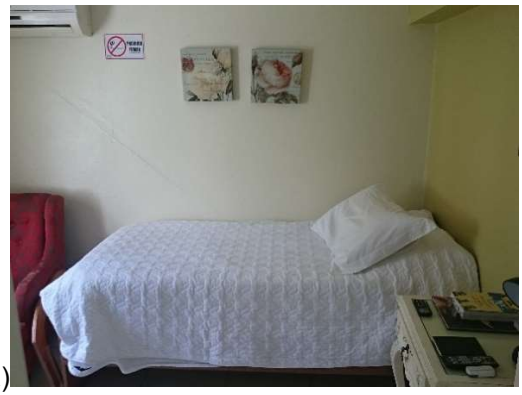
a)  b) 

Figura 3.17: Dormitórios individuais a) dormitório 1; b) dormitório 2

Nos dois pavimentos, tanto os dormitórios quanto a sala de estar possuem objetos decorativos e cores nas paredes definidos pela instituição. No térreo, os idosos podem levar seu colchão, roupas de cama e alguns objetos pessoais, como porta retratos; no segundo pavimento, têm a liberdade de levar seus móveis e personalizar a parede conforme seu gosto.

3.3 CRITÉRIOS ADOTADOS PARA SELEÇÃO DOS PARTICIPANTES

A amostra total das pessoas que participaram da pesquisa inclui homens e mulheres acima dos 60 anos, sem comprometimento cognitivo. A seleção de pessoas

foi realizada considerando os objetivos do estudo, contando com dois grupos principais: idosos institucionalizados e idosos não institucionalizados. Em cada grupo, aplicaram-se métodos diferentes de investigação. Além disso, foram entrevistados funcionários responsáveis por cada ILPI estudada. Para auxiliar a identificação das pessoas participantes, criaram-se códigos que serão usados junto com os trechos mais relevantes das entrevistas no capítulo dos resultados. Esses códigos seguiram a seguinte regra: primeiro a identificação do método utilizado (E – entrevista, PE – poema dos desejos escrito e PR – poema dos desejos com recorte de revistas), depois a identificação do sexo (M – masculino e F – feminino) e, por último, a identificação da posição na sequência da aplicação dos métodos nas três instituições. (por exemplo, E_F_5: idosa do sexo feminino participante entrevista na ILPI2).

No primeiro grupo, foram incluídos 15 idosos institucionalizados (tabela 3.2), moradores das três instituições investigadas. Como critérios para a participação nesse grupo, considerou-se a faixa etária, pessoas sem comprometimento cognitivo e que desejassem participar do estudo. A seleção desses idosos contou com o auxílio dos responsáveis por cada Instituição.

Tabela 3.2: Amostra do grupo de idosos institucionalizados distribuída em três instituições. Fonte: da autora

IDOSOS INSTITUCIONALIZADOS				
Entrevista				
ILPI´s	Código do Idoso	Sexo	Idade	Tempo de Moradia na ILPI
ILPI 1	E_M_1	M	74	2 anos
	E_M_2	M	63	1 semana
ILPI 2	E_F_3	F	73	1 ano e 10 meses
	E_F_4	F	64	1 ano e 4 meses
	E_F_5	F	75	7 anos
	E_M_6	M	73	20 anos
	E_M_7	M	73	1 ano e 6 meses
	E_M_8	M	78	4 anos
	E_F_9	F	66	2 anos
	E_M_10	M	89	6 anos
	E_F_11	F	75	2 anos
ILPI 3	E_F_12	F	91	2 anos
	E_F_13	F	92	1 ano
	E_F_14	F	84	1 ano e 6 meses
	E_F_15	F	70	2 anos

Cabe ressaltar que houve dificuldade na aceitação da pesquisa por parte de algumas das instituições procuradas; somando-se a isso, as instituições participantes contavam com um número significativo de idosos com comprometimento cognitivo. Dessa forma, não houve a possibilidade de se obter uma amostra expressiva de indivíduos desse grupo.

O segundo grupo foi composto por idosos não institucionalizados do CETRES. A participação deste grupo ocorreu em dois momentos: o primeiro foi por meio do acompanhamento durante um ano de uma oficina de estudos. O segundo aconteceu quando os idosos de diferentes oficinas do CETRES foram convidados para participar em atividades programadas, tais como poema dos desejos por escrito e poema dos desejos com recorte de revista.

Tabela 3.3: Amostra do grupo de idosos não institucionalizados distribuídos conforme os métodos aplicados. Fonte: da autora

NÃO INSTITUCIONALIZADOS							
Oficina de Estudos		**Poema dos Desejos Escrito**			**Poema dos Desejos Recorte de Revista**		
Código do Idoso	Sexo	Código do Idoso	Sexo	Idade	Código do Idoso	Sexo	Idade
1	M	PE_F_1	F	72	PR_ M_1	M	79
2	M	PE_F_2	F	78	PR_ M_2	M	76
3	M	PE_F_3	F	60	PR_ F_3	F	67
4	F	PE_F_4	F	61	PR_ F_4	F	70
5	F	PE_F_5	F	73	PR_ F_5	F	78
6	F	PE_F_6	F	63	PR_ F_6	F	75
7	F	PE_F_7	F	75	PR_ F_7	F	75
8	F	PE_F_8	F	63	PR_ F_8	F	71
9	F	PE_F_9	F	83			
10	F	PE_F_10	F	65			
11	F						
12	F						
13	F						
14	F						
15	F						

As entrevistas semiestruturadas, os poemas dos desejos, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e a inscrição na Plataforma Brasil, encontram-se no Apêndice A. Todos os indivíduos participantes da pesquisa assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

3.4. MÉTODO DE COLETA DE DADOS

Alguns dados foram coletados na etapa prévia, durante a participação na oficina de estudos sobre o envelhecimento humano no CETRES. Ocorreu durante um ano com um encontro semanal, e também numa etapa posterior, quando dois tipos de levantamentos foram realizados: *levantamento de arquivo* e o *levantamento de campo*.

A metodologia de trabalho da oficina com os idosos do CETRES consistia em ler um texto durante a semana, pesquisar assuntos relacionados ao tema proposto e discuti-lo em aula. Geralmente a coordenadora levava algumas perguntas previamente organizadas; os idosos se dividiam em 3 ou 4 grupos, respondiam às questões e posteriormente discutia-se no grande grupo.

Em termos de técnicas de investigação para a pesquisa em questão, o estudo consistiu em acompanhamento das discussões durante a leitura dos textos sobre tema investigado e ocorreu na forma de observações do comportamento e anotações das respostas. Os resultados dessas discussões encontram-se no capítulo 4, na seção 4.1. Depois dessa etapa prévia, foi desenvolvida a metodologia de coleta de dados com as atividades programadas.

3.4.1 Levantamento de arquivo

No *levantamento de arquivo*, buscaram-se informações pré-determinadas, necessárias para o entendimento, o conhecimento e a interpretação dos dados das etapas posteriores.

Nessa parte do estudo, foi efetuada uma revisão das leis que discorrem a respeito dos idosos e das ILPI´s: Estatuto do Idoso (BRASIL, 2003), Resolução da Diretoria Colegiada nº 283 da Anvisa (BRASIL, 2005) e Política Nacional da Pessoa Idosa (BRASIL, 2006). Usando plantas-baixas, posteriormente redesenhadas, coletaram-se ainda informações referentes às características físicas das ILPI´s estudadas.

3.4.2 Levantamento de campo

O *levantamento de campo* foi executado em duas fases: a primeira contempla os aspectos físicos com estudo exploratório dos ambientes das ILPI´s; a segunda, os aspectos avaliativos, com a investigação sobre percepção dos idosos residentes nas ILPI´s em relação ao seu ambiente de moradia e a percepção dos idosos não residentes sobre as instituições.

3.4.2.1 Etapa 1 - Levantamento de dados físicos

Os levantamentos físicos do ambiente foram efetivados com medições do local, complementados com levantamento fotográfico da área e observação do comportamento dos idosos. A finalidade desta etapa foi identificar os aspectos físicos dos ambientes das ILPI´s que pudessem auxiliar no esclarecimento de questões relacionadas à sua utilização pelos residentes e a percepção desses ambientes.

As observações comportamentais foram efetuadas durante o período das visitas exploratórias às instituições. Nessas visitas, observaram-se ainda as rotinas de funcionamento das instituições e a forma como os ambientes eram utilizados pelos idosos residentes, em especial dos ambientes focos do estudo: dormitórios e sala de estar. O registro dessas atividades foi realizado com anotações e fotografias (uma parte dos levantamentos físicos de cada instituição é apresentada no item 3.2.1.1 e a outra no item 4.2).

3.4.2.2 Etapa 2 - Levantamento de dados avaliativos

Na avaliação da percepção ambiental, são frequentemente empregadas ferramentas da Psicologia Ambiental, tais como, questionários, entrevistas, poema dos desejos, observações comportamentais, entre outras. Inicialmente foram selecionados dois métodos: entrevista e poema dos desejos.

A *entrevista* é um método especialmente relevante de ser aplicado em crianças, pessoas idosas e analfabetos (REIS e LAY, 1995). As entrevistas semiestruturadas foram escolhidas por permitir uma abordagem mais aprofundada de determinadas questões e, assim, possibilitar explicações que, muitas vezes, não são possíveis de serem detectadas em métodos qualitativos, como questionários. O contato direto entre entrevistado e entrevistador é o fator que caracteriza a entrevista durante o processo de questionamento, onde não há a obrigação da representatividade, ou número mínimo dos entrevistados, ou de análise estatística das informações (REIS E LAY, 1995).

Desenvolvido por Henry Sanoff, o *wish poem* ou *poema dos desejos* é um instrumento não-estruturado que se baseia e incentiva a livre expressão (RHEINGANTZ et al., 2009).

Sanoff (1995) ressalta a eficácia do método em ambientes com forte burocracia, como grandes organizações e instituições, visto que seu caráter participativo possibilita que os grupos de indivíduos explicitem e reivindiquem suas necessidades e expectativas, que de um modo geral são ignoradas. Trata-se de um método com uma abordagem incentivadora para os participantes fantasiarem sobre a possibilidade de ter o ambiente dos sonhos, sempre a partir da frase “Eu gostaria que (o ambiente) fosse...”.

Apesar disso, a bibliografia sobre idosos aponta que esses métodos podem não ser plenamente satisfatórios, porque os indivíduos desta faixa etária têm dificuldade de expor seus desejos (SOBRAL; PAIVA; VILLAROUCO, 2016).

Isto considerado, mostrou-se imperativo buscarem-se alguns trabalhos na área da Gerontologia Ambiental que apresentassem discussões a respeito de diferentes métodos de investigações com grupo de usuários idosos. A fim de contribuir para adequação dos métodos e, assim, obter informações mais precisas e condizentes com as necessidades e desejos dos usufrutuários, são apresentados, a seguir, alguns procedimentos metodológicos adotados em estudos recentes.

3.4.2.2.1. Discussão acerca das técnicas de avaliação da Percepção Ambiental em idosos

O grupo de pesquisa ErgoAmbiente[1] tem efetuado diversos estudos com foco na Percepção Ambiental, dos quais dois, empregados com idosos institucionalizados, são relevantes para este trabalho. O primeiro foi realizado em João Pessoa/PB e o segundo, na cidade de Recife/PE. Ambos tinham como objetivo trazer uma reflexão, dentre outros métodos, acerca do poema dos desejos, com a finalidade de discutir sua adequação e modos de aplicação a usuários idosos (SOBRAL, PAIVA, VILLAROUCO, 2016; SOBRAL et al., 2015) .

Alguns resultados do primeiro estudo demonstraram a validade na aplicação do poema dos desejos quanto à interpretação e resposta ao instrumento (SOBRAL; PAIVA; VILLAROUCO, 2016). No entanto, foi detectada dificuldade de expressão dos desejos e anseios dos usuários idosos quanto aos espaços. Os autores atribuíram isso ao conformismo devido ao avanço da idade e da falta de perspectiva de futuro que os idosos possuem.

Essas conclusões foram verificaram-se, também no segundo estudo, que evidenciou a ausência de anseios nos indivíduos pesquisados, caracterizando um comportamento chegando a ser senso comum. Segundo os autores, isso pode estar relacionado ao fato de que os sonhos e anseios das pessoas vão rareando à medida

[1] ErgoAmbiente trata-se de um grupo de Pesquisa em Ergonomia Aplicada ao Ambiente Construído, vinculado ao programa de Pós Graduação em Design da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

que elas envelhecem e seus horizontes ficam mais restritos ao presente e não ao futuro.

Em um outro estudo, feito por Milaneze (2013) com idosos institucionalizados em Criciúma/SC, dentre os métodos aplicados estavam a entrevista e o poema dos desejos. Ao cruzar os dados de ambos, a autora relatou uma grande semelhança entre eles, com pouca variedade nas respostas e pouca explanação delas. Nesse estudo foi usada também a metodologia baseada na apresentação do jogo de imagens e palavras, que apresentou resultados expressivos e possibilitou que os idosos expressassem a preferência por ambientes nas ILPI´s estudadas.

Vinculados ao curso de Gerontologia da Universidade de São Paulo (USP) e orientados pela professora Maria Luisa Bestetti, algumas técnicas estão sendo adotadas em trabalhos de conclusão de curso e pesquisas de mestrado e de doutorado, na intenção de tornar os métodos de estudos com idosos mais dinâmicos, lúdicos e interativos, mostrando alguns caminhos que podem ser utilizados como metodologia (VILELA, 2016).

Um desses trabalhos foi executado com idosos institucionalizados e utilizou recortes de revistas para identificar preferências dos idosos com relação a ambientes de moradia. Para aplicação da técnica, os longevos foram reunidos em grupos para fazer colagens dos recortes a partir de imagens de revistas. Essas imagens foram posteriormente coladas em cartolinas, representando a casa dos sonhos. A técnica estimulou os desejos deles e possibilitou-lhes fazer escolhas variadas, as quais, possivelmente, não tivessem surgido sem o auxílio das imagens.

Por se tratar de um estudo para determinar a preferência de idosos referente ao seu ambiente de moradia, os resultados e discussões das pesquisas apresentadas foram consideradas importantes. Por este motivo, optou-se pelo uso das entrevistas e poema dos desejos com auxílio do *método visual* para estimular a memória e tornar os procedimentos mais interessantes. Foram incluídas nessas técnicas os seguintes materiais visuais: i) a apresentação de imagens de mobiliário para dormitório, diferentes tipos de revestimentos e uma paleta de cores; ii) recortes feitos pelos idosos em revistas, com imagens que representem o ambiente residencial.

Assumiu-se, neste trabalho, que o *bem-estar*, através da sensação de pertencimento e do processo de agência, está ligado à *qualidade do lugar* em que se

vive. Os ambientes escolhidos para análise foram o dormitório e a sala de estar. O primeiro por ser o ambiente mais favorável à personalização e que o idoso tem maior possibilidade de ter privacidade. O segundo ambiente foi escolhido por ser o local que permite a socialização entre os próprios moradores, entre os moradores e familiares, entre moradores e funcionários e onde os idosos permanecem boa parte do tempo.

3.4.2.2.2 Entrevista semiestruturada e o método visual

A entrevista foi executada no grupo de idosos institucionalizados, a partir de um roteiro semiestruturado, a fim de investigar os processos de agência e de pertencimento. O processo de agência foi verificado com base no uso e comportamento nos ambientes, através das categorias: possibilidade de locomoção, mudanças e atividades exercidas. O processo de pertencimento foi verificado a partir da investigação de elementos e atributos presentes no ambiente, através das categorias que compõem o *Significado de Casa*: aspectos físicos, aspectos sociais e aspectos pessoais.

A entrevista foi organizada em quatro conjuntos de questões que trataram: 1) do ambiente geral da instituição; 2) e 3) dos ambientes específicos do estudo - dormitório e sala de estar – respectivamente; 4) das atividades exercidas nos ambientes.

O método visual foi introduzido para obter informações sobre a percepção dos idosos, para possibilitar a evidência dos anseios e necessidades e esclarecer o que é possível mudar e/ou melhorar nos ambientes. O material visual consiste em um conjunto de imagens fotográficas de móveis para dormitório, amostras de revestimentos e paleta de cores.

Segundo Reys e Lay (1995), é necessário definir os traços físicos a serem observados e como serão utilizadas as informações obtidas para que seja feita a escolha das técnicas de registro. Para o registro das entrevistas aplicadas, a técnica utilizada foi a anotação verbal, auxiliada pelo uso de gravador, de forma que não se perdessem informações relevantes durante o processo de entrevista.

3.4.2.2.2.1 Critério de seleção de material visual para entrevista

As imagens foram relacionadas aos ambientes estudados. Para o dormitório, foram selecionadas fotos com diferentes tipos de mobiliário, com distintos acabamentos e a paleta de cores. Para a sala de estar, foram selecionadas amostras de tecidos para revestimento de estofados e a paleta de cores. O critério da escolha das imagens e revestimentos foi a observação do tipo de mobiliário encontrado em dormitórios e salas de estar de instituições e a experiência profissional da pesquisadora em atendimento ao público idoso referente à escolha de mobiliário residencial. Como exemplo, utilizou-se a imagem de um dormitório padrão, geralmente composto por cama de solteiro, criado mudo, roupeiro pequeno e poltrona (Figura 3.18). Essa imagem foi apresentada aos idosos para justificar os itens que foram mostrados na sequência. De acordo com essa imagem, foram selecionadas fotos reais de móveis, segundo os materiais utilizados (madeira, metal e estofamento) e o estilo formal (Figura 3.19).

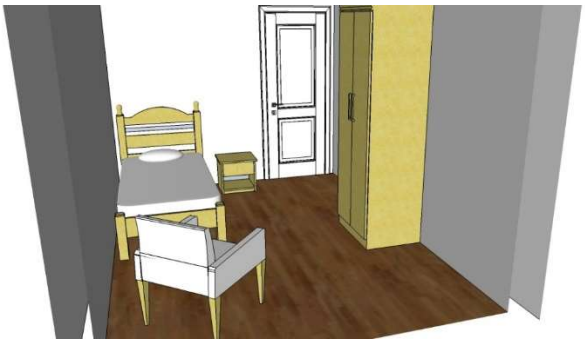


Figura 3.18: Imagem de um quarto, com mobiliário geralmente utilizado em dormitórios institucionais.
Fonte: da autora.



Figura 3.19: Imagens do mobiliário apresentadas aos idosos: a) opções criado mudo; b) opções de roupeiro; c) opções de poltronas; d) opções de camas. Fonte: Google, 2016

Os móveis mais representativos na sala de estar em instituições são sofás e poltronas. Portanto, foram escolhidas três amostras de tecidos para revestimentos caracterizadas por diferentes texturas, o veludo (de textura mais aveludada), um impermeável (de textura mais áspera) e um couro sintético (de textura mais fria), todos em cores neutras (Figura 3.20). Os idosos eram convidados a tocar nestes revestimentos.



a) b) c)

Figura 3.20: Imagens dos três tipos de revestimentos apresentados: a) impermeável; b) couro sintético e c) veludo. Fonte: da autora.

Quanto à escolha das cores, foi feito um procedimento anterior: um estudo piloto com o método visual, por meio de imagens de ambientes de dormitório e sala de estar com diferentes nuances de cores nas paredes. Observando essas imagens, os idosos deveriam escolher os ambientes em ordem de preferência. No entanto, neste estudo verificaram-se algumas dificuldades: (i) encontrar imagens de ambientes

reais sem que os elementos componentes interferissem na avaliação (presença de janela, plantas, entre outros); (ii) imagens com boa resolução que pudessem ser impressas em um tamanho adequado para idosos com limitação visual; (iii) os idosos acabavam escolhendo mais pelo conjunto do ambiente do que pelas cores na parede. Por este motivo, priorizou-se mostrar diretamente uma paleta de cores aos entrevistados.

A seleção da paleta de cores foi condicionada à faixa etária de participantes da pesquisa e ao local de aplicação. Quanto à faixa etária, considerou-se que, no processo de envelhecimento, a percepção da cor pode ser alterada, pois um dos órgãos mais afetados é o responsável pela visão, especialmente por estar exposto a ações externas e internas, como poeira, luz, doenças, entre outros, ao longo dos anos (MENDES, 2008). Diante disso, as imagens foram impressas em tamanhos grandes, com várias nuances de cores, com diferentes tipos de claridade e saturação (Figura 3.21). Quanto ao local de aplicação, considerou-se o uso nas paredes da instituição, pois é a partir delas que geralmente se mudam as cores. Também é neste local que se encontram as aberturas, quadros e outros elementos que compõem a ambiência. Por serem emoldurados pelas cores das paredes, esses elementos podem ser destacados e transformados a partir dessa mudança.

A paleta foi definida abrangendo diferentes matizes com claridades variadas e escolhidas a partir do sistema cromático internacional *Natural Color System (NCS).* Resultou na paleta cromática que se verifica abaixo:

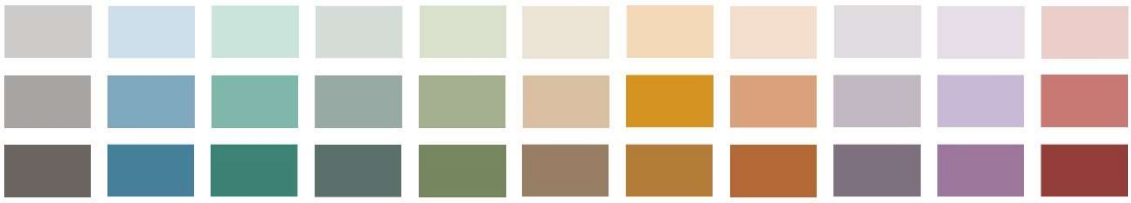


Figura 3.21: Paleta cores. Fonte: da autora

3.4.2.2.2.2 Procedimentos de aplicação da entrevista

As entrevistas ocorreram, preferencialmente, no período da tarde. Optou-se por este turno em função das recomendações das Instituições. Segundo os funcionários, os idosos geralmente não gostam de receber visitas, nem de mudanças na rotina durante a manhã. É o horário que acordam, tomam banho e se preparam para o

almoço. Já no turno da tarde, logo após a sesta, eles estão mais receptivos e dispostos.

Ao aceitar o convite para participar da entrevista, era solicitado ao idoso que escolhesse o local que se sentisse mais à vontade. Alguns optaram por serem entrevistados no seu próprio dormitório, outros na sala de estar, corredores ou varanda. As entrevistas duraram em média quarenta minutos, embora algumas chegassem próximo a duas horas.

O número de idosos institucionalizados que participaram das entrevistas semiestruturadas foi reduzido pela dificuldade de encontrar pessoas sem comprometimento cognitivo e funcional e pela pouca disponibilidade de participação. Por esses motivos, decidiu-se por aplicar o *poema dos desejos* aos idosos não residentes em ILPI´s.

3.4.2.2.3 Poema dos desejos e o método visual: recorte de revistas

A intenção de usar o poema dos desejos foi a possibilidade de desvendar, através de declarações espontâneas que compõem um conjunto de informações ilustrativas, um perfil representativo dos desejos e demandas do conjunto de usuários de um determinado ambiente, como uma ILPI, por exemplo.

O método poema dos desejos, neste trabalho, foi adotado para identificar quais atributos (cores e tipo de iluminação) e elementos (móveis, quadros e outros objetos decorativos) do ambiente ligados à preferência estética são importantes para os idosos não residentes em instituições, considerando os ambientes - focos do estudo - o dormitório e a sala de estar.

Segundo Del Rio et al (1999), a identificação do imaginário coletivo em relação àquele contexto experienciado pelos usuários, a partir dos “poemas”, contribui para a construção do que seria a imagem ideal do ambiente (DEL RIO et al, 1999 apud RHEINGANTZ et al., 2009)

Considerando os estudos que evidenciam uma forte dificuldade de os idosos se expressarem, o método foi efetivado de duas formas: escrita e por meio de montagens das imagens recortadas.

Na primeira, a pesquisadora foi até o CETRES, e, durante uma tarde, explicou aos idosos de três oficinas distintas o objetivo do trabalho e entregou a cada um dos interessados duas folhas A4 impressas, cada uma com a seguinte frase: “Se eu morasse em uma instituição de longa permanência para idosos, EU GOSTARIA QUE MEU QUARTO FOSSE...” e “Se eu morasse em uma instituição de longa permanência para idosos, EU GOSTARIA QUE MINHA SALA FOSSE...”. Foi solicitado que cada idoso levasse a folha impressa para casa e trouxesse de volta em uma semana. Nela, escreveriam livremente seus desejos e colocariam a identificação do sexo e da idade. As folhas foram distribuídas para vinte idosos, dos quais dez trouxeram de volta.

A segunda forma de aplicação do método foi realizada da seguinte maneira: a pesquisadora entrou em contato com o grupo de idosos do CETRES quinze dias antes da aplicação para explicar os objetivos da pesquisa, como seria feita e a data da aplicação do método. Neste momento, foi feito o convite para quem tivesse interesse em participar. O convite foi feito em duas oficinas do CETRES, de Estudos sobre o Envelhecimento Humano e de Contação de Histórias.

Participaram da dinâmica oito idosos, dois homens e seis mulheres. No dia da dinâmica, ocorrida durante a manhã, os idosos foram recebidos com um café em uma primeira sala (Figura 3.22). No momento em que todos haviam chegado, a pesquisadora explicou como seria realizada a dinâmica. Neste momento, para surpresa da pesquisadora, os idosos começaram a questionar diversos pontos em relação a moradias institucionais, curiosidades sobre rotinas e atividades realizadas. Posteriormente, eles foram convidados a se deslocar para a sala ao lado, onde o material para a dinâmica já estava montado. Ali, foram estimulados, pela pesquisadora, para que seguissem com seus questionamentos, que foram anotados.



Figura 3.22: Recepção dos idosos para apresentação do método. Fonte: da autora, 2018.

Para que fosse possível realizar a tarefa nas duas horas propostas, foram levados três grupos de imagens previamente recortadas: uma para quartos, outra para sala e um terceiro para recantos. As imagens foram recortadas, buscando abranger a maior variedade possível de estilos e cores. Formam levadas também revistas de arquitetura de interiores para que os próprios idosos pudessem recortar imagens que lhes agradasse. Essas imagens foram distribuídas em quatro mesas que comportavam dois idosos cada.

Cada participante recebia duas folhas de cartolina tamanho A2, onde poderia colar as imagens preferidas. Cada mesa tinha uma fita adesiva de cor diferente para fixar a imagem na cartolina (para facilitar a identificação dos grupos), uma tesoura e canetas coloridas para anotação de informações (Figura 3.23). Foi solicitado que, após a colagem das imagens, os idosos escrevessem nos painéis a justificativa para suas escolhas.

a) 

b) 

c)  d) 

Figura 3.23: Poema dos desejos com recorte de revista: a) disposição do material utilizado antes da chegada dos idosos; b) material utilizado na aplicação do método c) e d) idosos montando os painéis. Fonte: foto da autora, 2018

A partir das colagens e dos desejos escritos obtidos com a aplicação do método *poema dos desejos*, foi obtido o imaginário coletivo desses ambientes (Figura 3.24). Todos os painéis elaborados pelos idosos participantes encontram-se no Apêndice D.

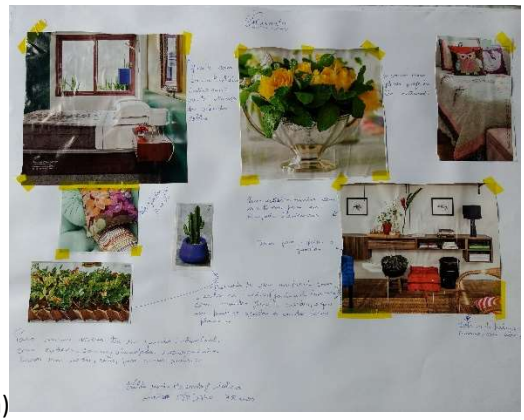
a)  b) 

Figura 3.24: Exemplo dos painéis elaborados por uma das participantes: a) dormitório, b) sala de estar. Fonte: Foto da autora, 2018

De modo geral, a tabela 3.4 mostra os grupos e quais métodos foram aplicados.

Tabela 3.4: Grupos estudados. Fonte: da autora, 2018.

Grupos	Oficina de estudos sobre envelhecimento humano	**GRUPO 1:** Idosos Institucionalizados	**Grupo 2:** Idosos não institucionalizados	
Métodos aplicados	observação comportamental e anotações feitas pela pesquisadora	entrevista semiestruturada	poema dos desejos	
			por escrito	com recorte de revistas
Número de participantes	15	15	10	8

3.5 MÉTODO DE ANÁLISE DOS DADOS AVALIATIVOS

Dada a natureza qualitativa da pesquisa, os dados foram levantados por meio de observações comportamentais, entrevistas semiestruturadas e poema dos desejos. A análise desses dados foi realizada a partir de transcrições, do cruzamento, sistematização e percepção da pesquisadora sobre as conexões existentes entre os dados coletados e entre estes e o referencial teórico.

A análise das **observações comportamentais** foi feita a partir da categorização dos usos e atividades realizadas nos locais.

As **entrevistas** foram examinadas por análise de conteúdo das respostas que foram agrupadas por ambientes (dormitório e sala de estar) e processos (agência e pertencimento) estudados. Segundo Bardin (1977), a análise de conteúdo se constitui em um conjunto de técnicas de comunicação, que visa à obtenção de indicadores diretos ou indiretos, resultantes do conteúdo das respostas angariadas pela aplicação de uma técnica ou instrumento. No caso desta pesquisa, a entrevista semiestruturada. Também foram utilizados trechos de entrevistas para dar suporte às análises.

Para o autor, a análise de conteúdo é um conjunto de procedimentos sistemáticos que implica em determiná-los previamente, para servirem de orientação ao pesquisador que deles faz uso. Visa, também, permitir a replicabilidade da técnica, possibilitando, com isso, a comparação de resultados entre diferentes estudos. Dessa forma, com base em Bardin (1977), foi definida uma sistematização de procedimentos que servem de apoio à análise dos conteúdos das entrevistas: (i) unidades de registro, que se constituíram na listagem das respostas para cada questão, separando-as por similaridade e diferença; (ii) análise de conteúdo propriamente dita, a partir de uma perspectiva qualitativa, utilizando a categorização, a inferência, a descrição e a interpretação.

Em termos operacionais, segundo Minayo (1993), a técnica de “análise de conteúdo” possui três etapas. Para fins desta investigação, foram seguidas a: (i) pré análise, que se constituiu na escolha do material a ser analisado, ou seja, o conteúdo das respostas à entrevista e dos desenhos e anotações, oriundos do Poema dos Desejos. Para tanto, se retomaram-se os objetivos da pesquisa de forma a se constituir um corpo de conteúdo, fruto das respostas e relacionando-as aos objetivos e às premissas; (ii) exploração do material no qual foi feita uma classificação

operatória, cujo intuito foi compreender o núcleo das respostas. A partir desses procedimentos, buscou-se fazer uma categorização, isto é, uma classificação de elementos que constituíssem grupos: primeiro, por semelhança; depois, por diferenciação, agrupando e reagrupando, conforme os objetivos. Desse modo, neste trabalho, foram definidos critérios sistemáticos determinados previamente para orientar a pesquisa e agrupar os conteúdos das respostas de ambos os métodos utilizados. Assim, os aspectos estruturados foram o processo de agência (locomoção, mudanças e atividades existentes) e o processo de pertencimento (aspectos físicos, sociais e pessoais).

Segundo Sanoff (1991), por se tratar de um instrumento não estruturado, a análise dos dados do **Poema dos Desejos** deve ser feita com cuidado e critério principalmente, na identificação de conjuntos ou classes de respostas (recorrências), que devem assim ser agrupadas.

O tratamento dos dados obtidos foi qualitativo, categorizando-se as respostas e reunindo-as, conforme a indicação desse autor, inicialmente, em informações similares (recorrências) e, posteriormente, por meio da Análise de Conteúdo. Esta análise foi realizada a partir do agrupamento dos resultados, configurando o imaginário coletivo para cada ambiente estudado. Posteriormente, foram agrupados por categorias que compunham os processos estudados, agência e pertencimento. Para a apresentação dos resultados, foram elaboradas Nuvens de Palavras, destacando os aspectos de maior força.

CAPÍTULO 4: AVALIAÇÃO DO AMBIENTE DAS ILPI´S POR IDOSOS INSTITUCIONALIZADOS E NÃO INSTITUCIONALIZADOS.

Este capítulo enfoca a análise dos dados coletados nas diferentes etapas desta pesquisa. Inicialmente, serão apresentadas as discussões resultantes do acompanhamento da oficina de estudos do Centro de Extensão em Atenção à Terceira Idade (CETRES). Também serão expostas as análises realizadas sobre os usos dos espaços e comportamento dos usuários em instituições. Logo após, serão apresentados e analisados os dados baseados na estrutura conceitual que relaciona o processo de agência e de pertencimento ao bem-estar na velhice, obtidos a partir da aplicação dos métodos nos dois agrupamentos estudados: idosos institucionalizados e não institucionalizados. Por fim, são realizados os entrelaçamentos entre as percepções dos distintos grupamentos sobre ambientes de ILPI. As seções do capítulo correspondem aos objetivos específicos.

4.1 DISCUSSÕES NA OFICINA DE ESTUDOS

Esta seção descreve os resultados relacionados com a etapa prévia do trabalho que corresponde ao acompanhamento do grupo de estudos CETRES.

4.1.1 Caracterização do grupo

No momento da participação, o conjunto era composto por 15 idosos (3 homens e 12 mulheres) e coordenado pela psicóloga Sulanita Arruda (Figura 4.1). Todos os participantes da oficina moravam em sua própria residência; alguns sozinhos, outros com o cônjuge. Nenhum com os filhos, exceto uma senhora com deficiência visual, que residia com sua filha. Eram reuniões semanais que ocorriam toda sexta feira das 14 às 17horas.

Embora alguns idosos participassem de mais de uma oficina, durante o decorrer das reuniões, percebeu-se que o perfil de idoso interessado nessa atividade tem algumas especificidades diferentes daqueles que procuram as oficinas de artes e

artesanato. Os idosos participantes das oficinas de artes e artesanato, por exemplo, tem como objetivo maior a convivência com outros idosos e a distração. Já os idosos da oficina de estudos estão mais voltados para entender o seu processo de envelhecimento e demonstram perfil mais ativo nas questões sociais que os envolvem.



Figura 4.1: Oficina de estudos sobre Envelhecimento Humano | CETRES / UCPEL. Fonte: fotos da autora, 2016

Dentre os tópicos escolhidos pelos idosos da oficina de estudos sobre envelhecimento humano estavam: aspectos sociodemográficos de um país que envelhece, reflexões sobre o processo de envelhecimento, exercício físico e a prevenção de doenças na terceira idade. Citam-se, ainda, o envelhecimento e a exclusão digital, possibilidade de envelhecimento ativo na ILPI, o lugar do idoso numa sociedade pós-moderna, percepção dos idosos sobre a velhice. A metodologia de trabalho da oficina consistia em ler um texto durante a semana, pesquisar assuntos relacionados ao tema e discuti-los numa próxima reunião.

É interessante observar que, independentemente do tema apresentado, as discussões sempre ficaram voltadas para questões familiares, no medo do abandono e da solidão, revelando insegurança referente às relações construídas ao longo da vida. Alguns pontos puderam ser identificados como relevantes nas discussões:

- Clara intenção de se inteirar dos seus direitos, que podia ser confirmada pelo fato de alguns integrantes irem ao encontro, levando seu Estatuto do Idoso;
- Dificuldade em aceitar as consequências do processo de envelhecimento, como, por exemplo, preferir ser chamado pelo nome do

que por expressões “senhor” e “senhora”, preconceito com trabalhos manuais como tricô, por ser atividade de “velho”, entre outros;

- Indicação da família como responsável pelas primeiras atitudes ao tratar o idoso como incapaz, protegendo-o excessivamente e fazendo com que ele vá perdendo sua independência e autonomia;

Em um dos encontros, o tema proposto foi sobre ILPI´s, com o texto *A possibilidade do envelhecimento ativo na instituição de longa permanência* (ROCKENBACH, 2013).

Ao discutir que a rotina em uma ILPI acaba com a memória, os idosos concordaram que nesses ambientes faltam estímulos necessários para essa fase da vida. Assim, os idosos não deveriam limitarem-se somente a assistir televisão e, sim, ter sua rotina complementada por outras atividades, como música, oficinas e socialização com outras pessoas.

Apesar de confirmar como ideal a possibilidade de envelhecer em sua própria casa ou com sua família, a instituição foi vista por idosos da oficina como um “mal” necessário. Eles expressaram a intenção de morar em uma ILPI ou habitações compartilhadas (como vilas para idosos, por exemplo) quando precisarem de cuidados e não forem mais capazes de fazê-lo sozinhos. Ao discutir que institucionalizar não é abandonar, concordaram que o idoso pode ser abandonado dentro de sua própria casa, ou pelo contrário, o idoso, quando institucionalizado, passa a receber mais carinho dos familiares.

Ao solicitar que expressassem livremente como imaginavam sua moradia, caso ela fosse em uma Instituição, os participantes apontaram várias características desses ambientes relacionadas tanto aos aspectos físicos, quanto subjetivos e do comportamento, com possibilidades de fazer suas escolhas. Por exemplo, as respostas mais repetidas foram: presença de sol, quarto e banheiro privativos, presença de áreas verdes, escolha da cor da roupa de cama, possibilidade de levar o próprio mobiliário. Além desses, citaram música, poder de escolha sobre o lugar onde receber visitas, espaço para dança e confraternização. Ressaltaram, também, a importância de questões relativas a conforto, personalização, privacidade e adaptabilidade desses espaços.

É interessante enfatizar que, embora os idosos identificassem essas questões relativas à imagem de uma Instituição, evidenciou-se a idealização de um local de moradia com uma expectativa subentendida, de que esse ambiente poderia suprir a falta de carinho e afeto que muitos relatam sentir em suas famílias. Os resultados desse trabalho foram publicados em um artigo no livro denominado Habitação e cidade para um Envelhecimento Digno, editado por Maria Luisa Bestetti e Bibiana Graeff (MACHADO e NAOUMOVA, 2017).

As discussões e assuntos levantados durante o acompanhamento da oficina de estudos, influenciaram significativamente na elaboração das questões discutidas na entrevista semiestruturada, aplicada nos idosos residentes em instituições selecionadas.

4.2 ESPAÇOS E COMPORTAMENTO DOS IDOSOS RESIDENTES EM INSTITUIÇÕES

A sistematização das observações comportamentais deste estudo partiu da análise dos usos dos espaços pelos idosos nas três instituições estudadas.

Neste caso é importante salientar que todas as atividades em ILPI´s estão relacionadas com o horário de alimentação e higiene. Todas as instituições têm horários fixos para as refeições, fato que cria uma rotina bem definida no dia a dia dos residentes. Tanto a ILPI 1, quanto a ILPI 3 possuem sugestões de horários de visita. Já na ILPI 2 existe uma portaria com horário e turnos para abertura e fechamento das portas.

Na ILPI 1, observou-se que, nos horários em que os idosos não estão em seus quartos ou fazendo refeições, utilizam dois ambientes durante o dia: a sala de estar (Figura 4.2 a) e a varanda (Figura 4.2 b). A sala de estar é usada basicamente para assistir televisão. A varanda também serve para socialização. Nesse local, durante as manhãs, é colocado um aparelho de som com música, criando um ambiente descontraído. A atratividade do local é confirmada pela presença de grande número de idosos que ficam sentados em cadeiras e na rede. Embora as cadeiras não sejam fixas, fazem parte do mobiliário sempre presente neste ambiente.

a)  b) 

Figura 4.2: Ambientes ILPI 1 a) sala de estar, b) varanda. Fonte: foto da autora, 2017.

Durante as visitas observou-se haver uma horta nos fundos do pátio, cuidada por um dos idosos residentes, fato que reforça o desejo de autonomia em agir sobre o ambiente (Figura 4.3). Tomasini (2002) em seus estudos com espaços externos em instituições, indicou, entre seus resultados, que idosos consideram importante a possibilidade de cultivarem plantas no pátio da instituição.



Figura 4.3: Área externa da ILPI 1 – vista da horta. Fonte: foto da autora, 2017.

Na ILPI 2, cujas duas alas são bem definidas, com dormitórios e salas de estar separados por gênero, embora os idosos de ambos os sexos tenham permissão para transitar entre as alas, verificou-se a segregação dos territórios. A sala de estar feminina é utilizada pelas idosas para assistir à televisão e receber visitas. As mesmas atividades são realizadas na sala de estar da ala masculina (Figura 4.4 b). Na sala de estar da ala feminina, apenas mulheres permaneciam, ocorrendo o mesmo na ala masculina, utilizada apenas por homens. No entanto, em dias específicos, quando acontecem eventos como apresentações musicais, residentes de ambas as alas se reúnem para dançar e confraternizar (Figura 4.4 a).

a)  b) 

Figura 4.4: Sala de estar ILPI 2: a) ala feminina, b) ala masculina

Durante as visitas, constatou-se que os idosos utilizam muito os diversos trechos que compõem o grande corredor que liga o acesso principal às duas alas. Em alguns espaços localizam-se grandes janelas e portas, que dão vistas e acesso para o jardim interno (Figura 4.5). No centro do percurso encontram-se as divisórias que dão acesso às diferentes alas. O espaço entre essas alas não faz parte nem da ala feminina, nem da masculina. Nesse local específico, os residentes de diferentes sexos se encontravam para conversar. Dentre outras atividades exercidas por eles no corredor estão: receber visitas, contemplar o jardim e o movimento (Figura 4.5).

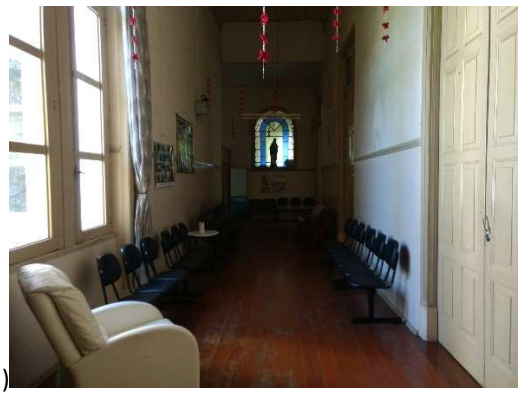
a)  b) 

Figura 4.5: Circulações ILPI 2: a) ala feminina, b) ala masculina

Outro local muito frequentado pelos idosos é o jardim interno (Figura 4.6). Lá acontecem seções de fisioterapia, exercício orientado por profissionais da área, descanso, contemplação, recepção de visitas e encontro entre homens e mulheres das distintas alas. Esse jardim conta com bancos em madeira, em diversas localizações, pontos que alternam a presença de luz e sombra, dependendo do horário do dia. É importante observar que, embora os idosos não acessem as alas do

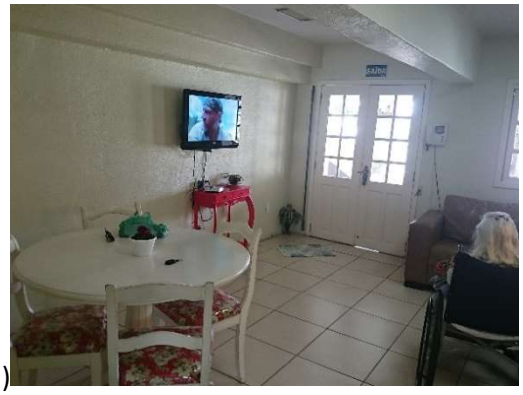
sexo oposto, tanto os corredores quanto o jardim interno se mostraram territórios neutros, propiciando vários encontros e atividades em conjunto.

a)  b) 

Figura 4.6: Vistas jardim interno a) através das janelas, b) jardim. Fonte: foto da autora, 2018.

A ILPI 3 possui dois andares e é composta, em seu andar térreo, por duas salas de estar. Tanto a primeira sala, localizada no acesso (Figura 4.7 a), quanto a segunda (Figura 4.7 c e d) são utilizadas para assistir à televisão e receber visitas. O recanto da *bay window,* anexo à segunda sala, é utilizado para contemplação do jardim, receber visitas, ler jornal e fazer palavras cruzadas (Figura 4.7 b). Como no andar térreo estão acomodados os idosos mais fragilizados (com grau de dependência II e III), existe a presença maior de cuidadores, compartilhando o espaço (Figura 4.7 c e d).

Embora seja permitido o livre trânsito entre os dois pavimentos, detectou-se que os moradores independentes do segundo pavimento não frequentam o térreo. Somente em alguns momentos, quando ocorrem confraternizações, como a festa junina, por exemplo, é que eles se encontram.

a)  b) 

c)  d) 

Figura 4.7: Salas de estar térreo ILPI 3: a) sala de estar no acesso; b)*bay window* com vista para o jardim; c) segunda sala de estar; d) segunda sala de estar. Fonte: foto da autora, 2017.

No segundo pavimento, a primeira sala de estar é usada para assistir televisão, receber visitas e ler jornal (Figura 4.8).

Figura 4.8: Sala de estar 1 da ILPI 3 - 2º pavimento. Fonte: da autora, 2017.

A segunda sala de estar desse pavimento é um ambiente pouco utilizado. É equipada com um aparelho de som, ao invés da televisão (Figura 4.9). Durante todas as visitas da pesquisadora à instituição, essa sala se manteve vazia; os residentes estavam sentados apenas na sala com televisão.



Figura 4.9: Sala de estar 2 da ILPI 3 – 2º pavimento. Fonte: da autora, 2017.

Muitos espaços da ILPI3 são voltados para um grande jardim que faz parte do seu entorno. Tanto a parte térrea, quanto o segundo pavimento contam com grandes varandas, muito desfrutadas pelos idosos. Na parte térrea, eles são colocados nestes locais pelos cuidadores, para tomar banho de sol, receber visitas e contemplar a natureza. No segundo pavimento, essas varandas são empregadas para receber visitas, leitura e observar o movimento da Avenida que fica em frente à instituição (Figura 4.10).



Figura 4.10: Vistas externas ILPI 3 a) jardim, b) varanda térreo, c) vista do jardim para as varandas, d) varanda do 2º pavimento. Fonte: da autora, 2017.

A partir das observações comportamentais, observou-se que a rotina estabelecida na instituição para alimentação e higiene, organiza e influencia a maioria das atividades restantes, além de manter o convívio harmonioso. A este respeito, entretanto, Berzins e Stevam (2010) lembram da importância da humanização e do respeito à individualidade, utilizando, quando necessário, a flexibilidade da rotina e o bom senso dos profissionais.

Destaca-se que varandas e jardins se mostraram ambientes propícios para a integração e atividades lúdicas como ouvir música, contemplar a natureza e o movimento nas ruas.

4.3 ENTREVISTAS REALIZADAS COM IDOSOS INSTITUCIONALIZADOS

Esta seção analisa os dados decorrentes das entrevistas e aborda a descrição dos perfis dos indivíduos em foco, avaliação do ambiente e identificação dos elementos e atributos relacionados com o ambiente.

A primeira parte da entrevista objetivava conhecer o perfil dos idosos: sua idade, origem, informações da antiga residência, grau de instrução, profissão, estado civil e o motivo que o levaram a residir na instituição. Neste sentido, percebeu-se que os idosos, em sua maioria, optaram por se mudar para a ILPI por questões de saúde e, alguns, pela dificuldade em lidar com a solidão, após a perda do cônjuge. Embora alguns tenham sido levados pela família, de modo geral, todos os idosos desejaram morar na Instituição.

Das pessoas entrevistadas, praticamente todas eram viúvas ou nunca chegaram a se casar. Apenas um idoso residia junto com a esposa na instituição. Quanto ao grau de escolaridade, na ILPI1, dois idosos eram alfabetizados, mas não haviam concluído o ensino fundamental. Na ILPI2, cinco idosos eram alfabetizados, um havia concluído o ensino fundamental e três o ensino médio. Entre as quatro pessoas da ILPI3, uma idosa havia concluído o ensino fundamental, uma o ensino médio e duas o nível superior. Percebe-se, com essas informações, que o grau de escolaridade aumenta conforme aumenta o padrão socioeconômico da instituição. Isso indica que não somente pessoas com vulnerabilidade social e baixa escolaridade procuram instituições desse tipo, como opção de moradia.

Na **ILPI1**, entre os moradores, apenas dois idosos, ambos homens, estavam lúcidos e se dispuseram a participar da entrevista. Suas idades eram 63 e 74 anos. O mais antigo está na instituição há dois anos, e o mais novo, há apenas uma semana. O primeiro idoso foi morar no local para acompanhar sua esposa, com Alzheimer, e o segundo vivia em um abrigo municipal e, por ter mais de 60 anos, foi transferido para a instituição.

Na **ILPI2,** dentre os nove residentes que se propuseram a participar da pesquisa, cinco eram homens e quatro mulheres. Suas idades variavam entre 64 e 89 anos. O mais antigo estava na instituição há aproximadamente 20 anos (não soube precisar bem) e o mais novo há um ano e seis meses. Todos os entrevistados escolheram morar na Instituição, alguns por motivo de doenças e perda de autonomia e outros, para fugir da solidão.

Na **ILPI 3,** o grupo entrevistado foi composto por quatro mulheres. Suas idades variavam entre 70 e 92 anos. A mais antiga está há dois anos e cinco meses. Uma idosa foi levada pela filha e as outras três optaram por morar na instituição, duas por limitações físicas (ambas cadeirantes).

Os resultados da análise das perguntas específicas da entrevista sobre o processo de agência e pertencimento, são apresentados de acordo com os objetivos específicos 1, 2, 3 e 4 e agrupados por instituição estudada. Dentro de cada instituição, as informações são organizadas pelas categorias avaliativas relacionadas com as questões sobre o ambiente geral, dormitório, sala e atividades realizadas.

4.3.1 Características dos ambientes e o conceito de bem-estar

Essa seção descreve os resultados em atendimento ao objetivo específico 1: revelar a relação entre características dos ambientes – seus elementos (móveis, decorações, plantas) e atributos (cores, iluminação) com o conceito de bem-estar.

4.3.1.1 Avaliação do ambiente geral, dormitório e sala de estar da ILPI 1

A respeito da instituição em geral, os dois idosos afirmaram ser agradável, mas gostariam que fosse mais aconchegante. Um deles reforçou o bom conforto térmico, referindo-se à temperatura interna da casa e complementou sobre a limitação do poder público:

> "*olha, assim, dentro do que o poder público oferece dentro das leis, que eu não conheço as leis, mas existem leis né, dentro do município né? Que impede muitas vezes uma pessoa que entra assim pra um cargo, como prefeito, como secretário, como vereadores de fazerem as coisas... Eles podem ter boa vontade, tem o recurso na mão, mas isso tudo vem lá de cima né? Até aqui tu podes fazer, daqui tu não podes passar. Então quer dizer, isso tudo seria necessário se conhecer os artigos da lei que o porquê pra gente poder chegar o porquê que eles não dão um melhor conforto. Mas claro que com certeza eu gostaria de ver um lar bem mais aconchegante, principalmente pra, eu já não digo terceira idade, eu digo última idade"* (E_M_2, 63 anos).

Sobre o local que considerado mais agradável, um deles apontou o dormitório e, na sequência, referiu-se ao compartilhamento com outro morador *"Mas de onde eu estou, no meu quarto, é eu e um outro senhor. E nós temos assim, não quero dizer que somos os mais lúcidos, mas são os que estão com a memória mais aberta pro diálogo, sabe, então a gente conversa muito, sobre as coisas de família"*. O outro idoso mencionou a rede na varanda *"estar na rede, deitado na rede, na varanda"*. O local onde mais gostavam de ficar, quando tinham tempo livre, foi o que consideraram mais agradável.

Em relação ao local avaliado como mais desagradável, o primeiro entrevistado citou que não gosta da falta de liberdade, não respondendo o foco da pergunta; já o segundo afirmou que o local mais desagradável é na sala, junto com os outros idosos, em função da dificuldade de interação com pessoas com comprometimento cognitivo.

Sobre o questionamento se as cores das paredes da Instituição eram aconchegantes e divertidas, um respondeu positivamente e o outro afirmou que não, pois *"cinza não traz vida"*, referindo-se à cor existente na parte externa da casa.

Quanto ao conforto dos móveis, um deles afirmou serem confortáveis, o outro que não, pois *"poderiam ser melhores, para amenizar os traumas"*, demonstrando uma preocupação de que o ambiente dê suporte aos idosos no que se refere às transformações negativas provenientes do processo de envelhecimento.

Nos aspectos relacionados ao dormitório, os dois entrevistados que compartilham o mesmo espaço, afirmaram gostar do próprio dormitório. Salientaram positivamente o fato de dividirem o quarto com mais uma pessoa, pois podiam conversar, reforçando a necessidade de socialização. Ao descrever seu dormitório, um dos idosos cita que *"tem minha televisão, meus armários"*.

Em relação ao mobiliário, respondendo à pergunta relacionada à própria cama, ambos afirmaram gostar da sua. Referente a outro tipo de mobiliário, um dos idosos referiu-se a seus manuscritos, que gostaria que estivessem guardados com segurança, *"porque tem coisas que não podem ficar em qualquer mão, eu sei que não pode"* – e, ao ser questionado se não tinha um roupeiro individual, ou com uma parte individual, foi respondido que *"não, não, só tem um bidê sem gaveta, sabe? É uma mesinha, uma mesinha sabe quadrada, alta do chão e ali na parte de baixo ele tem dois andares. Entre o de baixo e o de cima eu coloco minhas coisas, mas eu gostaria de algo fechadinho, um armário fechado"*. Neste sentido, verifica-se uma perda de domínio do espaço privativo e uma necessidade de controle sobre a sua privacidade.

Quando foram apresentados aos conjuntos de imagens do mobiliário para escolha, os dois idosos mostraram preferências semelhantes. Nas imagens com as opções de cama, os dois preferiram o móvel em madeira em relação ao ferro e modelo hospitalar. Ao escolher, um dos idosos justificou *"eu gosto de modificar as coisas, ah eu adoro modificar! Então eu já olhei essa de madeira, por quê? Porque essa daí eu posso mudar ela com facilidade"* (percebe-se a necessidade de autonomia para agir sobre o ambiente - processo de agência). Preferência similar ocorreu ao apresentar o conjunto de imagens (de criado mudo e roupeiro), em que deveriam escolher entre a madeira e o ferro. No entanto, um idoso preferiu o criado mudo em ferro. Entre quatro opções de poltronas, um deles preferiu o modelo todo estofado, e o outro a poltrona toda em madeira.

Sobre a iluminação os entrevistados afirmaram que tanto a natural, quanto a artificial estavam boas. Ambos se referiram a um aspecto positivo do quarto: uma porta janela que dá acesso à lateral do prédio e que possibilita abundante iluminação natural. Isso reforça a importância de aspectos relacionados ao conforto lumínico, proveniente da luz natural (para o bem-estar dos idosos).

Em relação à sala de estar, um dos entrevistados afirmou gostar por causa da televisão e o outro respondeu que não gostava, preferindo ficar no seu dormitório. Quanto às cores, os dois residentes gostariam que a sala fosse pintada com alguma cor. Quanto a ter outras opções de móveis na sala, além das existentes, um idoso afirmou que gostaria de mais sofás e poltronas, o outro não tinha preferência, pois não usava a sala.

Quando perguntado se gostavam dos espaços que viam através das janelas da sala, um entrevistado limitou-se a fazer referência à luminosidade natural e o outro afirmou que gostava, pois *"nada como o contato com a natureza e a vista para o céu"*. Ao perguntar sobre a presença de plantas na sala, um dos idosos afirmou que sim, pois gosta da casa enfeitada; para o outro não fazia diferença.

4.3.1.2 Avaliação do ambiente geral, dormitório e sala de estar da ILPI 2

Sobre a instituição em geral, todos os nove idosos afirmaram ser agradável e praticamente todos se referiram ao atendimento e cuidados que tinham: *"é bom, melhor lugar, atendimento 24 horas, médico, cuidador", "Bom atendimento, atencioso. Tem janela para o jardim no quarto. Lugar ótimo, me adaptei bem"*.

Sobre o local que consideravam mais agradável, quatro se referiram ao dormitório, dois ao jardim, dois à sala (um deles afirmou que não tem opção, visto que tinha limitações de mobilidade e dependia de uma cadeira de rodas), e um afirmou andar por todo o lado *"qualquer lugar é o meu preferido"*. Ao indagar qual o espaço que mais gostavam de ficar quando tinham tempo livre, as respostas coincidiram com as do local mais agradável.

Quanto ao ambiente que consideravam mais desagradável, quatro entrevistados afirmaram não existir; duas se referiram ao banheiro onde *"é tudo misturado em horários"*; duas citaram a sala de estar *"por causa dos olhares"* (fazendo uma referência às pessoas com algum tipo de comprometimento cognitivo), um afirmou não ter opinião por não frequentar outros locais, além do próprio quarto e da sala em função de se ser cadeirante e depender de alguém que o leve. E um entrevistado afirmou ser a ala feminina, por *"ser muito chata"*, confirmando a segregação existente entre as alas.

Ao perguntar se as cores das paredes da instituição eram aconchegantes e divertidas, oito idosos responderam que estava bom assim, ressaltando que gostavam do bege (que é a mesma cor em todos os ambientes da Instituição), *"gosto do jeito que é, tudo bege"*, *"porque gosto de tudo claro, dá uma paz"*.

Quanto ao conforto dos móveis, dois não se posicionaram, por serem cadeirantes. Os outros sete afirmaram que consideravam os móveis confortáveis, referindo-se especialmente à própria cama e a algum mobiliário complementar do

quarto, como bidê e sapateira. Um morador, ao afirmar que considerava os móveis confortáveis, logo mudou o foco e falou do bom atendimento.

Em relação ao dormitório, de todos os idosos da instituição apenas um não tem este ambiente compartilhado, o restante compartilha entre duas a seis pessoas. Todos os entrevistados afirmaram que gostam *"tenho banheiro no quarto, tenho mais autonomia", "bom, confortável, tenho bons colegas", "Prefiro dividir quarto, do que ficar em um lugar abafado"* (referindo-se ao antigo quarto na instituição, em que ficava sozinho, mas era muito abafado, evidenciando a necessidade de um conforto térmico adequado*)*. A fala dos entrevistados enfatiza aspectos ligados ao processo de agência, a partir de conceitos como autonomia e socialização, e aspectos ligados ao processo de pertencimento, a partir da indicação das características ligadas ao conforto térmico.

Em relação ao mobiliário, todos afirmaram gostar da própria cama. Alguns relataram ter trazido a sua cama e colcha, corroborando para a importância da personalização e referências da antiga moradia.

Na apresentação de imagens com as opções para escolha de cama, todos preferiram a de madeira. Preferência similar ocorreu ao apresentar os outros dois conjuntos de imagens, um para o criado mudo e outro para o roupeiro: apenas um idoso preferiu o ferro. Em relação às poltronas, quatro idosos optaram pelo modelo todo estofado; três preferiram assento e encosto estofado com braço de madeira *"por causa da coluna";* um escolheu o modelo todo em madeira. Apenas um entrevistado não quis escolher nenhuma opção dos jogos de imagens apresentados.

Ao perguntar sobre a iluminação, todos responderam que tanto a natural quanto a artificial estavam boas, apenas um idoso fez uma consideração *"natural sim, mas artificial gostaria de um abajur para ler, para levantar e não incomodar".*

Em relação à sala de estar, seis residentes afirmaram gostar do lugar, mas enfatizando que era por causa da televisão *"por causa da TV, mas não para conversar"*. Três entrevistados não gostam deste ambiente *"não gosto de ficar com as pessoas", "fico mais no quarto por causa da inveja, então não uso muito a sala. Não gosto por causa das pessoas, não me acostumei com o sistema"*. Essa fala dos idosos indica uma dificuldade em se socializarem com outros idosos em função do acentuado

comprometimento cognitivo de alguns moradores, e também pelo tipo de controle exercido pela instituição, já que fizeram referência ao “sistema”.

No que concerne às cores, três declararam preferir que o ambiente não seja pintado com cores: *“tem que estar limpo”, “prefiro branco”* (mas quando apresentados à paleta de cores, escolheram cores para o ambiente). Os outros seis entrevistados gostariam que a sala fosse pintada com alguma cor. Uma idosa reforçou a impossibilidade de alteração da cor *“e eu acho que nunca trocará. Acho que é proibido por lei mudar a cor desse prédio”.* A fala dos idosos reforça a percepção do acentuado grau de controle (limitação do grau de autonomia permitido), que Stevens-Long (1979 apud CUPERTINO, 1996) apontou como uma das três características distintas das instituições.

Quanto a ter outras opções de móveis na sala além das existentes, apenas uma entrevistada indicou que gostaria de ter cortinas, o restante respondeu que não precisava de nada *“Está variado, está bom. Tem cadeira, sofá, mesa, mais cadeira”*, demonstrando conformismo e ausência de anseios. No entanto, ao responder que estava bom, fizeram algumas ressalvas *“tem que ter espaço para dança quando alguém vem tocar”*.

Quando perguntado se gostavam dos espaços que viam através das janelas da sala (as janelas da sala da ala feminina são voltadas para uma praça), quatro disseram que sim, duas mulheres gostavam por causa das árvores e um homem se referiu às plantas. O restante afirmou que não olha através das janelas, *“não vou na janela, mas gosto de jardim, gosto de ir no jardim interno”; “não uso a sala, gosto do jardim”* (referindo-se também ao jardim interno que existe na instituição).

Ao serem questionados sobre a presença de plantas na sala, apenas dois idosos declararam não gostar. O restante gosta muito de plantas, de preferência naturais. Neste momento, alguns lembraram de suas antigas residências *“tinha orquídeas e violetas na antiga casa” “Gosto muito. Minha casa era conhecida como pantanal, mas tem que ser natural”, “Poderiam ter mais plantas”.* Segundo Chaudhury e Rowles (2005 p.12), ter elementos que lembrem a antiga residência, possibilitam replicar experiências de vida em diferentes lugares que não são a casa, trazendo à tona as memórias sobre ela.

4.3.1.3 Avaliação do ambiente geral, dormitório e sala de estar da ILPI 3

Sobre o ambiente geral da instituição, uma idosa afirmou ser desagradável, referindo-se ao bairro *"não gosto do bairro, porque não tem comércio"*. Sua antiga residência localizava-se na zona central da cidade, onde o acesso ao comércio de pequeno porte e serviços (padarias, farmácias, supermercados) era facilitado. Inclusive, podia ser realizado a pé, situação diferente da residência atual, que se localiza em zona mais industrial e de comércios de grande porte, como lojas de materiais de construção e elétricos.

Verifica-se, portanto, a importância da localização da instituição e a presença do entorno amigável (BESTETTI, 2006). Esse contexto pode contribuir para criar uma relação afetiva com a residência, dando um caráter de lar e a necessidade de considerar o bairro onde será inserida uma ILPI. Conforme foi afirmado por Rowles, Oswald e Hunter (2003), uma ruptura que ameace as rotinas e hábitos já estabelecidos, rompe uma sensação estabelecida de *estar no lugar*, e cria uma sensação de *estar fora de controle* com o bairro de origem. As outras três idosas consideraram a instituição agradável *"sim, muito bom, maravilha, as pessoas são agradáveis"*, *"aconselho que venham pra cá, que sigam os mandamentos deles".* Nesta última fala, surge a satisfação, a ciência e a conformidade em relação às regras estabelecidas na instituição.

Sobre o local que consideravam mais agradável, uma das idosas se referiu à varanda *"pra ver o movimento, gosto de ver gente"*; pelo mesmo motivo, outra prefere ficar em um local anexo à sala de estar, junto a uma *bay window*. A terceira entrevistada considerava mais agradável o quarto e a varanda, e a outra o quarto. O local preferido é o mesmo que elas consideraram mais agradável.

Em relação ao ambiente que consideravam mais desagradável, uma respondeu que não tem desagradável, a outra ao responder, afirmou *"eu só não gosto, uma coisa que eu acho que me afeta, não sei eu fico tão triste, tão chocada às vezes, de ver essa criatura, tu nunca viste ela aí? Ela fica em um bláblábla bláblábla, então aquilo me toca muito... eu não tenho nada que ver, eu nem conhecia, mas me toca... porque eu não vejo ninguém com ela, e também não adianta tu puxar assunto que ela não vai conseguir, não vai conversar"*. Neste sentido, constata-se que a convivência indesejada entre os idosos com diferentes graus de comprometimento cognitivo, pode

despertar tristeza, medo do seu próprio futuro. Isso pode tornar os locais desagradáveis.

Ao perguntar se as cores das paredes da Instituição, que contempla diversas cores, eram aconchegantes e divertidas, todas responderam que sim *"tem cores clarinhas, verde, rosa azul"*, *"o verde por exemplo é alegre, a gente chega ali e se sente bem"* ambas se referindo às cores internas dos ambientes. Nesta última fala, percebe-se a relação que a idosa faz entre as cores e o sentimento provocado por elas. Neste sentido, a literatura (OKAMOTO, 1996; ANTER, 2000) aponta que as cores influenciam a psicologia humana e se relacionam aos sentimentos, às emoções e às sensações, as quais, por sua vez, se ligam à percepção e ao comportamento dos indivíduos. Quanto ao conforto dos móveis, todas as entrevistadas avaliaram-no *confortáveis "posso receber qualquer visita".* Esta última fala evidencia uma preocupação com a aparência do local, deixando implícito um desejo por um local bonito e aconchegante.

Em relação ao dormitório, das quatro idosas, duas dividem quarto com mais uma pessoa e duas têm quarto individual. Três entrevistadas afirmaram que gostam: *"gosto, tem duas camas, duas mesas de cabeceira, uma cadeira e um roupeiro"* e uma idosa, que mora em um quarto individual, afirmou que não *"muito diferente do meu, mas a gente se habitua a tudo na vida".* Constata-se, assim, um pesar em não possuir seus próprios móveis no dormitório da instituição e, ainda, um conformismo e desânimo com a impossibilidade de modificação e ação sobre o ambiente atual.

Em relação ao mobiliário, ao perguntar sobre a própria cama, todos responderam gostar da sua. Nas imagens com as opções de cama, praticamente todas preferiram a de madeira em relação à de ferro e modelo hospitalar, apenas uma preferiu em ferro. Preferência similar ocorreu ao apresentar os outros dois conjuntos de imagens, para o criado mudo e roupeiro, em que a preferência foi sempre pela madeira. Para as poltronas, duas escolheram a toda estofada, uma a poltrona toda em madeira e a quarta entrevistada selecionou a de ferro para o verão e a de madeira para o inverno.

Quanto às cores dos dormitórios, todos os idosos declararam que gostariam que o ambiente fosse pintado com cores. Ao responder sobre a qualidade da iluminação, todos afirmaram que tanto a natural, quanto a artificial estavam boas.

Quanto à sala de estar, duas idosas sustentaram gostar do lugar. Uma entrevistada, residente no 2º pavimento, onde estão localizadas duas salas de estar, uma com televisão e a outra sem (esta última geralmente vazia), afirmou que gosta da sala sem televisão *"da sala de estar? Eu gosto. Sozinha, sozinha, pra meditação"*. E, referindo-se ao ambiente com televisão, a pesquisadora aprofundou – mas aquela sala ali sempre tem gente né? - a idosa reforçou não gostar de ficar ali *"É porque tudo fala ao mesmo tempo né? Então eu saio, depois eu volto outra vez. Eu sou mesmo que passarinho, saiu da gaiola, pula aqui, pula ali"*. Outra idosa também afirmou não gostar da *sala com televisão "Não uso, assisto à TV só no quarto, na sala nunca. Leio muito, faço palavras cruzadas* (ainda se referindo ao seu quarto). *Eu bordava, costurava, mas aqui não dá, não tenho vontade"*, demonstrando uma apatia em relação às atividades realizadas no local atual.

Referente às cores da sala, todos os idosos declararam preferir ambientes pintados com cores, e fizeram algumas observações *"Sim, mas não me importo muito. As cores não devem ser berrantes",* e revelando a relação emocional*, "Sim, o cinza é triste"*. Quanto a ter outras opções de móveis na sala, além das existentes, uma idosa afirmou que não gostava muito deste ambiente e gostaria de mudar *"como ela* [sala] *está não. Tem que arrumar. Esse sofá podia ter, mas de outra cor. A mesa* [lateral] *pode ficar, a televisão podia ficar. Aquilo ali é muito bonito, mas eu não gosto de quadro na parede".*

Quando perguntado se gostavam dos espaços que viam através das janelas da sala, alegaram *"aqui é sempre a mesma coisa, a única coisa que de vez em quando eu vejo é que aqui na frente tem uma escola ou creche, tem crianças pequeninhas, eu gosto muito de criança, então... mas é muito raro, eu passo quase o dia inteiro no meu quarto"*. É possível perceber aspectos ligados à solidão na moradia institucional na fala dos idosos. Esses aspectos foram apontados nos trabalhos de vários autores, tais como Neri (2007), Biachi (2013) e Affeldt (2013). Estes estudiosos afirmaram que no momento em que os laços sofrem uma ruptura e a pessoa depara-se com a necessidade de se submeter a uma vida comunitária, isso, em princípio significa um estado de extrema solidão.

4.3.1.4 Avaliação dos atributos e elementos dos ambientes nas três instituições

Nas três instituições analisadas, a escolha tanto dos móveis para cama, quanto do criado mudo e roupeiro, evidenciou a preferência por madeira em relação ao metal, pois, segundo os entrevistados, era um material mais aconchegante e menos frio. Pode-se observar ainda que, em duas das três instituições analisadas, existia o problema com cupins, fato relatado por vários residentes, ao demonstrar preocupação com a manutenção desse tipo de material. No entanto, esse problema não alterou a preferência pela madeira.

Em relação à escolha pela poltrona, não houve distinção significativa entre a escolha nas diferentes ILPI´s. A maioria dos idosos preferiu o modelo todo estofado, em função do conforto proporcionado pelo revestimento, braços e altura do encosto. O restante dos idosos dividiu-se entre os dois modelos que tinham madeira. Neste caso, a maioria relatou a preferência em função da ergonomia, pois ambos favoreciam um sentar mais confortável para pessoas com problemas na coluna. As escolhas dos móveis nas três instituições são apontadas na Tabela 4.2.

Tabela 4.2: Escolhas dos móveis nas três instituições. Fonte: da autora, 2018.

Instituições estudadas		ILPI 1		IPLI 2								ILPI 3			
Sexo		M	M	F	F	F	M	M	M	F	M	F	F	F	F
Idade		74	63	73	64	75	73	73	78	66	89	75	84	70	91	92
QUARTO	Cama															
	Criado Mudo															
	Roupeiro															
	Poltrona															

Na amostra dos tecidos, entre as três opções apresentadas (couro sintético, impermeável à base de algodão e camurça sintética), a maioria dos idosos preferiu o sintético pela facilidade de manutenção. Alguns entrevistados demonstraram preocupação com a higiene, referindo-se ao escape de urina, comum em idosos. Embora tenham escolhido os revestimentos por ordem de preferência, complementaram as suas falas com expressões como "*mas aqui não pode...*".

A maioria dos idosos evidenciou a vontade de que as paredes do quarto e da sala fossem pintadas com cores, embora alguns tenham optado por não as escolher

– um idoso não optou por nenhum ambiente, e os outros dois não escolheram para a sala, somente para o dormitório.

Ao selecionar as cores para dormitório e sala, as preferências concentraram-se nos matizes menos saturados, em tons de bege, azul e verde, tanto para sala, quanto para o dormitório (Tabela 4.3).

Percebe-se que, na ILPI 1, a preferência dos entrevistados foi por tons mais saturados, divididos entre os azuis e os verdes, tipicamente masculinas (CARTER, 2005). Na ILPI 2, as escolhas variaram, tendo tanto tons mais saturados quanto menos saturados e tendência para selecionar cores de tonalidades mais quentes (avermelhadas e amareladas). Na ILPI 3, houve preferência nas tonalidades menos saturados e claros e, em termos de matiz, variando entre azuis, verdes e beges.

Tabela 4.3 – Preferência de cores. Fonte: da autora, 2018.

Tabela de Preferência de Cores															
	ILPI 1		ILPI 2									ILPI3			
IDOSO	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15
Cor para quarto				x											
Cor para sala				x	x		x								

Em uma das entrevistas houve um depoimento de um dos idosos, ressaltando a importância das cores para a faixa etária em estudo:

> *"olha se fosse do meu gosto, se eu pudesse opinar pra realmente dar vida aqui... Essa cor aqui não traz vida* [referindo-se ao cinza existente]. *Principalmente pra quem está em busca né de, tá em busca de uma harmonia com a vida... Tudo isso é necessário dentro de um projeto, tudo isso é necessário, dentro de um projeto pra uma determinada classe de pessoas. Tudo isso é necessário... Se fosse uma casa assim pra uma... pra adolescente, vamos dizer assim, não teria grandes influências essas cores, porque eles já têm dentro deles né, um desabrochar pra vida, eles estão desabrochando alegria, felicidade com qualquer coisa eles ficam, eles se completam. Agora o ser que já está nesta idade, ele já está na decadência, muitas coisas ele já nem lembra, mas ele enxerga e no ele enxergar ele tem que se maravilhar com aquela cor viva. Então eu não sei, tô lhe explicando isso. É assim que eu penso. Dar vida pra essas pessoas que já estão murchando"* (E_M_2, 63 anos).

4.3.2 Personalização do ambiente e sensação de pertencimento

Esta seção descreve os resultados em atendimento ao objetivo específico 2: Investigar de que forma a personalização do ambiente interfere na sensação de pertencimento.

A personalização do ambiente foi estudada por meio de perguntas ao longo da entrevista, observação do comportamento e também das manifestações físicas nos espaços das instituições (preferencialmente nos dormitórios).

4.3.2.1 ILPI 1

Quando foi perguntado aos idosos da ILPI1 se levaram algum pertence pessoal, um idoso afirmou que levou suas roupas, cobertor, armário e *"algumas coisinhas... retrato da minha esposa e do meu irmão"*, guardados dentro seu armário. O outro afirmou que não levou nada, nem seus documentos, pois haviam sido roubados na rua.

Ao perguntar o que gostariam de levar de sua casa para o novo local de moradia, um dos idosos respondeu *"muitas coisas não dá pra trazer, porque aqui não tem onde botar né?"* e complementou que gostaria de ter levado o seu cachorro. O outro idoso gostaria de ter trazido seu computador.

Sobre a possibilidade de ter objetos decorativos no quarto, um dos idosos afirma que *"é proibido né, tá pregando na parede"* – e se pudesse? *"ah sim, porque na minha casa era enfeitada a sala né? Tinham fotografias, minha mulher é gremista, tinha o quadro do grêmio"*.

Segundo os responsáveis, um dos fatores que dificultam ou inviabilizam a personalização dos espaços e a possibilidade de trazer móveis e determinados tipos de pertences pessoais é o *layout* atual das instituições. De forma mais acentuada, salientaram a ocupação dos dormitórios coletivos, onde o espaço individual é mais restrito em função da alta densidade.

A ausência de objetos decorativos foi confirmada, em parte, pela pesquisadora. Nos dormitórios com maior número de camas, localizadas muito próximas umas das outras, os objetos decorativos eram praticamente inexistentes (Figura 4.11c). No entanto, no dormitório onde as camas estavam mais distantes, verificou-se, embora

de maneira tímida, poucos objetos, como quadro, banner, rádios (Figura 4.11 a e b). A espaciosidade - uma qualidade importante do ambiente - principalmente no envelhecimento, por proporcionar intimidade e separação do próprio território, foi muito prejudicada neste caso. Em alguns dormitórios, a proximidade entre as camas é tão grande que compromete até a locomoção, quanto mais a preservação de sua intimidade (Figura 4.11d).

a)  b) 

c)  d) 

Figura 4.11: Dormitórios ILPI 1 a) e b) masculino, c) e d) masculino

4.3.2.2 ILPI 2

Ao responder se trouxeram algum pertence pessoal para a Instituição, oito idosos disseram que levaram pertences pessoais (roupas e equipamentos de higiene) e um não levou nada. Dos oito que trouxeram pertences pessoais, sete levaram móveis para o dormitório e, desses sete, cinco levaram ainda outros objetos: um levou fotos, um seu instrumento musical (gaita), uma sua máquina de costura, e outro um relógio de parede. Ao relacionar a gaita nos itens que havia levado para a ILPI, a idosa falou que tocava o instrumento com frequência no jardim interno e em algumas festas

realizadas na sala de estar com música, demonstrando alegria em exercer esta atividade.

Segundo a responsável pela ILPI 2, o desejo de ter relógio nos dormitórios, evidenciado por boa parte dos idosos entrevistados, se dá pelo fato de que a vida dos residentes gira em torno da rotina diária, organizada entre a higiene pessoal e as refeições. De acordo com ela, os idosos ficam controlando o horário para não se atrasar, especialmente no horário das refeições, ainda que a instituição tenha alarme sonoro para avisar.

O tipo de mobiliário mais levado eram a própria cama, criado mudo e roupeiro (se fosse pequeno). Como alguns idosos optaram por responder a entrevista em seus próprios dormitórios, foram apontando os móveis levados por eles, sempre ressaltando que só puderam levar algumas peças e o roupeiro por ser pequeno. Os móveis pessoais misturam-se com o mobiliário da própria instituição, conforme Figura 4.12.

a)  b) 

Figura 4.12: Dormitórios coletivos ILPI 2 a) feminino e b) masculino

Ao responder se gostariam de levar mais algum pertence pessoal, três afirmaram que sim. Um deles citou *"a sapateira e a térmica vermelha do inter* [Internacional, time de futebol do estado do Rio Grande do Sul], *centrífuga de roupa e lençol térmico"*; o outro gostaria de uma cortina, e o terceiro, um relógio de parede e um calendário. Os outros seis idosos disseram que não gostariam de levar mais nada, *"tenho tudo que preciso".*

Ao serem questionados se gostariam de objetos decorativos no seu quarto, cinco idosos afirmaram que sim, e listaram alguns elementos *"tem um objeto com frases da bíblia, tem um relógio"*, *"sinto falta de cortina"*, *"tenho um quadro de Jesus,*

mas não gosto muito de encher de coisas", *"sim, um quadro de Jesus e o meu trabalho de pesquisa"* referindo-se a recortes de revistas temáticos que pendura na parede. Os outros quatro entrevistados afirmaram que não *"Não. Me sinto bem. Não precisa"*, *"não me preocupo com isso"*, *"não gosto, porque isso é coisa da pessoa"* referindo-se a individualidade e gosto pessoal.

Foi possível perceber que alguns idosos personalizam seus espaços com imagens de santos, recortes de revistas, bichos de pelúcia e algum mobiliário compacto, como pequenas estantes individuais (Figura 4.13). Nos dormitórios femininos, identificou-se também a presença de colchas produzidas pelas próprias idosas para usar nas suas camas.

a)  b) 

Figura 4.13: Dormitórios ILPI 2 a) feminino b) masculino

4.3.2.3 ILPI 3

Na ILPI 3, quando perguntados se levaram algum pertence pessoal para a Instituição, todas afirmaram que sim. Três delas, além de objetos pessoais, levaram algum tipo de mobiliário.

Ao serem questionados se gostariam de levar mais algum pertence pessoal, as quatro idosas inicialmente afirmaram que não, justificando que não tinha espaço *"Aqui não dá, a gente tem que entender que aqui é uma casa de repouso, então eu só posso ter o que eu preciso, né?"*. Mas ao serem estimuladas com a insistência da pergunta *"mas caso pudesse..."*, todas consideraram levar, *"Se pudesse, traria todo o quarto, mas não daria* [referindo-se à limitação de espaço] *pelo menos cama, mesa de cabeceira e cômoda", "Traria minha cadeira de balanço"*, *"O meu quarto, uma sala pequenininha, como na sala da gente né? Mas é, olha aí, é tudo arrumadinho, tudo*

limpinho. O que que eu quero?" [questionando a si mesma que teve que ficar satisfeita]*, "quadro de parede não. Só se eu tivesse minha casa né? Daí eu botaria um quadrinho bonitinho, uma coisa ali. Mas aqui não"* reforçando o mesmo sentimento identificado na fala de outros idosos, que não veem a instituição como a casa deles.

Ao perguntar se gostariam de enfeites no quarto, duas responderam que sim e uma delas complementou *"Tenho retratos da minha mãe em uma prateleira. Quando trouxer meus móveis quero decorar a parede pra ficar mais alegre"*. Apenas uma idosa afirmou que não gostaria, embora sua justificativa tenha sido *"Só se fosse a minha casa. Eu não cheguei com tudo que queria, tem que botar vasos, quadros. Quadros de parede só se tivesse a minha casa".*

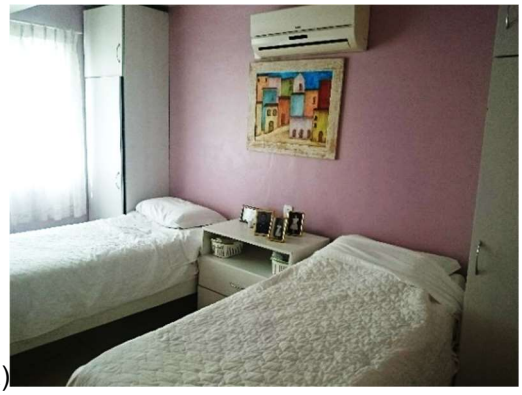
a)  b) 

Figura 4.14: Dormitórios coletivos térreos a) dormitório 1 e b) dormitório 2. Fonte: da autora, 2017.

Nas observações realizadas pela pesquisadora, foram identificados, no segundo pavimento, alguns móveis do próprio idoso (Figura 4.15 a) e alguns objetos decorativos, como porta-retratos (Figura 4.15 b), compondo o ambiente. Nesta modalidade (quartos individuais) oferecida pela ILPI, o residente tem a possibilidade de levar alguns móveis, como a própria cama, roupeiro pequeno, criado mudo e poltrona. Embora as cores e alguns objetos decorativos sejam definidos pela instituição, o idoso pode personalizar paredes com seus objetos e pertences pessoais. No entanto, verificou-se que a maioria deles não usam dessa oportunidade, mantendo a decoração existente.

a)  b) 

Figura 4.15: Dormitórios individuais 2º pavimento: a) dormitório 1 e b) dormitório 2. Fonte: da autora, 2017.

4.3.2.4 Descrição da moradia atual

A última questão da entrevista, ao investigar a sensação de pertencimento, solicitava que os idosos descrevessem como era o seu ambiente de moradia e como o nomeiam, quando perguntados onde vivem. Seguem as descrições, apresentadas pelos moradores nas três instituições:

"É um lar de acolhimento, né? Um lar de acolhimento do poder público pras pessoas que se encontram em situação de rua, ou seja né, em situação de rua já tá dizendo tudo, tá entendendo? Tá longe da família, tá longe do trabalho, tá longe de uma residência, tá longe de um capital, por pouco que seja, ele tá na rua" (E_M_2, 63 anos).

"Moro em uma clínica, mas como pode tirar nome de asilo (?), digo que moro no asilo".

"Moro num lugar muito... - moro em um asilo, melhorou muito do outro asilo".

"Da forma como eu cheguei aqui, está tudo muito bom".

"Sim, aqui é minha casa. Aqui é bom, tem que respeitar, a direção é bem planejada. Não saio pra rua, tem muita maconha na praça".

"Bem melhor do que a própria casa, lá ficava sozinha com muita coisa pra fazer. A gente se sente bem à vontade. Mesmo com as regras é melhor. Melhor morar num lar de idosos do que com a família. A gente é mala sem alça. Tem bastante gente pra conversar".

"Tem muito onde andar. É ventilado".

“Não tem vergonha de dizer que mora no asilo de mendigos. Não fala que mora no pensionato, porque lá é mais caro. Tudo caprichoso, limpo”.

“Moro na Fernando Osório, numa casa de repouso para idosos”.

“A casa é linda, é antiga. Mas sinto muita falta da minha casa, estou custando a desapegar do meu apartamento, mais psicológico, afeto. Porque a casa da gente, é a casa da gente”.

“Em um pensionato de moças”.

“Aqui é minha casa. Tudo isso aqui é nossa casa.”

A partir desses relatos, apurou-se que poucos entrevistados veem a instituição como sua casa. Sempre que se referem a ela, é com expressões como *“esse local”* ou *“neste pensionato para idosos”*. Quando se referiram sobre a sua casa foi sempre relacionado à moradia anterior. A instituição não produziu a sensação de "*estar no lugar*", não proporcionou o sentimento de confiança ambiental, identificação e, portanto, não gerou a necessidade de investimento emocional.

Segundo Pol (2008), as pessoas sentem-se como pertencentes a um determinado lugar quando há identificação. Essa identificação com um determinado local, ocorre no momento em que os significados atribuídos a esses ambientes emergem, permitindo que a pessoa tenha a sensação de pertencimento. É através dessa identificação que o indivíduo se reconhece no ambiente, percebe nele aspectos de sua própria identidade (CAVALCANTI, AZEVEDO e ELY, 2009).

Cabe ressaltar que, em alguns casos, quando o tempo de moradia na instituição excedia sete anos, não houve referência à sua casa anterior. O que pode ser verificado é que o tempo de moradia auxilia no esquecimento da residência anterior. Quanto mais tempo o idoso residia na instituição, menores eram as referências à sua casa anterior como lar. Neste sentido, Oliveira et al (2014) corrobora ao afirmar que a experiência vivida no mundo externo é usada como referência para demonstrar como a vida no interior da instituição é desejada. No entanto, com o passar do tempo, a institucionalização se apresenta como algo definitivo na vida de alguns idosos, e eles passam a não mais se ver fora desse contexto.

Embora a amostra dos entrevistados não fosse suficientemente grande, outro fato percebido na vida dos idosos institucionalizados, no que se refere à

personalização e lembrança de casa, foi a diferença entre o comportamento dos distintos gêneros. As mulheres demonstram um sentimento mais saudoso da antiga residência, ao lembrar os objetos e mobiliários do que os homens, que se mostram menos apegados.

4.3.3 Características físicas dos ambientes e sua relação com a autonomia do idoso

Esta seção descreve os resultados em atendimento ao objetivo específico 3: Investigar quais características físicas dos ambientes de ILPI´s podem estimular a autonomia do idoso (processo de agência).

4.3.3.1 Avaliação da possibilidade de locomoção, mudanças e atividades existentes da ILPI 1

Em relação à autonomia para locomoção dentro dos ambientes da ILPI 1, que tem sua distribuição em uma casa térrea, ambos os idosos entrevistados afirmaram que conseguem se locomover para onde quiserem, sem auxílio de ninguém.

Referente à existência de privacidade na instituição, declararam ter, sendo que o local onde tinham maior privacidade era o próprio dormitório *"e eu tenho uma coisa comigo, tem uns momentos que eu tenho que estar sozinho. Eu tenho que estar, senão as coisas não vêm"*, afirmando a sua necessidade de um local privativo. Ao perguntar como se sentiam com a possibilidade de serem observados em seus quartos, através da porta por quem passava pelos corredores, ambos responderam que não se incomodavam, e um deles complementou *"até porque quem passa não tem discernimento"*.

Ao questionar se mudariam algo no dormitório, os dois responderam que sim; um deles afirmou que levaria um roupeiro, pois o seu fica em outro compartimento da casa, junto com os roupeiros dos outros residentes. Demonstrou insatisfação em não ter o roupeiro com suas roupas dentro do próprio dormitório e fez referência à preocupação com roubos de seus pertences e que gostaria de cadeados para que outras pessoas não pudessem mexer. A preocupação com a segurança dos seus pertences que surge na fala, através da necessidade de cadeados, está diretamente ligada com à noção de privacidade, conceito ligado à identidade e ao reconhecimento dos seus limites em contato com os outros (ALTMAN, 1976). Embora Pinheiro e Elali

(1998) indiquem que a manipulação de objetos ou ocupação territorial de lugares especialmente significativos ajudem a limitar a intimidade desejável, verifica-se que a privacidade buscada, muitas vezes surge a partir de barreiras físicas evidentes, como o cadeado.

Quanto às atividades exercidas na sala de estar, ao perguntar se gostavam de conversar, um dos idosos respondeu que sim, mas que prefere a varanda, e o outro novamente afirmou que não usa a sala. O idoso que respondeu positivamente, afirmou ainda que outras atividades que exerce neste ambiente são ler jornal e ver televisão.

Ao perguntar se gostariam de mais alguma atividade na instituição em geral, um deles respondeu que gosta de ajudar na casa, molhar as plantas e ajudar as pessoas. Essa fala reforça o desejo de autonomia, de agir sobre o ambiente, ao participar da rotina da casa e ainda de sentimentos de compaixão. O outro citou trabalhos manuais pois *"a mente parada não cria nada, teria que ter ferramentas, tinta, espátula"*, indicando que a instituição poderia oferecer maiores condições para variar as atividades exercidas pelos idosos.

4.3.3.2 Avaliação da possibilidade de locomoção, mudanças e atividades existentes da ILPI 2

Quanto à autonomia para locomoção dentro dos ambientes da instituição, apenas um idoso respondeu que precisa de ajuda para ir aos lugares, por ser cadeirante. Interessante ressaltar que a instituição é térrea e apenas o acesso ao jardim interno não é dotado de rampa, suscitando como reflexão, que essa falta de autonomia estava mais ligada à falta de ânimo do que com a limitação física. O restante consegue se locomover sem ajuda de outra pessoa, mesmo uma delas sendo cadeirante.

Alguns idosos têm autorização para sair sozinhos a locais fora da instituição. Geralmente vão a pé para o centro, onde se encontra o comércio, ou nos serviços localizados próximos à instituição, como indicado por uma das idosas *"no Nacional* [supermercado] *eu vou sozinha. E aqui pela volta eu vou na farmácia* [...] *às vezes precisa pra botar crédito no celular, eu vou ali e boto" (E_F_3).* Na sequência da entrevista, ela afirma que também costuma sair sozinha pela manhã para fazer exercícios nos equipamentos da praça, localizada na frente da instituição. O residente

mais antigo entrevistado (E_M_6), também relatou que vai a pé ao centro da cidade praticamente todos os dias. Ele realiza atividades tanto para si quanto para os outros moradores, como trazer encomendas, por exemplo. Foi detectado que tanto a idosa, ao salientar de maneira enfática que as saídas eram feitas sozinha, quanto o idoso, ao se sentir útil para os outros moradores, demostraram satisfação e um certo orgulho ao relatar as atividades que exerciam sozinhos fora da instituição. Nesses dois relatos, pode-se constatar dois aspectos relevantes: a importância da localização da instituição próxima a serviços e comércio e da autonomia em poder realizar as tarefas sozinhos fora da instituição.

Referente à privacidade, apenas um idoso afirmou não ter na instituição e comentou *"a privacidade que tem é no banheiro"*. Na sequência evidenciou a falta de privacidade no quarto "*Mas não tem, porque não pode ver TV",* enfatizando, especialmente questões negativas referentes ao compartilhamento de quarto, que comportam seis idosos. No entanto, uma entrevistada que afirmou ter privacidade, em um outro momento da entrevista contrapôs sua afirmação *"desejo ficar sozinha em um quarto e poder assistir à TV nos canais de que gosto".* O restante dos idosos afirmou ter privacidade, *"me sinto bem com as pessoas"*, e dois idosos, apesar da resposta positiva, fizeram algumas considerações, *"eu ligo o rádio e me distraio" "às vezes uma pessoa doente fica olhando"* mostrando se sentir desconfortável com esta situação. Ao perguntar como se sentiam com a possibilidade de serem observados em seus quartos através da porta por quem passava pelos corredores, apenas uma idosa afirmou que se incomodava na hora que ia se vestir.

Ao perguntar se mudariam algo no dormitório, quatro idosas responderam que sim *"sonho de um quarto sozinha e uma TV maior"*, evidenciando o desejo de privacidade. Já a entrevistada cadeirante destacou a necessidade de um *"roupeiro mais baixo para acessar da cadeira e um armário mais fechado"*, para poder ter autonomia em acessar seus pertences. O restante não mudaria nada *"tá bom assim, não mudaria nada"; "foi mudado o roupeiro para o lado que eu prefiro. Não me interesso em trazer coisas da antiga casa, não é bom lembrança de passado com amargura, faz de conta que o vento levou".* Esta última fala, demonstra que nem todo o idoso deseja viver em um novo ambiente de moradia com lembranças do passado. Neste sentido, o respeito pela autonomia nas decisões e individualidade de cada um se mostra igualmente importante.

Quanto às atividades exercidas na sala de estar, apenas um idoso respondeu que gostava de conversar neste ambiente *"Sim, na sala ou no quarto da d. Ivone"*. Um entrevistado afirmou que gosta de conversar com os familiares a sós no jardim interno, e o restante dos idosos prefere seu quarto *"não* [converso] *muito, as pessoas não estão boas da memória", "não converso nem com a família. Fico mais no quarto e jardim"*. Dessa forma, quando usam a sala é para assistir à televisão e fazer trabalhos manuais *"ver TV e fazer trabalhos manuais. No corredor tem muita gente debilitada e não gosto de ver sofrimento*", ou por motivos esporádicos *"só vou quando a seleção joga", "quando tem festa, pois não assisto à TV".* Na fala dos idosos, surge novamente a dificuldade de os residentes lúcidos em conviver com os que possuem comprometimento cognitivo e ainda com as dificuldades inerentes ao processo de envelhecimento, como sentimento de tristeza e sofrimento.

Ao perguntar se gostariam de mais alguma atividade na instituição em geral, dois alegaram que não; um entrevistado teve uma consideração vaga *"tudo é minha casa"*. O restante evidenciou a falta de autonomia em exercer algumas atividades e o desejo de maior oferta das mesmas ao destacar: *"sinto falta de cozinhar, mas vou na feira, tenho minha jarra elétrica, faço tudo no quarto", "sinto falta de espaço para máquina de costura, tenho máquina, mas não consigo usar", "sinto falta de caminhar, tanto dentro, quanto fora daqui", "Gostaria de dançar mais, pouca gente vem tocar aqui", "Para mim não, mas teria que ter fisioterapia para as pessoas", "Seria bom se tivesse atividades como pintura, falta um espaço de recreação para pintura, jogo. Queria uma capela, a capela daqui ficou fechada três meses, tem que abrir pelo menos uma vez ao dia, só abre aos sábados"*.

4.3.3.3 Avaliação da possibilidade de locomoção, mudanças e atividades existentes da ILPI 3

Quanto à autonomia para locomoção dentro dos ambientes da ILPI 3, composta por dois pavimentos, duas idosas precisam de ajuda para se locomover, por serem cadeirantes e duas têm autonomia e conseguem se locomover sem auxílio de outra pessoa. No que se refere à privacidade, todas responderam que têm privacidade; duas ressaltaram que tem sua privacidade somente quando estão no quarto.

A respeito da intenção em mudar algumas coisas no dormitório, duas afirmaram que não e duas responderam positivamente *"sim, trocaria a cama, a mesa cabeceira,*

traria minhas coisas e colocaria objetos na parede, principalmente os que foram feitos por mim". Enfatizaram questões relacionadas à autonomia em poder modificar o ambiente e em personalizar com objetos, especialmente aqueles autorais.

Referente à atividade de conversar com os amigos na sala de estar, novamente surge a dificuldade em interagir com os outros moradores em função do alto grau de comprometimento cognitivo. Essa dificuldade pode ser evidenciada na fala de três, das quatro idosas entrevistadas *"se chegasse uma visita tinha que passar lá pra grande* [outra sala]*, se é visita estranha, os de casa não. Olha, tu pra mim, não vou dizer, mas tu é uma estranha, então eu tenho que te colocar num lugar melhor, não com tanta bobagem. Porque daqui a pouco, tu vê umas quantas aí, fazendo bobagem, gritando... atrapalha né?*" [E_F_15], *"Sim* [ao afirmar que gosta de conversar na sala]*, só que elas não conversam. Eu só converso com as funcionárias, converso até demais", "só com os funcionários, porque essas pessoas que estão aqui são poucos assim, que a gente pode conversar*" [E_F_12]. Na fala da idosa, fica evidente o desejo de socializar, mas por falta de pessoas lúcidas, demonstra dificuldade de interação com os outros moradores.

Ao falar das atividades exercidas na sala, as idosas listaram algumas realizadas por elas *"Se eu tô aqui na sala, se não é olhando pra rua, é lendo jornal, porque novela repetida eu não vejo", "fazia muitas atividades, eu fazia tricô. Meu Deus, o que eu fazia de tricô, pras minhas filhas, pra minha mãe, colete pra mim... hoje só faço palavras cruzadas, mas tem que ser na rua"* [E_F_15]*,* referindo-se às varandas e jardins da instituição. Na sequência afirma ainda, *"aqui por exemplo é bom ir pra rua, porque tem sombra, é só pegar cadeiras. Tu pode dar risada à vontade, não tem ninguém dormindo", "eu leio muito, faço palavras cruzadas, essa é a minha distração. Durmo, durmo muito"*.

Ao descrever uma das atividades festivas, uma das idosas reforçou sua fala do início da entrevista referente à dificuldade de interagir com os outros moradores, *"eu fui num chá que teve lá embaixo, um chá junino... tinha aquelas coisas todas juninas, cheio de balões, bandeirinhas, a doutora enfeitou"*, evidenciando na fala*,* a falta de participação na elaboração das atividades. Na sequência afirma "p*ô, mas eu vi todo mundo ali, todo mundo, só escapou uma senhora que tinha cabeça boa, e uma outra que eu via caminhando pra lá e pra cá, que eu achei que ela tava boa da cabeça, mas ela também se esquece de tudo, ela tem Alzheimer, ela conversa, mas daqui a pouco*

ela não sabe o que conversou. Então é só uma senhora que eu vi". Nesta fala evidencia-se, novamente, a dificuldade de interação dos idosos lúcidos com os outros moradores com comprometimento cognitivo.

Ao perguntar se gostariam de mais alguma atividade na instituição em geral, todas as idosas responderam que não. Uma delas falou sobre seu gosto por jogar cartas. Quando questionada se achava que deveria ter algum mobiliário específico para isso, citou uma mesa, mas comentou que não adiantava *"pois não teria com quem jogar"*, referindo-se às limitações dos outros moradores em função do comprometimento cognitivo. Embora não tenha sido perguntado sobre animais de estimação, uma idosa comentou que sente saudades dos seus bichos.

4.3.3.4 Conclusão sobre características ambientais e comportamento dos idosos em relação à autonomia, identidade e personalização

Foi possível detectar, durante as entrevistas, em especial nas questões referentes a desejo de modificações e satisfação com os espaços, que todos os idosos relatavam satisfação com sua situação atual, demonstrando total conformismo. Essa tendência pode ser ratificada em expressões como *"está bom assim"*, *"não traria nenhum móvel ou objeto, aqui não tem espaço"* e ainda *"não modificaria nada, aqui não pode"*. E mesmo buscando estimular a imaginação com "e se você pudesse?", a resposta era *"mas não pode"*, como no relato de um dos entrevistados ao ser perguntado se gostaria de levar algum móvel pessoal*: "E o quarto é pequeno, não tem como colocar algo assim, sabe, como se fosse assim um guarda roupa com duas portas, não tem como colocar"* - e se o quarto fosse só seu, o que o senhor botaria? – *"ah não, poxa guria, mas aqui não tem pra isso, aqui não tem. Não tem, porque os quartos não são muito amplos e como é uma casa de acolhimento então é tipo hospital... por causa dos leitos né?"*. A forma negativa como o idoso vê a sua moradia atual como um *"hospital"* e as camas como *"leitos"* reforça uma dificuldade em que o local tenha um significado de casa, de lar.

Mesmo na ILPI de alto padrão, em que alguns idosos estão acomodados em dormitórios individuais e que podem levar algum mobiliário, o conformismo manifestava-se em expressões como *"eu gosto dessa cor que a doutora escolheu"* ou *"eu gostava da cortina anterior, mas a doutora disse que não combinava e retirou"*, corroborando com o que já foi relatado em alguns trabalhos, tais como (SOBRAL,

PAIVA, VILLAROUCO, 2016; SOBRAL et al., 2015). Um idoso reforçou questões ligadas à identidade e autonomia como fatores importantes para decoração do seu quarto, se não houvesse restrições:

> *"Se não fosse aqui, sim. Se não fosse aqui.... já que eu faço né,... eu gostaria que fosse assim, algo assim do meu gosto, porque eu gosto muito assim de fazer esses quadros vazados, sabe, vazados, por exemplo com, de dois a três, como é que eu vou lhe dizer, com duas ou três saliências, assim, mas com fundos, com fundos decorados, eu gosto de fazer esses quadros assim vazados sabe? pegar a cor da parede para um dos vazados, o outro já vai com o fundo próprio, e a outra com outro fundo próprio, eu gosto de fazer esse tipo de coisa."* Pesquisadora: o senhor acha que objetos na parede fazem a pessoa se sentir melhor, deixa o ambiente mais agradável? *"é, até deixa, mas desde de uma vez que seja pelo gosto da pessoa , não por alguém que vá escolher a decoração. Entendeu? Como por exemplo um decorador né, se ele vai escolher decorar uma casa, ele vai o gosto dele, por mais que o proprietário queira fazer uma decoração que ele tá em dúvida, ele não consegue se expressar dentro do gosto dele, mas ele tem o gosto dele. E aí o decorador vai acrescentar um pouco do conhecimento dele. Tá entendendo? Então, eu gostaria que eu mesmo fizesse a minha decoração, eu mesmo fizesse. Ia deixar a minha cara, ia expressar a minha vida interna naquela decoração, ia expressar a minha vida, o meu mundinho interno, que é o oculto das pessoas, que muitas vezes não sai em palavras, em gestos, nem na aparência, mas que sai mentalmente. Sai num desenho, sai né, num risco. Sabe como é que funciona as coisas né? Então, é esse mundo que eu gostaria de ver, o meu mundo, o meu eu, entendeu?"* (E_M_2, 63 anos).

Em geral, o auxílio do método visual com amostra de imagens, auxiliou os idosos a expressarem algum tipo de desejo e preferência por questões estéticas do ambiente. Fora isso, muitos discursos ficaram restritos a questões de cuidados e atividades.

Quando indagados sobre o ambiente preferido, muitos relatos nas três ILPIS mostraram que os idosos preferiam ficar no seu dormitório do que na sala de estar, pela dificuldade em conviver com os idosos com comprometimento cognitivo, apesar de mostrar carinho por eles. Desse modo, o tratamento igualitário e simultâneo para todos os residentes (política congregadora) das instituições acarretou o abandono dos ambientes propícios para socialização, como a sala de estar.

Segundo a responsável pela ILPI 1, essa dificuldade não é constatada, pois afirmou que os idosos convivem bem. Já na ILPI 2, foi relatado que, incialmente, os

residentes lúcidos ficam mais incomodados com a convivência com moradores com comprometimento cognitivo. No entanto, segundo a entrevistada, ao longo do tempo, a tendência é que se criem laços afetivos entre estes diferentes grupos, em que os idosos do primeiro grupo auxiliem e amparem idosos do segundo grupo. Já na ILPI 3, essa dificuldade foi identificada na afirmação de que os idosos independentes e lúcidos do 2º pavimento não costumam frequentar o pavimento térreo, onde ficam os idosos com comprometimento cognitivo.

Neste sentido, embora não fosse o preferido, constatou-se também que um ambiente muito utilizado nas ILPI´s 1 e 3, além do dormitório, eram as varandas. E na ILPI 2, os corredores. Apesar de as atividades identificadas nesses locais serem diversas, percebeu-se que eram ambientes restauradores pelo caráter transitório entre área externa e área interna, onde os idosos conseguiam se sentir bem. No caso da ILPI 2, que é dividida por alas, observou-se também, que é nos corredores e jardins que os idosos de diferentes sexos tendem a conviver.

O processo de agência também está ligado à localização da instituição dentro do contexto urbano. Ao elencar critérios para a escolha do bairro ideal onde será inserida uma instituição, Bestetti (2006) afirma que o local deve possibilitar autonomia nos deslocamentos dos moradores e seus visitantes e possibilitar o acesso ao comércio de bairro, como farmácias, padarias e oferta de serviços essenciais. Neste sentido, a transferência de um idoso de um bairro, cujas características atendam a esses critérios, para um local que não atende, provavelmente irá impactar significativamente na autonomia do idoso.

4.4 POEMA DOS DESEJOS REALIZADO COM IDOSOS NÃO INSTITUCIONALIZADOS

Essa seção apresenta a análise dos dados resultantes da aplicação do método Poema dos Desejos, efetuado com dois grupos de idosos não institucionalizados do CETRES, a fim de revelar o imaginário coletivo sobre uma moradia institucional. Cabe lembrar que o método foi aplicado de duas maneiras: escrita e com auxílio de recorte de revistas.

4.4.1 Poema dos Desejos em versão escrita

Os idosos que participaram do Poema dos Desejos por escrito demonstraram interesse pela dinâmica. Esse fato foi reforçado pelos comentários que surgiram no momento do convite e também pelo comportamento em devolverem as folhas preenchidas em uma semana, conforme havia sido combinado. Nas folhas, estavam descritos os desejos para os dois ambientes estudados: dormitório e sala de estar.

4.4.1.1 Imaginário coletivo sobre dormitório

Em atendimento à frase “Se eu morasse em uma Instituição de Longa Permanência para Idosos, EU GOSTARIA QUE O MEU QUARTO FOSSE...”, surgiram os desejos descritos a seguir.

Nas questões ligadas ao processo pertencimento, os desejos foram agrupados em aspectos físicos, sociais e pessoais, mostrando seguintes resultados: dentre os aspectos físicos, foram mencionados vários itens ligados ao conforto. Para o térmico, dos dez idosos, dois citaram o ar condicionado; para a ventilação, um idoso listou que desejava o quarto arejado. No que se trata de conforto visual, dois listaram quarto espaçoso e sete, ensolarado. Tais desejos foram expressados através de *“bem iluminado”*, *“claridade”* e *“janela ensolarada”.*

Na categoria objetos decorativos, dois idosos referiram-se à presença de cortinas nas janelas; já para as cores, cinco idosos desejaram tons claros *“Em uma construção nova, pintada com cores suaves, mas alegre”* e uma idosa referiu-se à cor vermelha para a parede da cabeceira. Constata-se a imagem positiva em relação ao imaginário da casa ideal, com cores alegres e uma construção nova, deixando implícitas preocupações estéticas e de manutenção. Cincos idosos relacionaram o desejo por algum tipo de mobiliário *“cama confortável, cobertas macias e gostosas de usar”*, *“cadeira da mamãe, roupeiro”*. Dois idosos desejaram plantas e um apontou a limpeza como item importante para seu dormitório.

Nos aspectos sociais, três idosos reforçaram a importância da privacidade, ao listar a suíte, pela presença do banheiro privativo. Uma idosa indicou questões ligadas a relacionamentos interpessoais, ao desejar *“que tivesse mais pessoas para não me sentir sozinha”.* E referente a aspectos pessoais, um idoso reforçou a importância de um ambiente calmo; um, o desejo de fotos dos netos no quarto.

Dentre os desejos, uma das idosas enfatizou a importância de levar o próprio mobiliário para se sentir pertencente a este lugar e se tornasse seu lar *“Eu gostaria que o meu quarto fosse comigo para me sentir em casa, pois nesse lugar os parentes acabam se esquecendo da gente e custam a visitar. No meu quarto menos triste, só ao ver o que é meu”*.

Em relação aos aspectos do comportamento ligado ao processo de agência, dentre os desejos de atividade para o dormitório, quatro participantes desejaram assistir a televisão; uma, realizar trabalhos manuais; a outra, fazer leitura e meditação. Uma idosa fez referência à acessibilidade, ao desejar ter um quarto adaptado para idoso.

4.4.1.2 Imaginário coletivo sobre sala de estar

No que diz respeito ao processo de pertencimento, a sala de estar se mostrou como um ambiente propício para discutir aspectos ligados à socialização. Na escrita dos idosos, surgiram desejos relacionados aos aspectos físicos - conforto, objetos decorativos, cores, mobiliário, plantas –, aos aspectos sociais - relacionamentos – e aos pessoais - sentimentos. Não foram apontados por eles como desejo para uma sala questões ligadas à privacidade, memórias e elementos arquitetônicos (como tipos de janelas).

Dentre as aspirações relacionadas ao conforto, três dos dez idosos mencionaram a luminosidade *“com sol”*, adequação acústica *“silenciosa”* e visual *“janelas laterais com vista para o jardim”*. Referente à agradabilidade, dois idosos citaram o anseio de que a moradia seja *“aconchegante”* e *“confortável”*.

Nos objetos decorativos, apenas um idoso relacionou sua preferência por uma cortina. Em relação as cores, dois idosos mencionaram este atributo para o ambiente da sala, nas cores *“lilás”* e *“branco”*. Cinco idosos relacionaram vontades referentes ao mobiliário, ao descreverem sua sala ideal com *“poucos móveis”*, *“sofá”*, *“mesa de jogos”*, *“vários sofás, cadeiras confortáveis... uma mesa para quem quisesse fazer trabalhos manuais”*, *“gostaria também que tivesse uma estante, um sofá e também uma mesinha”*. Três idosos citaram flores para esse ambiente, como um atributo importante.

Quatro idosos listaram desejos relacionados a aspectos sociais, *“de modo que possa receber amigas para conversar e trocar ideias”*, *“amigos junto, amigos da instituição”*, *“e muitas amizades”*, *“A sala fosse coletiva para interagir com as outras pessoas da instituição”*.

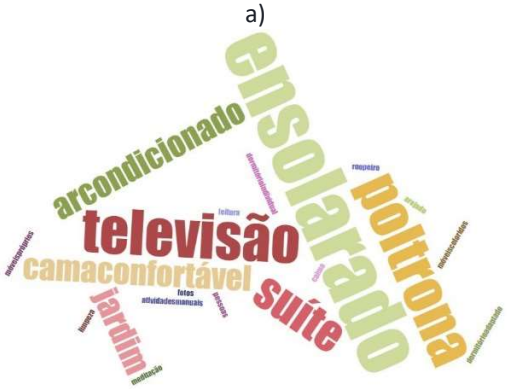
Relacionadas aos aspectos pessoais, surgiram questões ligadas a sentimentos, as quais estão representadas no desejo *de “saúde para poder viver bem com alegria”* e *“a sala eu gostaria que fosse alegre”*.

Quanto às atividades ligadas à agência, das dez idosas, apenas uma não relacionou nenhuma atividade. Dentre os momentos de lazer mais solicitados estão, assistir à TV, listada por sete participantes; música, listada por cinco; trabalhos manuais para duas idosas; jogos para outras duas. Uma idosa reforçou a importância de ter *“pessoas que lessem alguma coisa pras pessoas”*, indicando um desejo por aspectos sociais e de compartilhamento com outros indivíduos, moradores ou não da instituição. E uma idosa citou notebook e celular como atividades para completar a sua sala ideal.

Uma das idosas, ao descrever sua sala, demonstrou a preocupação de que o ambiente desse suporte a pessoas com comprometimento cognitivo, ao descrever *“A sala eu gostaria que fosse alegre, com flores, televisão, música para distrair as pessoas que ficam ali sentadas pensando e olhando para além, pois se sentem em outro mundo que não é o seu”. Na fala, a idosa indica um desejo por inclusão de diferentes pessoas.*

A partir dos atributos e elementos do ambiente foi possível extrair os desejos dos idosos não institucionalizados, caso morassem em uma ILPI. As nuvens de palavras apresentadas na Figura 4.20 mostram os desejos relacionados ao dormitório e a sala de estar (Figura 4.16).

a)



b)



Figura 4.16: Nuvem de Palavras para resultado poema dos desejos versão escrita a) dormitório e b) sala de estar. Fonte: da autora, 2018

As imagens evidenciaram que a sala foi compreendida como ambiente que favorece mais a socialização. Portanto, nesse ambiente surgiram mais possibilidades de executar atividades. Por outro lado, a pouca variedade nos desejos das idosas para afazeres no dormitório, pode ser atribuída pela função que este tipo de ambiente favorece, mais ligada à privacidade e à individualidade.

4.4.2 Poema dos Desejos com auxílio de recorte de revistas

Os oito idosos que participaram do Poema dos Desejos com recorte de revistas (dois homens e seis mulheres), demonstraram muito interesse pela dinâmica. Os primeiros a concluir a dinâmica foram os homens que alegaram a dificuldade em encontrar imagens que os representassem. O primeiro preferiu escrever em cada cartolina como gostaria que fosse seu dormitório e sua sala. O segundo idoso, colou apenas uma foto de cada ambiente na mesma cartolina. As seis idosas realizaram a atividade conforme proposto, um painel para cada ambiente, com comentários para cada imagem.

4.4.2.1 Imaginário coletivo sobre dormitório

No dormitório, relacionados ao processo de pertencimento, surgiram aspectos físicos ligados ao conforto: (i) térmico: dos oito participantes, um citou o ar condicionado; (ii) ventilação: um idoso listou que desejava o quarto *"bem arejado"*; (iii) visual: dois listaram natureza, representada no painel por imagens por um jardim; (iv) insolação: sete idosos selecionaram imagens de janelas e ambientes com adequada iluminação natural e também expressados através dos textos que acompanhavam as

imagens, indicando vontade de ambiente *"bem iluminado"*, com *"claridade*" e *"janela ensolarada"*.

Referindo-se aos aspectos físicos, seis idosos relacionaram diversos objetos decorativos: dois listaram lâmpada de cabeceira; dois, luminária para leitura; dois almofadas; dois, colcha. Outros itens foram indicados de forma individual, como cortinas espessas, cabide, jarra para água, lixeira para mesa de leitura, relógio, espelho, recanto infantil (representado no painel por imagens de um ambiente decorado com bonecas). Três idosos fizeram referência a cores para o dormitório, todos indicando cores claras (apenas um desses três indicou uma cor específica – azul claro).

Cinco idosos apontaram algum tipo de mobiliário para compor o ambiente do dormitório. Todos indicaram cama, alguns complementando *"cama box de casal"*, *"cama de solteiro"* e *"cama confortável"*; quatro apontaram a poltrona como outro móvel importante ao listar *"poltrona com capa"*, "*cadeira confortável" e "cadeira de balanço de vime"*; dois listaram escrivaninha ou mesa para leitura e computador. Outros móveis foram indicados individualmente, como criado mudo e roupeiro embutido. Dois idosos indicaram a presença de plantas e um, o contato com a natureza.

Três idosos apontaram questões referentes à privacidade, ao relacionar *"banheiro individual"* e *"quarto individual"*. Nenhum idoso fez menção a questões de relacionamentos com outros idosos para o dormitório, e um idoso referiu-se a questões relacionadas ao sentimento de bem-estar ao desejar um "canto para se sentir bem". A necessidade de lugares restauradores é identificada em um estudo que investigava a relação afetiva entre as pessoas idosas e seus ambientes de moradia a fim de suprir a necessidade de se relacionar, sentir-se bem, proporcionar tranquilidade, paz e privacidade (MACEDO et al, 2008).

Quanto ao processo de agência, as atividades mais desejadas para o dormitório foram assistir à televisão, leitura e ouvir música, indicadas por três moradores. Uma idosa referiu-se à companhia de um animal de estimação, representada no seu painel de desejos pela foto de um gato. A aspiração por autonomia apareceu em um dos painéis, ao desejar um espaço "*que pudesse cuidar das plantas*".

Algumas das imagens presentes no imaginário coletivo para o dormitório, foram organizadas na Tabela 4.4.

Tabela 4.4: Imaginário coletivo para dormitório

			
Animais de estimação	Vegetação / Jardim	Vegetação / Vasos	Vegetação
			
Elementos decorativos / almofadas	Elementos decorativos / nichos e objetos	Elementos decorativos / espelhos	Elementos decorativos / colcha
			
Atividades / Local para leitura	Atividades / Poltrona para leitura	Atividades / música	Atividades / televisão

4.4.2.2 Imaginário coletivo sobre sala de estar

Referente ao processo de pertencimento na sala de estar, foram apontados vários aspectos ligados ao conforto. Cinco idosos indicaram desejos do contato com a natureza através da janela, ao *listar "janela com vista para natureza"*, *"janela dando para áreas verdes"* e *"Poder ver as plantas de uma janela grande"*. A luz natural foi um atributo indicado por dois idosos, e sala arejada estava presente no painel de um dos idosos. O idoso que não fez recorte de revistas e apenas escreveu o que desejava para sua sala, listou ainda ar condicionado e piso aquecido.

Metade dos painéis indicaram objetos decorativos para esse ambiente. Dentre esses, os que mais foram lembrados pelos entrevistados foram abajur, cortina e almofadas, cada item indicado por dois idosos. Individualmente, ainda surgiu o desejo de tapete persa, relógio, livros, lareira e porta-retratos. Apenas um idoso referiu-se às cores do ambiente, ao desejar paredes azul claro e teto branco.

Quanto ao mobiliário, apenas quatro idosos indicaram desejo de um mobiliário específico; três desejaram sofás; três poltronas; dois gostariam de estante e nichos para colocar objetos pessoais, objetos decorativos, livros e documentos. Um idoso indicou mesa de centro e o outro, mesa para refeições. Cinco idosos gostariam de plantas na sala de estar, ao afirmar que gostavam muito de ambientes *"com verdes e vasos de flores"*.

Apenas uma entrevistada mencionou questões ligadas à privacidade para a sala de estar, ao colocar a imagem de um computador da seguinte forma: *"local para TV e computador (individual)"*. Um idoso fez referência à presença de amigos na sala de estar.

Dentre todos os participantes, referente às atividades desejadas na sala de estar, cinco indicaram televisão; duas, recanto para leitura; uma com local para TV e computador; um idoso expressou o desejo por jogo de cartas e xadrez; e o outro, em forma de texto, para "receber visitas, dos amigos e parentes". Em um dos painéis, o desejo de um animal de estimação foi representado pela imagem de um cachorro.

Algumas das imagens presentes no imaginário coletivo para a sala de estar foram organizadas na Tabela 4.5.

Tabela 4.5: Imaginário coletivo para sala de estar

			
Animais de estimação	Vegetação / Áreas verdes	Vegetação / vasos	Vegetação / vasos
			
Atividade / escrivaninha / televisão	Atividade / livros	Atividade / leitura	Atividade / televisão
			
Decoração / cortina floral	Decoração / abajur	Decoração / estante para objetos	Decoração almofadas
			
Objetos / relógio	Cultura / Lareira	Socialização / amigos	Limpeza / Sala prática

Embora a dinâmica tivesse como objetivo o recorte de imagens, para apontar atributos e elementos significativos para os idosos, alguns outros aspectos foram identificados. Dentre as justificativas em forma de texto para a escolha das imagens, alguns entrevistados evidenciaram preocupações e desejos relevantes para as discussões dessa pesquisa. Reforçando o aspecto negativo da política congregadora das instituições no que se refere aos diferentes graus de comprometimento cognitivo, uma idosa escreveu "*Fundamental* [ter] *áreas distintas para pessoas saudáveis das demenciadas (acredito que seja o pivô do nosso preconceito)"*, justificando por que as pessoas não querem morar em uma instituição.

Aspectos ligados à possibilidade de personalização também foram destacados, reforçando a relevância do processo de agência “*Se "eu" fosse para um lugar gostaria do espaço vazio para mim arrumar ou pelo menos um cantinho para colocar do meu jeito”.* O desejo por autonomia também apareceu em uma outra justificativa *“com muitas flores e verdes, e que eu pudesse ajudar a cuidar destas plantas”.*

Além dos painéis montados em cartolinas, os seguintes desejos, reflexões e discussões (que surgiram durante a dinâmica) foram anotadas pela pesquisadora ao longo da aplicação do método: sala de atividades onde um ensina o outro; existência de lareira, visto que é um hábito cultural da nossa região que muitos estão acostumados; fazer uma ficha quando o idoso passa a morar na Instituição, onde ele tenha a oportunidade de informar seus gostos pessoais. Os idosos procuram imagem com recantos com poltronas e iluminação, numa tentativa de recriar ambientes mais privativos e intimistas dentro de uma moradia coletiva, os quais permitam encontros e que cada um possa se apropriar de uma forma. Foi sugerido que a instituição disponibilizasse alguns dormitórios com cama de casal, caso o casal opte por morar em uma Instituição, não precisando se separar. Além do mais, gostariam de se mudar para um local vazio, onde pudessem fazer tudo do seu jeito.

Essas reflexões demonstraram uma expectativa positiva em relação à moradia institucional, em que os idosos possam manter seus laços afetivos morando com os cônjuges, ou criar novos laços de amizade; que possam criar seus ambientes de acordo com seus gostos, de forma personalizada e que este desejo pudesse ser informado ao ingressar na instituição. Demonstram ainda o anseio de agir sobre o ambiente, podendo transformar recantos de forma esporádica para encontros e cafés da tarde com seus convidados, sejam eles moradores da instituição ou não. Neste sentido pode-se perceber uma preocupação em conviver com pessoas de acordo com sua escolha.

A partir dos atributos e elementos do ambiente expostos nos painéis e comentários anotados, foi possível extrair as aspirações desses indivíduos não institucionalizados, caso morassem em uma ILPI. Na Figura 4.17 são apresentadas as nuvens de palavras obtidas a partir dos resultados para sala de estar e dormitório.



Figura 4.17: Nuvem de Palavras resultado Poema dos Desejos versão recorte de revista: a) dormitório e b) sala de estar. Fonte: da autora, 2018.

No que se refere aos aspectos do comportamento dos idosos não institucionalizados, evidenciados por meio do método, constatou-se um resultado menos expressivo nos desejos deles do que os relacionados à personalização e estética. No entanto, a questão de autonomia e possibilidade de agir e transformar o ambiente (processo de agência) ficou evidente nas discussões verbais ao longo da aplicação do método.

Percebe-se que em ambos os ambientes, o auxílio do recorte de revistas estimulou os idosos a buscarem mais elementos para expressar os seus desejos. Outro ponto relevante desse método foi a forma como foi realizado, em grupo, diferente da versão escrita, a qual foi feita individualmente. Detectou-se que, ao folhear as revistas e procurar por imagens que os representassem, várias ideias foram surgindo. Tal contexto tornou a dinâmica muito rica, a ponto de os participantes relatarem estar muito felizes com a oportunidade de pensar coisas que nunca haviam pensando sobre uma moradia institucional.

A partir da análise dos dados das duas versões do método, foi elaborado um esquema de categorias avaliativas citadas pelos idosos não institucionalizados, organizado de acordo com o processo estudado (Tabela 4.6).

Tabela 4.6 – Elementos, atributos, usos e comportamentos relacionados ao bem-estar na velhice citados pelos idosos não institucionalizados

BEM-ESTAR NA VELHICE	**PERTENCIMENTO**	Conforto	Térmico	**Aspectos Físicos**	**Significado de Casa**
			Ventilação		
			Insolação		
			Acústico		
			Visual		
			Agradabilidade		
		Objetos Decorativos			
		Cores			
		Mobiliário			
		Limpeza			
		Vegetação			
		Elementos Arquitetônicos			
		Privacidade		**Aspectos Sociais**	
		Relacionamento			
		Sentimentos		**Aspectos Pessoais**	
		Objetos Pessoais / Memórias			
	AGÊNCIA	Locomoção		**Comportamento e Uso**	
		Mudanças			
		Atividades existentes			

4.5 PERCEPÇÃO DO AMBIENTE POR GRUPOS DE IDOSOS INSTITUCIONALIZADOS E NÃO INSTITUCIONALIZADOS

Esta seção descreve os resultados em atendimento ao objetivo específico 4: averiguar semelhanças e distinções na definição e percepção dos atributos e elementos do ambiente entre grupos de usuários residentes e não residentes em ILPI´s.

As entrevistas realizadas com idosos institucionalizados apresentaram uma visão diferente do ponto de vista do grupo dos não institucionalizados sobre o ambiente de moradia nos dois processos estudados: agência e pertencimento. Constatou-se, que os idosos não institucionalizados, expressaram-se com facilidade ao pensar nas atividades que poderiam ser realizadas e revelaram questões de

identificação (*Sensação de Pertencimento*), socialização, possibilidade de escolha (*Agência*).

Os idosos institucionalizados focaram mais nas questões relacionadas ao cuidado. A bibliografia corrobora com essa tendência ao afirmar que a instituição parece atender às necessidades básicas das pessoas, onde o pouco que é oferecido é fonte de reconhecimento e agradecimento por parte dos residentes. Segundo Oliveira et al (2014), os indivíduos institucionalizados incorporam isso como realização e como certeza de que estão melhores do que quando entraram na instituição. Enfatiza-se que o sentimento de ter uma boa assistência, de ser bem cuidado, pode expressar conformismo à situação, frente à inexistência de outra possibilidade de ser cuidado. Nas entrelinhas podem evidenciar o descontentamento com a situação vivenciada.

Neste sentido, percebe-se que, independente do tema abordado, o foco da conversa geralmente volta-se a questões básicas e necessidades primárias, conforme pirâmide de Maslow (Figura 4.18).



Figura 4.18: Pirâmide da Teoria das Necessidades de Maslow. Fonte: (FERREIRA; DEMUTTI; GIMENEZ, 2010)

Quanto aos elementos e atributos para o ambiente, os idosos institucionalizados, embora tenham escolhido opções diferentes das existentes, forneceram pouca variedade quando perguntados sobre o que mais gostariam de ter para o dormitório e a sala de estar. Já os não institucionalizados, tiveram uma diversidade grande de desejos para dormitório e sala de estar, listando tanto elementos físicos que compõem o ambiente (poltronas, almofadas, cortinas, estantes, tipo de colchas para camas, rádios, televisão, luminárias, plantas, estilos de

mobiliário), quanto seus atributos como (luz natural, ambientes coloridos, com diferentes cores, tanto para paredes quando para os elementos). Expressaram interesses por questões ligadas à cultura local (como a presença de lareira), a manutenção de laços afetivos (como dormitórios para casal) e socialização. Isso reforça uma expectativa positiva para um ambiente de moradia coletiva, diferente da visão de quem reside nas ILPI´s.

Percebeu-se que os não institucionalizados exploraram elementos tecnológicos nos seus painéis, como desejo por computadores e espaços específicos destinados ao seu uso. Já os residentes nas instituições não citaram o uso de computadores e apenas uma idosa mencionou o aparelho celular. Na ILPI 3, embora nenhum entrevistado tenha feito referência ao uso do celular, durante as observações foram encontrados traços de uso dos aparelhos, através da presença dos carregadores dentro dos dormitórios.

Embora o estudo tratasse especificamente dos ambientes internos das instituições (dormitório e sala de estar), percebeu-se, nos dois grupos, a existência de uma forte relação deles com as áreas verdes. Com os idosos institucionalizados, isso pode ser verificado a partir da relação que eles estabeleceram com as varandas e jardim interno, já com os idosos não institucionalizados, esse desejo foi evidenciado no imaginário coletivo (tanto na forma escrita, quanto com auxílio de recorte de revistas) representado por imagens de áreas verdes e janelas voltadas para jardins.

Embora os aspectos físicos sejam importantes, constatou-se que as questões ligadas à acessibilidade foram indicadas de forma superficial, implícita na fala dos idosos dos dois grupos estudados, ao relatar que precisavam de ajuda para se locomover. Apenas uma idosa, do grupo dos não institucionalizados, referiu-se de forma direta através da expressão *"*[ambiente] *adaptado para idoso"*. Esses dados corroboram com a importância dos estudos relacionados a aspectos subjetivos do ambiente, não focados apenas em questões relacionadas às necessidades físicas e de segurança, mas considerando aspectos de ordem mais elevada, pessoais e sociais.

Neste sentido, a diferença entre os resultados coletados nos distintos grupos pode ser atribuída ao grau acentuado de controle e falta de autonomia permitida, tornando o surgimento da *sensação de pertencimento* praticamente impossível.

Embora diversos estudos referenciem a carência dos idosos relacionada a questões de locomoção e aspectos ligados à saúde dos indivíduos, a falta de autonomia que esses indivíduos demonstram sentir quanto às decisões sobre o seu ambiente de moradia, mostra-se igualmente importante para o bem-estar. Esse fato reforça que a institucionalização, em geral, suprime dos idosos o senso de lar, gerando a perda de suas referências. Reforça, ainda, a necessidade de planejar ambientes que não tenham a aparência de asilos, que oportunizem a interação, liberdade de escolha e autonomia e, ainda, a personalização de objetos e locais.

Observaram-se ainda as diferenças de percepção entre idosos institucionalizados de diferentes condições sociais. Pode-se verificar que, embora o conformismo tenha sido percebido nos três grupos estudados, o grupo da ILPI 3, particular que atende idosos de alta renda, foi mais expressivo nos seus desejos de modificar o ambiente, de trazer sua própria mobília e objetos pessoais em comparação às outras duas instituições. Na ILPI 2, particular que hospeda idosos que ganham até um salário mínimo, pode-se verificar também que os idosos que demonstraram maior desejo de trazer móveis e objetos pessoais, eram os que optaram pela moradia institucional. Na ILPI 1, esse desejo fica mais comprometido pois a maioria dos residentes, especificamente dos dois entrevistados, encontram-se em situação de vulnerabilidade social (moravam nas ruas, muitas vezes sem possuir a própria documentação).

Quanto à escolha do tipo de mobiliário e de materiais com diferentes texturas para revestimentos, os entrevistados nas três instituições tiveram preferências similares, pelo revestimento sintético em função da manutenção. Pode-se concluir que a escolha está mais relacionada com a faixa etária e com a preocupação com a higiene, do que com a condição socioeconômica.

No que se refere as cores para as paredes, embora a amostra seja pequena, observou-se uma tendência a cores mais saturadas na ILPI 1, uma escolha mais diversificada na ILPI 2 e uma tendência a escolhas por cores mais claras e menos saturadas na ILPI 3.

A possibilidade de escolha também reforça valores importantes para os idosos, em casos onde precisam compartilhar o quarto. São fatores que interagem na gradação de territórios e que se tornam ainda mais relevantes ao estudar pessoas que

vivem em comunidades, como o caso do idoso institucionalizado que, além de cumprir regras e horários estabelecidos pela instituição, deve conviver com pessoas que não conhece, e que passa a conhecer e conviver na velhice. Dessa forma, poder recriar lugares que sejam só seus, onde guardam suas lembranças e seus objetos pessoais, é um fator de qualidade da habitação coletiva (BIANCHI, 2013; LEITE, 2010; COELHO, 2000).

Um fato observado foi em relação à satisfação geral com o ambiente. Embora os idosos relatassem estarem satisfeitos com o ambiente, sua fala sempre esteve mais voltada para aspectos de cuidados, segurança e fuga da solidão que sentiam morando sozinhos. Neste sentido, as observações feitas na oficina de estudos com idosos não institucionalizados, ao discutir questões ligadas à moradia institucional, identificou-se o mesmo tipo de preocupação referente a aspectos sociais e pessoais (ligadas a questões familiares, no medo do abandono e da solidão, revelando insegurança referente às relações construídas ao longo da vida). Esses dados corroboraram com esses resultados.

Outro fato verificado foi que, quanto mais qualificado era o ambiente das instituições, mais os idosos entrevistados demonstravam insatisfação com a vida atual e perda no desejo de mudanças relacionada ao ambiente, em função da transição da própria moradia para uma moradia institucional.

4.6 CONTRIBUIÇÕES RELACIONADAS AO PROJETO ARQUITETÔNICO

Essa seção descreve os resultados em atendimento ao objetivo específico 5: Gerar recomendações de projeto para as normas vigentes.

As instituições para idosos apresentam três características distintas que se combinam de diferentes maneiras: (i) a segregação (isolamento físico e uma política segregadora); (ii) tratamento igualitário e simultâneo para todos os residentes (política congregadora); (iii) um grau acentuado de controle (limitação do grau de autonomia permitido) (STEVENS-LONG, 1979 apud TOMASINI, 2008; BIANCHI, 2013).

A revisão da literatura, que abordou premissas projetuais nos Estados Unidos para ILPI´s, apontou a importância de um ambiente acolhedor e terapêutico e da estética a partir das seguintes características: luz natural, objetos familiares que orientem, cores e texturas variadas e agradáveis. Além disso, espaços que permitam

personalização, privacidade, escolha e controle, facilidade de uso e identificação dos espaços, a fim de favorecer a autonomia.

Quanto ao Hiléa, complexo dirigido a idosos aqui no Brasil, algumas premissas também puderam ser destacadas: (i) grandes janelas voltadas para um jardim permite que o paciente internado tenha contato com o exterior; (ii) edificação inserida no contexto urbano; (iii) espaços destinados a lazer e múltiplas atividades; (iv) manutenção de referências do passado; (v) possibilidade de instalar nos quartos mobília e objetos de decoração pessoais; (vi) cuidado de aquecer visualmente a edificação com o uso de madeiras, como o ipê nos ripados colocados no térreo, nos terraços e na cobertura.

A partir do conhecimento das características das ILPI´s, das premissas nacionais e internacionais e dos resultados dos métodos aplicados, algumas reflexões surgiram a respeito do ambiente de moradia institucional referente às normas vigentes, a RDC/283 da ANVISA e o Estatuto do Idoso, visto que elas existem para "estabelecer padrões mínimos de funcionamento".

Em resposta às perguntas que nortearam este estudo, de acordo com a avaliação e percepção dos idosos moradores em Instituições: (i) quais atributos e elementos do ambiente são relevantes na geração de bem-estar em ILPI´s?; (ii) destes atributos e elementos, quais são essenciais e devem ser preservados para reforçar a processo de pertencimento e dar sentido à casa em uma ILPI?. Seguem abaixo algumas normas de funcionamento estabelecidas pela RDC/283, com complementos que puderam ser obtidos a partir dos resultados e discussões deste trabalho:

- Layout interno das ILPI´s com possibilidade de espaços que propiciem diversidade de escolhas entre idosos, com e sem comprometimento cognitivo. Embora a norma incentive a convivência mista entre os residentes de diversos graus de dependência, ao afirmar ser importante "Promover a convivência mista entre os residentes de diversos graus de dependência" (RCD 283, 2005), foi verificado, nas entrevistas, que uma grande parte dos idosos prefere ficar no seu quarto, ao invés dos ambientes coletivos, em especial na sala de estar, pela dificuldade e o sentimento negativo causado pela convivência com idosos com alto grau de comprometimento cognitivo.

- Além do desejo de contato com a natureza, através da vista das janelas para áreas ajardinadas, solicitadas pelos idosos, o qual é contemplado pela indicação da RDC 283 por “Área externa descoberta para convivência e desenvolvimento de atividades ao ar livre (solarium com bancos, vegetação e outros)”, os idosos demonstram desejo de autonomia para cuidar e dar manutenção nas plantas. Recomenda-se, para estes locais, espaços verdes como hortas e jardins.

- No item 4.7.7 da RDC 283 que discorre sobre os ambientes de uma ILPI, algumas considerações podem ser complementadas no que diz respeito aos dormitórios:

1) Referente ao item 4.7.7.1, que indica apenas “dormitório separado por sexo”, acrescentar a oferta de dormitório de casal nas instituições; tanto para casais que optam por morar juntos, quanto para os que se formam dentro desses locais;

2) Neste mesmo item, a orientação de que “deve ser prevista uma distância mínima de 0,80 m entre duas camas e 0,50m entre a lateral da cama e a parede paralela” considera apenas questões ligadas à acessibilidade e circulações. No entanto, outro ponto observado, especialmente na ILPI 1, onde há camas muito próximas, além das questões físicas ligadas ao acesso, é importante considerar também a possibilidade de o idoso criar um espaço pessoal definido. Assim, ele poderá personalizar, reforçando aspectos da sua identidade. E isso só será possível se as distâncias entre as camas forem maiores do que as propostas.

3) Sobre as distâncias entre as camas, outro aspecto que poderia ser abordado pela norma, seria a possibilidade de utilização de painéis divisórios entre elas, de forma que o idoso pudesse criar um local individual, mesmo dentro de um dormitório coletivo, estimulando assim, a produção de subjetividades através da personalização. Essa preocupação está presente na norma de forma genérica, no item 4.3.2, o qual indica “Preservar a identidade e a privacidade do idoso, assegurando um ambiente de respeito e dignidade”;

4) Outro aspecto abordado na norma relaciona-se à indicação de “possuir guarda roupas e pertences dos residentes”. Durante as entrevistas, pode-se perceber uma preocupação dos idosos em serem roubados. Dessa forma, a autonomia do idoso lúcido em agir sobre seus pertences deveria ser estimulada e

respeitada, podendo incluir formas de acesso individual, através de chaves e cadeados.

- Embora a RDC 283 (2005) indique que as Instituições devam promover ambiência acolhedora, não são descritos atributos para tal. A partir da pesquisa, alguns atributos, elementos e espaços para atividades puderam ser indicados, de acordo com a preferência dos idosos:

- Mobiliário aconchegante, com tendência para madeira;

- Iluminação natural, com locais internos ensolarados;

- Iluminação de cabeceira para atividades individuais dentro de um quarto coletivo, como leitura por exemplo, previsto pela norma para dormitórios de forma genérica no item 4.7.7.1 c “Devem ser dotados de luz de vigília e campainha de alarme”;

- Espaços que estimulem a troca de conhecimento entre os próprios idosos, em que eles mesmos ministrem oficina de atividades que sabem exercer, ou que uns possam ler e cantar para os outros;

- Locais que estimulem / possibilitem ser personalizados – recantos que possam ser montados de acordo com o gosto do idoso para que ele receba seus convidados para um café da tarde, por exemplo;

- Valorização de questões culturais, como rodas de chimarrão, lareira, entre outros;

- Referente às cores, a RDC cita, no item 8.7.8 e 8.7.9, que portas e janelas devem ter cores contrastantes em relação à parede, bem como os peitoris. No entanto, o estudo evidenciou que a preferência dos entrevistados foi por cores variadas que se diferenciam do branco (cores claras e pouco saturadas com tendência para beges, azuis e verdes), tanto para sala de estar quanto para dormitório. Conclui-se, então, que as recomendações da norma quanto à utilização das cores, tanto da ANVISA quanto do Estatuto do Idoso as quais atentam apenas para questões de segurança, atendendo a quesitos físicos do ambiente, não estão congruentes com as preferências dos idosos no que diz respeito a ambientações. De qualquer forma, a utilização de cores para itens de segurança não invalida a utilização de cores menos saturadas e claras

em outras áreas onde as questões de segurança não se fazem necessárias, como, por exemplo, algumas paredes, decorações e estofados.

- Quanto à infraestrutura física, a norma indica no item 4.7.7.15, a existência de “área externa descoberta para convivência e desenvolvimento de atividades ao ar livre (solarium com bancos, vegetação e outros)”. Dada a importância aos jardins e áreas verdes, constatada pelo estudo, é indicada não apenas a presença dessas áreas nas instituições, mas a possibilidade de o idoso interagir com elas, responsabilizando-se pelo cuidado das plantas.

CAPÍTULO 5: CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este capítulo apresenta as conclusões da pesquisa. São relembrados o problema de pesquisa, os objetivos, os pressupostos e os métodos utilizados. Expõem-se não apenas as principais contribuições da revisão bibliográfica, mas também a síntese dos principais resultados referentes a cada objetivo específico, bem como as repostas às questões pesquisadas. Por fim, são apontadas sugestões para futuras investigações.

5.1 PROBLEMA DE PESQUISA, OBJETIVOS, PRESSUPOSTOS E MÉTODOS

Esta pesquisa foi **motivada** pela importância da qualidade das habitações para idosos, em especial das Instituições de Longa Permanência, no que se refere, não somente aos aspectos físicos, mas também aos aspectos subjetivos do ambiente.

O **problema de pesquisa** centra-se na carência de estudos teóricos e empíricos com informações quanto aos aspectos subjetivos do ambiente, de forma a tornar estes locais mais humanizados, estimulando, assim, o senso de identidade e de familiaridade dos idosos com sua moradia.

Nesse contexto emergiram as **perguntas de pesquisa**: (i) de acordo com a avaliação e percepção dos idosos moradores em instituições, quais atributos e elementos do ambiente são relevantes na geração de bem-estar em ILPI´s?; (ii) de acordo com a avaliação e percepção dos idosos, destes atributos e elementos, quais são essenciais e devem ser preservados para reforçar a sensação de pertencimento e dar sentido de casa em uma ILPI?

A fim de responder a essas perguntas, foi explicitado o **objetivo geral**: Como se dá a relação entre os idosos moradores das Instituições de Longa Permanência e o ambiente que vivem? De que forma este ambiente pode contribuir para o bem-estar dos seus moradores, visando gerar recomendações relacionadas ao projeto arquitetônico? Como **objetivos específicos** podem ser elencados: i) revelar a relação

de características dos ambientes – seus elementos (móveis, decorações, plantas) e atributos (cores, iluminação, tipo de materiais e texturas) com o conceito de bem-estar; ii) investigar quais características físicas dos ambientes de ILPI´s podem estimular a autonomia do idoso (processo de agência); iii) investigar de que forma a personalização do ambiente interfere na sensação de pertencimento; iv) averiguar semelhanças e distinções na definição e percepção desses atributos e elementos entre grupos de idosos residentes em ILPI´s com idosos não residentes em ILPI´s; v) gerar recomendações de projeto para alterar as normas vigentes, tornando-a mais compatível com a necessidades dos idosos.

Esta pesquisa teve suporte no modelo teórico da Gerontologia Ambiental "Modelo Visão Transacional das Pessoas Idosas em seus Ambientes", o qual leva em consideração a história de vida desses indivíduos e relaciona o bem-estar na velhice a dois processos integrados: agência e pertencimento.

Com base na literatura, foram apontados os seguintes pressupostos:

- A personalização dos espaços consiste num recurso importante para elevar a qualidade de vida e bem-estar dos idosos nas ILPI´s (RUBINSTEIN, R. L.; MEDEIROS, 2005; OSWALD, F.; WAHL, 2005);
- Aspectos objetivos e subjetivos contribuem para criação de ambiência familiar, gerando sentido de lugar (*sense of place*) e de identidade (RUBINSTEIN, R. L.; MEDEIROS, 2005, RUSSEL, 2005);
- É possível atender às necessidades (objetivas e subjetivas) dos usuários idosos por meio de planejamento adequado dos ambientes (BESTETTI, 2014;TOMASINI; ALVES, 2007).
- É necessário repensar as ILPI´s no sentido de garantir resultados mais favoráveis à velhice institucionalizada (TOMASINI; ALVES 2007).

Para alcançar os objetivos, o estudo se desenvolveu por meio de uma pesquisa de campo exploratória, com estudo de caso descritivo, múltiplo e abordagem metodológica qualitativa. Incorporaram-se ferramentas dos estudos da área de pesquisa das Relações Ambiente-Comportamento. A fim de comparar a visão de diferentes grupos de idosos, já que a literatura aponta que os idosos institucionalizados demonstram um acentuado grau de conformismo, selecionaram-se dois grupos: i) idosos institucionalizados; ii) idosos não institucionalizados. A fim de

compreender se a condição socioeconômica do morador influencia na escolha por atributos que gerem bem-estar, optou-se por escolher, como objeto de estudo, três Instituições que atendam idosos de renda baixa, média e alta. Para coletar os dados foram feitos dois tipos de levantamentos: de arquivo e de campo. O primeiro refere-se ao levantamento das plantas baixas das instituições investigadas, bem como das legislações que as regulamentam. O segundo, subdividido em duas etapas, consistiu em: (i) levantamento de dados físicos; (ii) levantamento de dados avaliativos, A primeira etapa teve como finalidade a coleta de informações que possibilitassem conhecer os espaços internos das instituições. Na segunda etapa, foram utilizados três métodos: Observação Comportamental, Entrevistas Semiestruturadas e Poema dos Desejos. A partir da utilização de múltiplos métodos e fundamentando-se na revisão da literatura, buscou-se preencher a lacuna de conhecimento apontada pela pesquisa.

5.2 PRINCIPAIS RESULTADOS OBTIDOS

5.2.1 Contribuições Teóricas

A revisão bibliográfica indicou que diversos conceitos buscam definir o envelhecimento: envelhecimento bem-sucedido, utilizado pela Gerontologia Ambiental; *envelhecimento saudável* e *envelhecimento ativo*, descrito pela OMS. A partir disso, caracterizou-se o idoso ativo e o idoso fragilizado. Com base nessas caracterizações, a ILPI foi apresentada como uma opção de moradia.

Constatou-se que as legislações regulamentadoras das instituições no Brasil - Estatuto do Idoso e RDC 283 - tratam especialmente de questões físicas do ambiente, abordando superficialmente seus aspectos subjetivos. Já em algumas legislações internacionais, como o *Medicare* dos Estados Unidos, tratam estas questões de forma muito mais abrangente, versando tanto aspectos objetivos, quanto aspectos subjetivos.

A partir da premissa segundo a qual as ILPI´s não devem uniformizar seus espaços (desconsiderando a subjetividade de seus usuários) e devem reproduzir o ambiente residencial, oportuno seria manter as características de um lar, a personalização do ambiente físico e criar um ambiente simbólico, tornando-se um recurso importante para o bem-estar do idoso (TOSTA, 2008). Ao personalizar seu

espaço, o indivíduo pode apropriar-se dele, tanto de forma criadora (processo de agência), quanto sentimental, através da *sensação do espaço vivido* (sensação de pertencimento) (KALISH, 1981 apud CUPERTINO, 1996 p.15; COELHO, 2000 p.321)

Discutiram-se algumas decorrências da transição de lugar na velhice, que pode impactar de forma significativa o bem-estar do idoso, ao romper com o apego emocional aos espaços familiares de sua moradia. Verificou-se que, como a extensão espacial do ambiente tende a se tornar mais restrita à medida que a pessoa envelhece, o espaço de vida físico se torna menor e centrado em torno da casa.

Os estudos da Gerontologia Ambiental evidenciaram a influência da relação entre ambiente físico e o indivíduo no processo de envelhecimento. Seus modelos revelaram conceitos ligados à percepção dos usuários em relação ao seu ambiente residencial. Apresentaram ainda definições importantes para estudos voltados para ambientes de moradia institucionais, como *autonomia*, *identidade* e *bem-estar*.

Dos modelos da Gerontologia Ambiental mais relevantes para este estudo foi possível destacar as seguintes observações: i) que o comportamento na velhice é uma função da competência pessoal em interação com a pressão ambiental e, de tal interação, surgiram mais dois conceitos: *docilidade ambiental* e *proatividade ambiental*; ii) que o comportamento constitui-se uma função da congruência entre as características pessoais (como necessidades) e o que o ambiente tem a oferecer (capacidade de suprir tais necessidades); iii) que o bem-estar na velhice é influenciado pela correspondência entre os recursos ambientais e necessidades pessoais e 4) que as consequências de viver e envelhecer em um dado lugar estão relacionadas com aspectos físicos, sociais e autobiográficos do indivíduo.

Os modelos da Gerontologia Ambiental e seus conceitos discutidos foram relevantes para a presente investigação por serem referências importantes no estudo da relação idoso-ambiente com foco em aspectos subjetivos do ambiente.

Como base teórica conceitual para este estudo, selecionou-se o Modelo Visão Transacional das Pessoas Idosas em seus Ambientes, que permitiu, a partir de um esquema conceitual, relacionar os conceitos de *identidade* e de *autonomia* ao *bem-estar*. No centro deste esquema estão dois processos globais responsáveis pela criação da gama de relações da pessoa com o ambiente na velhice. O primeiro cria

sensação de pertencimento e é influenciado pela experiência; o segundo, denominado pelos autores como *agência*, é orientado pelo comportamento.

Verificou-se que o processo de pertencimento pode ser estudado a partir de três conceitos: *significado de casa*, *apego ao lugar* e *satisfação residencial*. Concluiu-se que as diferenças dos conceitos *satisfação* e *preferência* devem ser consideradas.

O processo de agência, ao apresentar quatro conceitos base ligados à autonomia dos indivíduos (crenças de controle relacionados a residência, docilidade ambiental, proatividade ambiental e ajuste pessoa-ambiente), pode ser estudado observando o uso dos espaços e comportamento dos indivíduos.

Assim sendo, o tipo de uso em habitações coletivas, como ILPI´s, tem relação direta com o bem-estar dos idosos, já que a qualidade de vida do indivíduo que envelhece também é influenciada por sua habilidade de manter autonomia e independência.

Foi afirmado que ambientes de ILPI devem ter um conjunto de características físicas de maneira a contribuir para seu uso e outras ligadas ao pertencimento que dão sentido à casa na velhice. Essas características podem afetar, em distintos graus, o processo de agência e a sensação de pertencimento. Aquele foi estudado a partir da locomoção, modificação e atividades exercidas; a sensação de pertencimento a partir do significado de casa (aspectos físicos, sociais e pessoais).

Com base nessas inferências, detectou-se que elementos e atributos formais do ambiente, atributos simbólicos e comportamentais, interferem na avaliação sobre o lugar e na sensação de bem-estar. Para isso, foram consideradas experiências de indivíduos com distinção na origem sociocultural, nos locais onde moram, além de sexo e idade, a fim de comparar os grupos e suas diferentes avaliações sobre o ambiente. Os principais resultados são apresentados a seguir.

5.2.2 Quanto aos objetivos específicos

Objetivo específico 1: *Revelar a relação de características dos ambientes – seus elementos (móveis, decorações, plantas) e atributos (cores, iluminação) com o conceito de bem-estar.*

Verificou-se que as características dos ambientes, a partir dos seus elementos e atributos, produzem estímulos capazes de trazer as mais diversas sensações. Ao utilizá-las de forma adequada, considerando as preferências dos idosos, notou-se que esses estímulos podem influenciar de forma positiva na sensação de bem-estar. As entrevistas semiestruturadas revelaram algumas dessas características do ambiente geral: (i) o local mais agradável geralmente é o preferido; (ii) o local mais desagradável, na maior parte dos casos, está ligado à convivência com idosos com comprometimento cognitivo; (iii) os idosos, em sua maioria, consideram os móveis confortáveis e gostam de suas camas; (iv) avaliam adequada a iluminação natural.

Para o dormitório - indicado geralmente como local mais agradável e preferido - as preferências tenderam para o mobiliário (roupeiro, cama e criado mudo) amadeirado e poltronas estofadas; na sala de estar, para os estofados, destacaram-se os revestimentos sintéticos. Embora tenham considerado as cores atuais da sua moradia aconchegantes e divertidas, as preferências da maioria dos entrevistados penderam para cores diferentes das existentes. Tanto para o dormitório quanto para sala de estar, as preferências foram por matizes menos saturadas em tons de bege, azul e verde.

Objetivo específico 2: *Investigar de que forma a personalização do ambiente interfere na sensação de pertencimento.*

Ao investigar a sensação de pertencimento em idosos institucionalizados, a partir da personalização do ambiente, foi detectado que, ao falarem dos objetos decorativos, vieram à tona lembranças da sua antiga residência, mencionando móveis e cores que lá existiam. Foi verificado ainda que, ao abordar questões estéticas, a fala dos idosos voltava-se para aspectos mais relacionadas ao cuidado no que se refere às necessidades fisiológicas e de segurança, como se não tivessem direito a ambientes mais qualificados em termos estéticos. Por sua vez, pode ser constatado, nas instituições, que a possibilidade de personalização se dá no microterritório, ou seja, na área contemplada pela cama de cada um.

A partir da descrição dos entrevistados sobre seu local de moradia, verificou-se que a sensação de pertencimento é praticamente inexistente, pois a maioria atribuiu o *significado de lar* à sua antiga residência. Inclusive, referiram-se a seu atual local, usando termos como pensionato, asilo, entre outros.

Objetivo específico 3: *Investigar quais características físicas dos ambientes de ILPI´s podem estimular a autonomia do idoso (processo de agência)*.

Foram encontradas características físicas capazes de estimular a autonomia do idoso em uma ILPI, ligadas à locomoção, mudanças existentes e atividades exercidas. Observou-se durante as entrevistas, em especial nas questões referentes a desejo de modificações e satisfação com os espaços, um considerável conformismo com a situação atual.

Sobre o ambiente preferido, indicavam o próprio dormitório, ao invés da sala de estar, pela dificuldade em conviver com moradores com comprometimento cognitivo. Identificou-se que o tratamento igualitário e simultâneo para todos os residentes das instituições (política congregadora) provocou o abandono de ambientes propícios à socialização, como a sala de estar. Identificou-se também o potencial restaurador de ambientes com caráter transitório, entre a área externa e área interna, como as varandas.

Da mesma forma, o processo de agência também está ligado à localização da instituição dentro do contexto urbano, esclarecido a partir dos relatos dos idosos com relação a autonomia para sair da instituição.

Objetivo específico 4: *Averiguar as semelhanças e distinções na definição e percepção dos atributos e elementos entre grupos de idosos residentes em ILPI´s e idosos não residentes*.

Como semelhanças, percebeu-se, nos dois grupos, a existência de uma forte relação com as áreas verdes e preferência por uso de diferentes cores nos ambientes. Como diferenças, os idosos não institucionalizados tenderam a achar que são mais capazes de agir sobre o meio ambiente do que os institucionalizados. Salienta-se ainda o fato de os idosos não institucionalizados se expressarem com mais facilidade e amplitude, ao pensar nas atividades que poderiam ser realizadas, ao passo que os idosos institucionalizados focaram mais nas questões relacionadas ao cuidado. Nos dois grupos, a diferença entre os resultados coletados pode ser atribuída ao grau acentuado de controle e falta de autonomia permitida, dificultando o surgimento da *sensação de pertencimento*.

Quanto aos métodos, comparando os resultados obtidos com idosos institucionalizados com aqueles obtidos com idosos não institucionalizados, percebeu-se uma mudança de atitude relacionada aos desejos para a moradia ideal. Os indivíduos não institucionalizados, mesmo sem o estímulo das imagens, conseguiram expressar seus desejos com riqueza de detalhes. Já com os institucionalizados, apenas com o auxílio das imagens foi possível captar algumas preferências e desejos. Isso é mais um demonstrativo da mudança de atitude dos indivíduos, provocada pela institucionalização.

Objetivo específico 5: Gerar recomendações de projeto para as normas vigentes.

Foi possível, com o embasamento desta pesquisa, gerar recomendações de projeto cujo intuito é aperfeiçoar as normas vigentes. Em função do crescimento do número de idosos e do seu consequente impacto no aumento da demanda por moradias especializadas, a norma não pode ficar estagnada. Deve, pois, tornar-se dinâmica e flexível, de forma a corrigir falhas para melhor atender este público.

5.3 DIFICULDADES E LIMITAÇÕES

Uma das Instituições que faria parte do estudo, localizada na cidade de Rio Grande, não foi incluída pela dificuldade de acesso às informações necessárias. Toda a parte inicial de observação comportamental e levantamento fotográfico foi realizada. No entanto, embora não tenha sido incluída no estudo, auxiliou nas reflexões e conclusões presentes no trabalho.

Mostra-se oportuno ressaltar, dada a alta incidência de idosos com comprometimento cognitivo, existir grande dificuldade de composição de amostras para estudos desta natureza. Por exemplo, não foi possível aplicar o Poema dos Desejos no grupo institucionalizado, tanto pelo fato de sobrecarregar esses indivíduos, quanto pelas limitações físicas de alguns participantes, como segurar a tesoura para recortar as imagens. Ressalte-se também o fato de esses métodos poderem influenciar de forma significativa os resultados obtidos.

Embora os responsáveis pela instituição tivessem autorizado o livre acesso à parte interna dos estabelecimentos, a pesquisadora adotou, como critério, não tirar fotos de dormitórios que estivessem ocupados por algum idoso, em respeito à

privacidade dos moradores. Por este motivo, teve dificuldade em realizar o levantamento fotográfico de forma mais abrangente.

5.4 RELEVÂNCIA E SUGESTÃO DE NOVOS ESTUDOS

A pesquisa reforça a importância de considerar os aspectos subjetivos em projetos de habitações para idosos, especialmente em Instituições de Longa Permanência. A carência de estudos neste sentido torna imprescindível a ampliação de literatura que auxilie na qualificação desse tipo de moradia.

O estudo identificou elementos e atributos decisivos na geração de bem-estar, tanto sob a percepção do usuário, quanto sob o imaginário coletivo de idosos não residentes em ILPI´s. As discussões geradas identificaram outras possibilidades de enfoque, abrindo espaço para novas pesquisas e projetos. Neste sentido, algumas sugestões de trabalhos futuros podem ser apontadas:

- Foco em outros ambientes. Este estudo teve foco em dois ambientes específicos, dormitório e sala de estar. Uma outra abordagem poderia incluir locais onde são realizadas as refeições e locais de socialização, como varandas e jardins.

- Aprofundar os impactos causados pela transição de lugar no bem-estar dos idosos (processo de pertencimento e agência) em relação ao tipo de edificação na qual está inserida a nova moradia, seja uma casa adaptada ou instituição.

- Questionar sobre a eficiência do modelo atual de ILPI´s. Por se tratar de uma demanda crescente e com perspectivas reais de mudanças significativas na sociedade, como, por exemplo, transição de gênero, alguns questionamentos poderão ocorrer em função do modelo atual de ILPI´s. Como a arquitetura responderá a essas questões?

- Estimular procedimentos para obter maior variedade de dados. O suporte dos materiais visuais mostrou-se uma importante ferramenta em trabalhos com idosos associados aos métodos tradicionais – entrevistas e Poema dos. Entretanto, dada a grande possibilidade de que os métodos influenciem demasiadamente os resultados, pesquisas adicionais poderão aperfeiçoar os métodos de investigação com idosos.

- Aprofundar questões ligadas à cultura local, na tentativa de minimizar o eventual impacto que uma ruptura proveniente da transição de lugar pode gerar na sensação de bem-estar.

- Tratar da influência que o tempo de moradia provoca na sensação de pertencimento e autonomia.

Espera-se que, com o entrelaçamento entre arquitetura e saúde, este trabalho contribua com a temática proposta, no sentido de discutir de que modo os aspectos físico-funcionais, estéticos e psicológicos colaboram na promoção de um bom envelhecimento, contemplando as diferentes necessidades dos idosos. E que possa assim, auxiliar na elaboração de projetos para ambientes mais adequados e congruentes com as necessidades dos usuários idosos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTER, Karin. **What colour is the red house? Perceived colour of painted facades. Stockholm:** Royal Institute of Technology, 2000.

ANVISA. AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA. Resolução da diretoria colegiada – RDC nº 283, de 26 de setembro de 2005. Disponível em: http://portal.anvisa.gov.br/legislacao/?inheritRedirect=true#/visualizar/27647. Acessado em 20 outubro. 2018.

ASSIS, M. Aspectos Sociais do Envelhecimento. In: **Saúde do Idoso: A Arte de Cuidar**. Rio de Janeiro: Interciência, 2004. 400p.

BATISTONI, S. S. T. Gerontologia Ambiental: panorama de suas contribuições para a atuação do gerontólogo. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, p. 647–657, 2014.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1995.

BERZINS, M. A. V. S.; ESTEVAM, N.A.M.S. O enfoque do serviço social. In: DOMINGUES, M. A.; LEMOS, N. D. (org). **Gerontologia: Os desafios nos diversos cenários de atenção**. Barueri, SP: Manole, 2010.

BESTETTI, M. L. T. Ambiência : espaço físico e comportamento. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 17, n. 3, p. 10, 2014.

BESTETTI, M. L. T. **Habitação para Idosos. O trabalho do arquiteto, arquitetura e cidade**. 184f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006.

BIANCHI, S. A. **Qualidade do Lugar nas Instituições de Longa Permanência para Idosos — Contribuições Projetuais para Edificações na Cidade do Rio de Janeiro**. 294pf. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2013.

BRASIL. Estatuto do Idoso. Diário da República, 1ª série - nº 116, 2003. Disponível em: <https://dre.pt/application/file/67508032>

BRASIL. Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa, 2006. Disponível em: <http://www.saude.mg.gov.br/atos_normativos/legislacao-sanitaria/estabelecimentos-de-saude/atencao-ao-idoso/Portaria_2528.pdf>

BRASIL; Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Ambiência, 2º edição, Brasília- DF, 2010. Acesso em: 02 de fevereiro de 2017. Disponível em: < http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/ambiencia_2ed.pdf>.

CAMARANO, A. A.; KANSO, S. As instituições de longa permanência para idosos no Brasil. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 27, n. 1, p. 232–235, 2010.

CAMARANO, A. A.; KANSO, S. As instituições de longa permanência para idosos no Brasil. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 27, n. 1, p. 232–235, 2010.

CAMARANO, A. A.; BARBOSA, P. (2016). Instituições de Longa Permanência para Idosos no Brasil: do que se está falando? In A. de O. Alcântara, A. A. Camarano, & K. C. Giacomin (Eds.), ***Política Nacional do Idoso: velhas e novas questões*** (pp. 479–514). IPEA Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada.

CANDAU, J. 2011. **Memória e identidade**. São Paulo, Contexto, 219 p.

CAOUETTE, E. The Image of Nursing Homes and Its Impact on the Meaning of Home for Elders. In: ROWLES, D. G ; CHAUDHURY, H. **Home and Identity in Late Life: International Perspectives**. New York: Springer Publishing Company, Inc., 2005. 399 p.

CARP FM, CARP A. A complementary/congruence model of well-being or mental health for the community elderly. In: Altman I, Lawton MP, Wohlwill JF, editors. **Human behavior and environment: elderly people and the environment**. New York: Plenum Press; 1984. p. 279-336.

Carp, F.M. (1987) 'Environment and aging', in D. Stokols and I. Altman (eds), **Handbook of Environmental Psychology**. Vol. 1. New York: Wiley, pp. 330–60.

CARTER, D. E. **The big book of color in design**. New York: Collins Design, 2005.

CAVALCANTI, P. B.; AZEVEDO, G. A. N.; ELY, V. H. M. B. A humanização dos ambientes de saúde: atributos ambientais que favorecem a apropriação pelos pacientes. **IV Projetar: Projeto como investigação: ensino, pesquisa e prática**, 2009.

CAVALCANTI, P. B. **A humanização de unidades clínicas de hospital- dia: vivência e apropriação pelos usuários**. 420f. Tese (Doutorado) — Programa de

Pós-graduação em Arquitetura, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2011.

CHAUDHURY, H.; ROWLES, D. G. Between the Shores of Recollection and Imagination: Self, Aging, and Home. In: ROWLES, D. G ; CHAUDHURY, H. **Home and Identity in Late Life: International Perspectives**. New York: Springer Publishing Company, Inc., 2005. 399 p.

CHING, F. D. **Arquitetura, Forma, Espaço e Ordem**. São Paulo: Martins Fontes, 2002. 399p.

COELHO, A. B. Entre casa e cidade , a humanização do habitar. In: **Opúsculo 18 - Pequenas Construções Literárias sobre Arquitetura**. Porto: [s.n.].

COELHO, A. B. Qualidade arquitectónica e satisfação residencial. **Infohabitar**, Ano V, nº 245, 04/mai/2009, disponível em: <http://infohabitar.blogspot.com.br/2009/05/qualidade-arquitectonica.html>.

COELHO, António Baptista. **Entre a casa e a cidade, a humanização do habitar**. Porto: Dafne, jul. 2009. Disponível em: <www.dafne.com.pt>. Acesso em: jul. 2013.

COLUCCI, S. S. R. D. **Muito além do abrigo**. 2007. Disponível em: <http://au17.pini.com.br/arquitetura-urbanismo/162/artigo60710-1.aspx>

CUPERTINO, A. P. **Avaliação pós-ocupação de instituições para idosos no Distrito Federal**. Dissertação (Mestrado) - UnB, Brasília, 1996.

COSTA, E. F. de A. **Análise de soroprevalência para as infecções pelos vírus das hepatites B e C em idosos residentes em asilos no município de Goiânia-GO**. 2004. 122 f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Patologia Tropical e Saúde Pública, Universidade Federal de Goiás, Goiás, 2004.

CUTCHIN, M. P. The Complex Process of Becoming At-Home in Assisted Living. In: ROWLES, D. G; BERNARD, M. **Environmental Gerontology: Making Meaningful Places in Old Age**. New York: Springer Publishing Company, Inc., 2013. 319 p.

DESPRÉS, C. LORD, S. Growing Older in Postwar Suburbs: The Meanings and Experiences of Home. . In: ROWLES, D. G ; CHAUDHURY, H. **Home and Identity in Late Life: International Perspectives**. New York: Springer Publishing Company, Inc., 2005. 399 p.

DIOGO, M. J. D. O Envelhecimento da Pessoa Portadora de Necessidades Especiais. In: DIOGO, M. J. D.; NERI, A. L.. **Saúde e Qualidade de Vida na Velhice**. 2. ed. Cachioni M, organizador. Campinas: Alínea; 2006. p. 75-86

ELALI, G. A. **Relações Entre Comportamento Humano E Ambiência** : 2004.

FERREIRA, A.; DEMUTTI, C.; GIMENEZ, P. " A Teoria das Necessidades de Maslow : A Influência do Nível Educacional Sobre a sua Percepção no Ambiente de Trabalho ". **XIII SEMEAD Seminário em Administração**, p. 2–17, 2010.

GAZZOLA, J. L. O lugar do idoso numa sociedade "pós-moderna": algumas reflexões de corte interdisciplinar. In: TERRA, N. L.; BÓS, A. J. G.; CASTILHOS, N. **Temas sobre Envelhecimento Ativo**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013. 599 p.

GAZZOLA, J. L. O lugar do idoso numa sociedade "pós-moderna": algumas reflexões de corte interdisciplinar. In: Terra, N. L.; Bós, A. J. G.; Castilhos, N. **Temas sobre Envelhecimento Ativo**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013. 599 p.

GIBSON, J. The concept of stimulus in psychology. **American Psychologist**, v. 15, p.694-703, 1960.

GIBSON, J. The **Ecological Approach to Visual Perception**. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Ass., 1986.

GIBSON, J. **The senses considered as perceptual systems**. Boston: Houghton Mifflin, 1966.

GIFFORD, R. et al. Environmental psychology. **IAAP handbooks of applied psychology**, p. 440–470, 2011.

GOLDMAN, S. N. As dimensões culturais, sociais e políticas do envelhecimento. In: JUNIOR, E. D. A (Org.). **Envelhecimento e Vida Saudável**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2009. 316 p.

GROISMAN, D. Asilos de velhos: passado e presente. Cadernos de Envelhecimento, v.2. Porto Alegre: UFRGS, 1999. p. 67- 87.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). 2018. **Número de idosos cresce 18% em 5 anos e ultrapassa 30 milhões em 2017.** Disponível em: < https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-

noticias/noticias/20980-numero-de-idosos-cresce-18-em-5-anos-e-ultrapassa-30-milhoes-em-2017>. Acesso em:

IIDA, Itiro. Ergonomia: Projeto e Produção. São Paulo: Edgard Blücher, 2005. INMETRO.

ITTELSON, W.H. Perception and transactional psychology. In: **Psychology: A Study of a Science**. v. 660. New York: McGraw-Hill, 1962.

IZAL, M.; FERNÁNDEZ-BALLESTEROS, R. **Modelos ambientales sobre la vejez**. Anales de la psicológia., v. 6, n. 2, p. 181–198, 1990.

JUNIOR, E. D. A. Aspectos Sociodemográficos de um país que envelhece: o exemplo brasileiro. In: JUNIOR, E. D. A (Org.). **Envelhecimento e Vida Saudável**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2009. 316 p.

KAHANA, E. (1975). A congruence model of person environment interaction. En P.G. Windley, T. Byerts and E.G. Ernst (Eds.): **Theoretical development in environments and aging**. Washington, DC., Gerontological Society.

KAHANA, E. et al. **Environment and Behavior INFLUENCES ON RESIDENTIAL SATISFACTION OF ELDERS**. v. 35, n. 3, p. 434–453, 2003.

KAPLAN, S.; KAPLAN R. C**ognition and Environment: Functioning in Uncertain World**. Ann Arbor, MI: Ulrich's Bookstore, 1983. p. 80

KOFFKA, K. **Principles of Gestalt Psychology**. New York: Harcourt Brace, 1935.

KOHLER, W. **Die Physischen Gestalten in Ruhe und im Stationärem Zustand**. Braunschweig: Vieweg, 1920

LAWTON MP, NAHEMOW L. Ecology and the aging process. In: Eisdorder C, Lawton MP, editors. **Psychology of adult development and aging**. Washington: American Psychological Association; 1973. p. 657-68.

LAWTON MP. Environmental Proactivity in Older People. In: Bengtson VL, Schaie KW, editors. **The Course of Later Life**. New York: Springer Publisher; 1989. p. 15-23.

LAY, M. C. D.; REIS, A. T. DA L. Análise quantitativa na área de estudos ambiente-comportamento. **Ambiente Construído**, v. 5, n. 2, p. 21–36, 2005.

LEAL L. V. **O desafio de desenvolver um projeto que promova a qualidade de vida de portadores de Alzheimer**. 2009. Disponível em: <http://au17.pini.com.br/arquitetura-urbanismo/180/a-vida-sem-limitacoes-hilea-sao-paulo-de-aflalo-128077-1.aspx>

LEHR, U. A Revolução da Longevidade : impacto na sociedade , na família e no indivíduo. **Caderno do envelhecimento**, v. 1, p. 7–36, 1999.

LEITE, A. K. DE F. **Avaliação do ambiente construído de instituições de longa permanência para idosos**. 173f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2010.

LIMA, A. B. R. **Ambiente Residencial e Envelhecimento Ativo: Estudos sobre a relação entre bem-estar, relações sociais e lugar na terceira idade**. [s.l.] Universidade de Brasília, 2011.

LOW, S. M.; ALTMAN, I. (1992). Place attachment: A conceptual inquiry. Em I. Altman & S. M. Low (Eds.), **Place attachment** (pp. 1-12), New York: Plenum Press.

MACEDO, D. et al. O Lugar do afeto, o afeto pelo lugar: O que dizem os idosos? **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 24, n. 4, p. 441–449, 2008.

MARTIN, B. W. et al. **Envelhecimento ativo: uma política de saúde**. 1ª ed. Brasília: [s.n.].

MAZO, Giovana Zarpellon; LOPES, Marize Amorim; BENEDETTI, Tânia. **Atividade física e o idoso: concepção gerontológica**. Porto Alegre: Sullina, 2004.

MENDES, L. D´URSO DE S. **Análise ergonômica da situação dos idosos pedestres em relação à sinalização de Copacabana**. [s.l.] Pontífica Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2008.

MILANEZE, G. L. S. **Contribuições para projetos de arquitetura das Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPI), com base na análise de instituições em Criciúma** - SC. 271f. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2013.

MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento – pesquisa qualitativa em saúde**. Hucitec, São Paulo, 1993.

MOOS, RH; LEMKE S. Specialized living environments for older people. In: J Birren JE, Schaie KW, editors. **Handbook of the Psychology of Aging**. New York: Van Nostrand Reinhold; 1985. p. 864-89.

NAOUMOVA, N. **Qualidade estética e policromia de centros históricos**. [s.l.] Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.

NEISSER, U. (1988) 'Five kinds of self-knowledge', **Philosophical Psychology**, 1: 35–59.

NERI, A. L. Apresentação. In: NERI, A. L.; YASSUDA, M. S. **Velhice Bem-sucedida: Aspectos Afetivos e Cognitivos**, Campinas: PAPIRUS, 2004. 3ª ED 2008. p. 224.

NERI, A.L. Qualidade de vida na velhice e atendimento domiciliário. In: DUARTE, Y.A.O. **Atendimento domiciliar: um enfoque gerontológico**. São Paulo: Atheneu, 2000. p. 630.

NERY, O. S. et al. Caixas de memórias: a relação entre objetos, fotografias, memória e identidade ilustradas em cenas da ficção. **Ciências Sociais Unisinos**, v. 51, n. 1, p. 42–51, 2015.

NEWELL, P. B. (1997). A cross-cultural examination of favorite places. **Environment & Behaviour**, 29, 495-514.

OKAMOTO, Jun. **Percepção ambiental e comportamento: visão holística da percepção ambiental na arquitetura e na comunicação**. São Paulo: Mackenzie, 1996.

OMS (1994). **Declaração elaborada pelo Grupo de Trabalho da Qualidade de Vida da OMS**. Publicada no glossário de Promoção da Saúde da OMS de 1998. OMS/HPR/HEP/ 98.1 Genebra: Organização Mundial da Saúde

OMS. **Relatório mundial de envelhecimento e saúde**. Organização Mundial de Saúde, 2015.

OMS. **Planificacion y organizacion de los servicios geriatricos**. Infome tecnico no 48. Genebra: OMS, 1974. Disponível em: <http://whqlibdoc.who.int/trs/WHO_TRS_548_spa.pdf>

ORNSTEIN, S. W. Qualidade Ambiental na Habitação: Avaliação Pós-Ocupação. São Paulo: **Oficina de Textos**, 2013, 400 p.

OSWALD, F., WAHL, H. W., SCHILLING O., IWARSSON, S. **Housing-related control beliefs and independence in activities of daily living in very old age**. Scand J Occup Ther 2007;14(1):33-43.

OSWALD, F.; WAHL, H-W. Dimensions of the Meaning of Home in Later Life. In: ROWLES, D. G ; CHAUDHURY, H. H**ome and Identity in Late Life: International Perspectives**. New York: Springer Publishing Company, Inc., 2005. 399 p.

PARREIRA, D. P. C. **Modularidade da perceção da cor em idosos : Busca visual de matizes com comprimentos de onda curtos processados pelo mesmo e por diferentes canais percetivo**s. 83f. Dissertação (Mestrado) - Universidade de Évora. Évora, 2014.

PEREIRA, G. F. **O design com segurança e conforto no projeto de camas para a terceira idade**. 140f. Dissertação (Mestrdo) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2012.

PINHEIRO, J. Q.; ELALI, G. A. **Comportamento Sócio-Espacial Humano**. Texto não publicado, produzido para fins didáticos, Natal, UFRN, 1998.

PRADO, A. R.; LICHT, F. B. Idosos, Cidade e Moradia: Acolhimento ou Confinamento?, **A Terceira Idade**, São Paulo, v.15, n. 29, p. 80-91, 2004.

PROSHANSKY, H. The city and self-identity. **Journal of Environment and Behaviour**, Vol. 10, pp.57-83, 1978

RAPOPORT, A. **Aspectos Humanos de la Forma Urbana**. Barcelona: Gustavo Gilli, 1978.

RAPOPORT, A. On Using “Home” and “Place”. In: ROWLES, D. G ; CHAUDHURY, H. **Home and Identity in Late Life: International Perspectives**. New York: Springer Publishing Company, Inc., 2005. 399 p

REHAL, S. Words and images for exploration and communication of concepts in the early stages of the design task. In: BINDER, T.; GREGORY, J.; WAGNER, I. (Eds.). . **Proceedings of the Participatory Design Conference**. Palo Alto: [s.n.]. p. 238–242.

REIS, A. T. DA L.; LAY, M. C. D. Avaliação da Qualidade de Projetos – Uma Avaliação

Perceptiva e Cognitiva. **Ambiente Construído**, V. 06, N. 3, p. 21–34, 2006.

REIS, A. T.; LAY, M. C. As técnicas de APO como instrumento de análise ergonômica do ambiente construído. **III Encontro Nacional – I Encontro Latino-Americano de Conforto no Ambiente Construído**. ANTAC – Associação Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído. Gramado, 1995. Material suplementar.

RELPH, E. **Place and Placelessness**. London: Pion, 1976.

RHEINGANTZ, Paulo Afonso. Observando a qualidade do projeto e do lugar. In: **SBQP — SIMPÓSIO BRASILEIRO DE QUALIDADE DO PROJETO NO AMBIENTE CONSTRUÍDO; IX WORKSHOP BRASILEIRO DE GESTÃO DO PROCESSO DE PROJETO NA CONSTRUÇÃO DE EDIFÍCIOS**. Anais. São Carlos, SP, 18-20 nov. 2009.

ROCKENBACH, B. F. S.. A possibilidade do envelhecimento ativo na Instituição de Longa Permanência. In: TERRA, N. L.; BÓS, A. J. G.; CASTILHOS, N. **Temas sobre Envelhecimento Ativo**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013. 599 p.

ROWLES, G. D.; CHAUDHURY, H. (Eds.). (2005). **Home and identity in late life: International perspectives**. New York, NY: Springer Publishing Company

ROWLES, G. D.; OSWALD, F.; HUNTER, E. G. Interior living environments in old age. In: WAHL, H.-W.; SCHEIDT, R. J.; WINDLEY, P. G. (Eds.). **Aging in context: Social-physical environments (Annual Review of Gerontogy and Geriatrics)**. New York: Springer, 2003. p. 167–193.

RUBINSTEIN, R. L.; MEDEIROS, K. Home, Self, and Identity. In: ROWLES, D. G ; CHAUDHURY, H. **Home and Identity in Late Life: International Perspectives**. New York: Springer Publishing Company, Inc., 2005. 399 p.

RUSSEL, C. Home, Identity, and Belonging in Later Life: the perspectives of disadvantaged inner-city men. In: ROWLES, D. G.; CHAUDHURY, H. **Home and Identity in Late Life: International Perspectives**. New York: Springer Publishing Company, Inc., 2005. 399 p.

SALDANHA, A. L. Quando é preciso escolher uma instituição geriátrica: Instrumentos para avaliação da qualidade dos serviços. In: **Saúde do Idoso: A Arte de Cuidar**. Rio de Janeiro: Interciência, 2004. 400p.

SANTOS, A. I. M. Avaliação do Conhecimento dos idosos atendidos na rede básica municipal referente aos instrumentos de aprendizagem de alimentação e saúde do Ministério da Saúde. In: **Temas Sobre Envelhecimento Ativo**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013. 599 p.

SANOFF, H. **Visual Research Methods in Design**. New York: Van Nostrand Reinhold, 1991.

SANOFF, Henry. **Creating Environments for Young Children**. Mansfield: BookMasters, Inc., 1995.

SCANDOLARA, L. B. A importância dos vínculos afetivos para o envelhecimento ativo. In: Terra, N. L.; Bós, A. J. G.; Castilhos, N. ***Temas Sobre Envelhecimento Ativo***. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013. 599 p.

SCANNELL, Leila; GIFFORD, Robert. Defining Place Attachment: A Tripartite Organizing Framework. **Journal of Environmental Psychology**, Victoria, v. 30, p. 1-10, 2009.

SCHOOLER KK. Response of the elderly to environment a stress-theoretical perspective. In: Lawton MP, Windley PG, Byerts TO, editors. **Aging and the environment: theoretical approaches**. New York: Springer; 1982. p.103-24

SHERMAN, E.; DACHER, J. Cherished Objectos and the Home: Their Menaning and Roles in Late Life. In: ROWLES, D. G ; CHAUDHURY, H. **Home and Identity in Late Life: International Perspectives**. New York: Springer Publishing Company, Inc., 2005. 399 p.

SOBRAL, E. R. F. DE A. et al. Discussão acerca da Percepção Ambiental, suas Ferramentas e Cognição. **15º ERGODESIGN - Congresso Internacional de Ergonomia e Usabilidade de Interfaces Humano-Tecnologia-Produto, Informações, Ambientes Construídos e Transporte**. Anais. Recife: 2015

SOBRAL, E. R. F. DE A.; PAIVA, M. M. B.; VILLAROUCO, V. Ambiente de idosos e a ferramenta do poema dos desejos. **XVI Encontro Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído: Desafios e Perspectivas da Internacionalização da Construção**. Anais...São Paulo: 2016

SOMMER, R. **Espaço Pessoal: As Bases Comportamentais de Projetos e Planejamentos**. (Título original: Personal Space: The Behavioral Basis of Design. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, 1969). São Paulo: Editora Pedagógica Universitária/USP, 1973.

STAMPS, A. E. **Psychology and the aesthetics of the built environment**. São Francisco: Kluwe Academic Publisher, 2000.

STEVENS-LONG, J. (1979). **Adult Life**. Palo Alto, CA: Mayfield.

TEIXEIRA, M. H. Aspectos Psicológicos da Velhice. In: **Saúde do Idoso: A Arte de Cuidar**. Rio de Janeiro: Interciência, 2004. 400p.

TOMASINI, S. L. V. **Qualificação de Espaços Abertos em Instituições de Longa Permanência para Idosos**. 325f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2008.

TOMASINI, S. L. V.; ALVES, S. Envelhecimento bem-sucedido e o ambiente das instituições de longa permanência. **Rbceh**, v. 4, n. 1, p. 88–102, 2007.

TUAN, Y. (1983). **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: DIFEL. United

TUAN, Y. Humanistic geography, **Annals of the Association of American Geographers** 66 (2): 266-276, 1976. v.1, p. 1–29. Brasília, 2015.

TUAN, Yi-F. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. SP: DIFEL, 1980.

VILELA, C.S.C. **Moradia assistida na percepção de idosos independentes: construções de cenários hipotéticos**. 2016.

WAHL, H.; OSWALD, F. Environmental Perspectives on Ageing. **The Sage Handbook of Social Gerontology**, n. 1959, p. 111–124, 2010.

WAHL, H. W.; OSWALD, F. (2010). Environmental perspectives on aging. In D. Dannefer & C. Phillipson (Eds.), **The SAGE handbook of social gerontology** (pp. 111–124). London: Sage.

WAHL, H.-W.; IWARSSON, S.; OSWALD, F. Aging well and the environment: toward an integrative model and research agenda for the future. **Gerontologist**, v. 52, n. 3, p.

306–316, 2012.

WAHL, H.-W.; WEISMAN, G. D. Environmental gerontology at the beginning of the new millennium: reflections on its historical, empirical, and theoretical development. **The Gerontologist**, v. 43, n. 5, p. 616–627, 2003.

WEBER, Ralf. On the Aesthetics of Architecture. Sydney: Avebury, 1995.

WERTHEIMER, M.; HERRING, F. H. Individual differences in figural after-effects. Some problems and potentials. **Journal of Psychology**, v.68, p.211, 1968.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos** / Robert K. Yin; trad. Daniel Grassi - 2.ed. -Porto Alegre: Bookman, 2001.

US Departament Health and Human Services. Medicare- the official U.S Governemnt site for people with Medicare. Disponível em: <http://www.medicare.gov/default.asp>. Acesso em 20 JUNHO 2018

APÊNDICE A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO

Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo - PROGRAU

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA A PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA - RESIDENTE

Meu nome é Carolina Costa Machado, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Pelotas. Estou realizando a pesquisa intitulada “Avaliação da Percepção dos Usuários acerca das Instituições de Longa Permanência para Idosos: Estudo de caso Pelotas / RS”, que tem como objetivo geral Investigar a relação existente entre os idosos moradores das ILPI´s e o seu ambiente, afim de elucidar de que forma este ambiente pode contribuir para *bem-estar*.

Dentre os métodos usados na pesquisa, necessito de sua colaboração para responder, sobre seu ambiente residencial, às entrevistas, poema dos desejos, em que você expressa o que deseja para sua casa e jogo de imagens, onde você vai escolher fotos que mais lhe agradam sobre ambientes internos. Além dessas fichas, nas quais conto com sua colaboração, também preencho outras com informações técnicas, como dimensionamento físico do espaço.

Não são previstas despesas, desconfortos ou riscos à nossa saúde decorrentes da pesquisa, uma vez que seu foco é a reflexão sobre o espaço habitado. Há total sigilo quanto às respostas, uma vez que não há identificação do colaborador. Assim como não há riscos, não há ganhos diretos na participação da presente pesquisa, embora pretenda que possa atender os idosos de maneira geral ao término do trabalho com a divulgação dos resultados da pesquisa.

Se você quiser outros esclarecimentos, tirar dúvidas ou ser informado dos passos do trabalho, pode entrar em contato comigo por telefone (53) 99155-5030 ou e-mail: arq.carolinamachado@gmail.com.

Concordo voluntariamente em participar desta pesquisa e poderei retirar meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante, sem penalidades ou prejuízo.

_____, _____ de _____ de 2017.

_____ _____

Assinatura do participante da pesquisa

Carolina Costa Machado

Mestranda UFPEL

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO

Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo - PROGRAU

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA A PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA – RESPONSÁVEL PELA ILPI

Meu nome é Carolina Costa Machado, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Pelotas. Estou realizando a pesquisa intitulada “Avaliação da Percepção dos Usuários acerca das Instituições de Longa Permanência para Idosos: Estudo de caso Pelotas / RS”, que tem como objetivo geral Investigar a relação existente entre os idosos moradores das ILPI´s e o seu ambiente, afim de elucidar de que forma este ambiente pode contribuir para *bem-estar*.

Dentre os métodos usados na pesquisa, estão entrevistas, poema dos desejos, em que você expressa o que deseja para sua casa e jogo de imagens, onde você vai escolher fotos que mais lhe agradam sobre ambientes internos. Além disso, também preencho fichas com informações técnicas resultantes de levantamento físico, como dimensionamento e levantamento fotográfico.

Não são previstas despesas, desconfortos ou riscos à nossa saúde decorrentes da pesquisa, uma vez que seu foco é a reflexão sobre o espaço habitado. Há total sigilo quanto às respostas, uma vez que não há identificação do colaborador. Assim como não há riscos, não há ganhos diretos na participação da presente pesquisa, embora pretenda que possa atender os idosos de maneira geral ao término do trabalho com a divulgação dos resultados da pesquisa.

Se você quiser outros esclarecimentos, tirar dúvidas ou ser informado dos passos do trabalho, pode entrar em contato comigo por telefone (53) 99155-5030 ou e-mail: arq.carolinamachado@gmail.com.

Concordando voluntariamente em participar desta pesquisa poderá retirar seu consentimento a qualquer momento, antes ou durante, sem penalidades ou prejuízo.

Em caso de aceite, trarei o Termo de Consentimento Livre e esclarecido com os dados da instituição para assinatura do responsável para fins de formalização.

_____, _____ de _____ de 2017.

_____ _____

Responsável pela Instituição

Carolina Costa Machado

Mestranda UFPEL

APÊNDICE B

Modelo de Entrevista aplicado em idosos institucionalizados

FORMULÁRIO PARA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM IDOSOS RESIDENTES

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO

PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

Entrevista nº: _____

Data: _____

Duração: _____

Título da Pesquisa: Avaliação da Percepção do Usuário de Instituição de Longa Permanência para Idosos. Estudo de caso: Pelotas / RS

Pesquisador Responsável: Carolina Costa Machado

QUESTÕES RELATIVAS AO AMBIENTE EM GERAL - Vamos conversar sobre o ambiente que você mora?

1- Como você considera o lugar onde mora? É bom, é agradável?
2- Trouxe algumas coisas pessoais pra cá? Onde ficam?
3- Se você pudesse, o que gostaria trazer da sua casa para esse local?
4- Onde você gosta de ficar quando tem tempo livre?
5- Qual ambiente você acha mais agradável neste lugar onde mora?
6- Qual ambiente você acha mais desagradável neste lugar onde mora?
7- As cores fazem daqui um ambiente aconchegante e divertido?
8- Os móveis são confortáveis? (Ex. sofás, poltronas, mesas, etc...)
9- Você acha fácil andar por aqui? Consegue chegar em todos os lugares que quer? (Obstáculos, autonomia, controle)
10- Você consegue fazer todas coisas que deseja sem ajuda?
11- Se você tivesse que explicar como é o lugar que você mora, o que você diria?

PRIVACIDADE

12- Você pode ter privacidade sempre que deseja?

13- Sente-se incomodado com a possibilidade de serem vistos a partir da porta, em seus dormitórios (deitados repousando ou em outra atividade) quando há visitas?

QUESTÕES RELATIVAS AO DORMITÓRIO - Agora vamos conversar sobre o seu dormitório.

14- Gosta do seu quarto? Me descreva o seu quarto. (Preferência em geral, atributos - cores, objetos - Bem estar)

15- Você gosta de ter objetos decorativos no seu quarto, como porta retrato, quadros, enfeites? Porque?

16- E da sua cama, você gosta? (Roupa de cama, modelo, tamanho...)

17- Vou te mostrar algumas imagens de móveis para dormitório para você escolher qual gosta mais. (Mostrar mobiliário?) o que falta

Cama: ( ) madeira ( ) ferro ( ) hospitalar	Criado: ( ) madeira ( ) ferro
Roupeiro: ( ) madeira ( ) ferro	Poltrona: ( ) Estofada e Braço Madeira ( ) Bergere estofada ( ) Madeira ( ) Ferro

18- Gostaria que seu quarto fosse pintado por cores? ( ) Sim ( ) Não

Vou mostras algumas cores para você escolher quais gosta mais. (Mostrar paleta de cores)

Cor 1	Linha	Coluna .....
Cor 2	Linha	Coluna .....
Cor 3	Linha	Coluna .....

19- Você acha que seu dormitório precisa de mais luz ou menos luz?

20- Você gostaria de mudar algo no seu quarto? O que você mudaria? (Ex: móveis, cores, como você gostaria de colocar a sua cama, ter mais objetos, divisórias)

QUESTÕES RELATIVAS A SALA DE ESTAR - Agora vamos conversar sobre a sala de estar.

21- Gosta da sala de estar? Onde gosta de sentar / ficar?

22- Você gosta de conversar com pessoas /amigos na sala? Onde vocês costumam ficar?

23- Que tipo de atividades você normalmente faz na sala de estar? (Além de olhar TV)

24- Gostaria que as paredes da sala fossem pintadas com cores?? ( ) Sim ( ) Não

Vou mostras algumas cores para você escolher quais gosta mais. (Mostrar paleta de cores)

Cor 1	Linha	Coluna .....
Cor 2	Linha	Coluna .....
Cor 3	Linha	Coluna .....

25- Você gostaria que tivesse móveis diferentes na sala?

26- Os moveis são confortáveis?

27- Vou te mostrar algumas texturas de tecido de estofados para escolheres por ordem de preferência:

( ) veludo ( ) Acquablock ( ) Sintético (courino)

28- Você mudaria algo na sala de estar? O que você mudaria?

29- Quando está na sala de estar, você gosta ver os espaços na rua através das janelas?

30- Você gosta de plantas dentro do seu ambiente de moradia? (Ex. plantas em vasos, jardins, etc...)

QUESTÕES RELATIVAS ÀS ATIVIDADES

31- O que mais gostaria de fazer no lugar onde mora? (EX: assistir curso - de costura crochê, pintura -, ministrar curso-atividade, fazer viagem com grupo, ir para cinema...

QUESTÕES RELATIVAS AO PERFIL DO IDOSO ENTREVISTADO

* Sexo ( ) F ( ) M

* Faixa etária / idade

* Tem alguma doença ou limitação?

( ) Visual ( ) auditiva ( ) mobilidade ( ) outra. Qual? _____

* Grau de escolaridade

( ) não estudou ( ) alfabetizado ( ) ensino fundamental ( ) ensino médio ( ) superior

* Cidade de origem (que morava antes de ir para a atual moradia)?

32- Quanto tempo está morando aqui?

33- Onde morava antes de vir morar aqui?

34- Com quem morava antes de vir morar aqui?

APÊNDICE C

Modelo de Poema dos Desejos escrito aplicado em idosos não institucionalizados

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO

Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo - PROGRAU

DADOS

Sexo: ( ) Feminino ( ) Masculino

Idade: _____

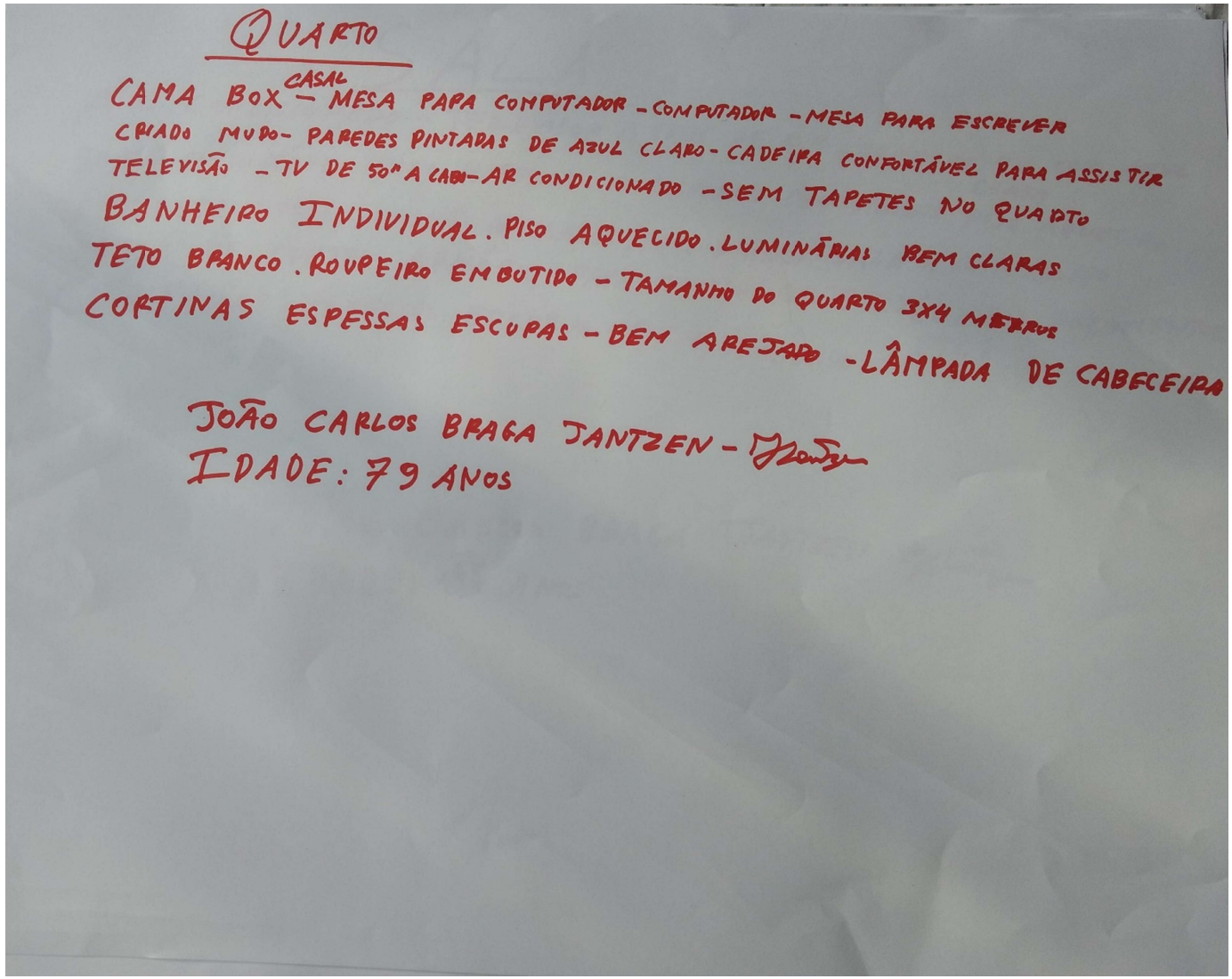
Se eu morasse em uma Instituição de Longa Permanência para Idosos, **EU GOSTARIA QUE MEU QUARTO FOSSE....**

Se eu morasse em uma Instituição de Longa Permanência para idosos, **EU GOSTARIA QUE A SALA FOSSE...**

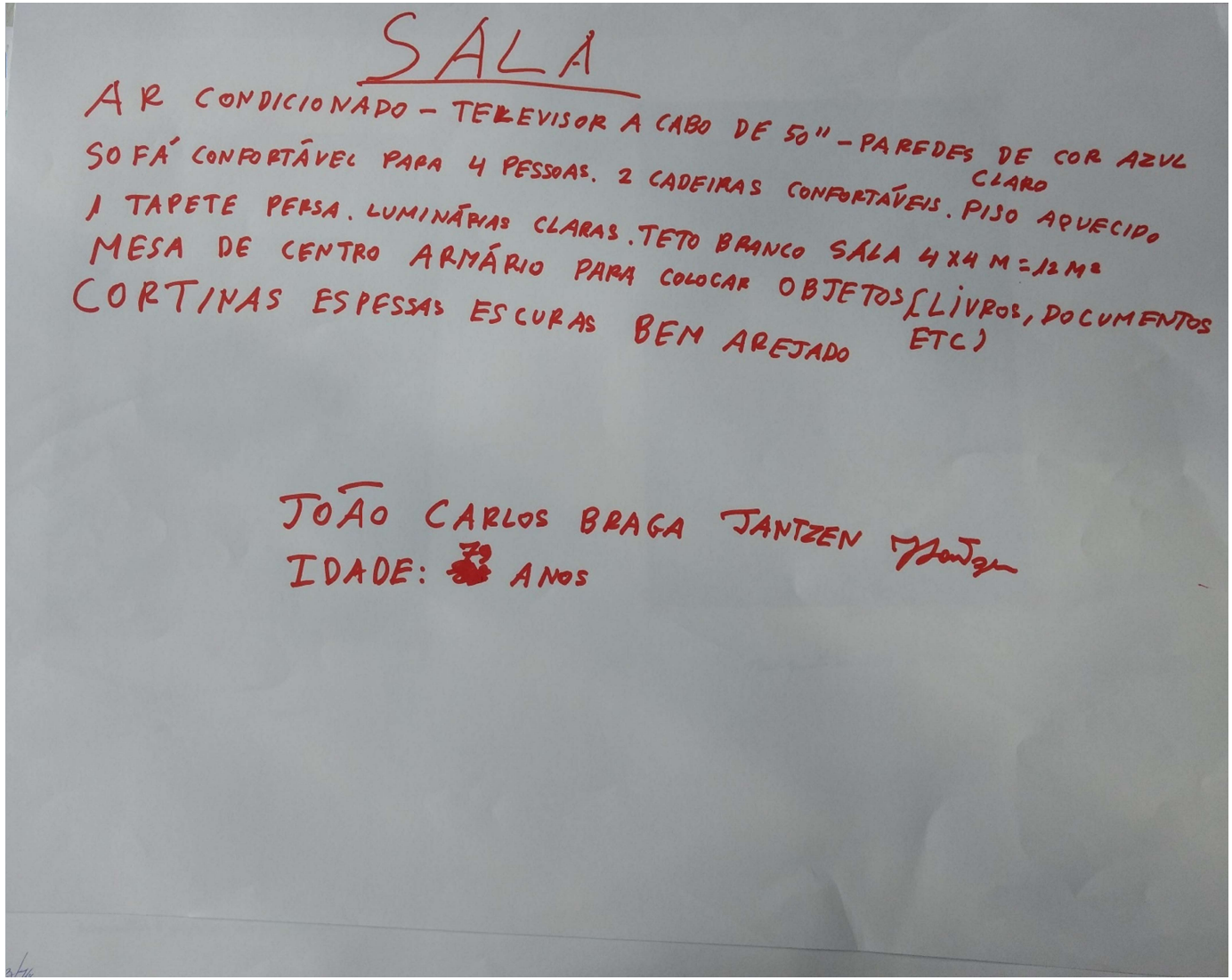
APÊNDICE D

Painéis de desejos montados a partir dos recortes de revistas aplicado em idosos não institucionalizados

PR_M_1 – PAINEL PARA DORMITÓRIO

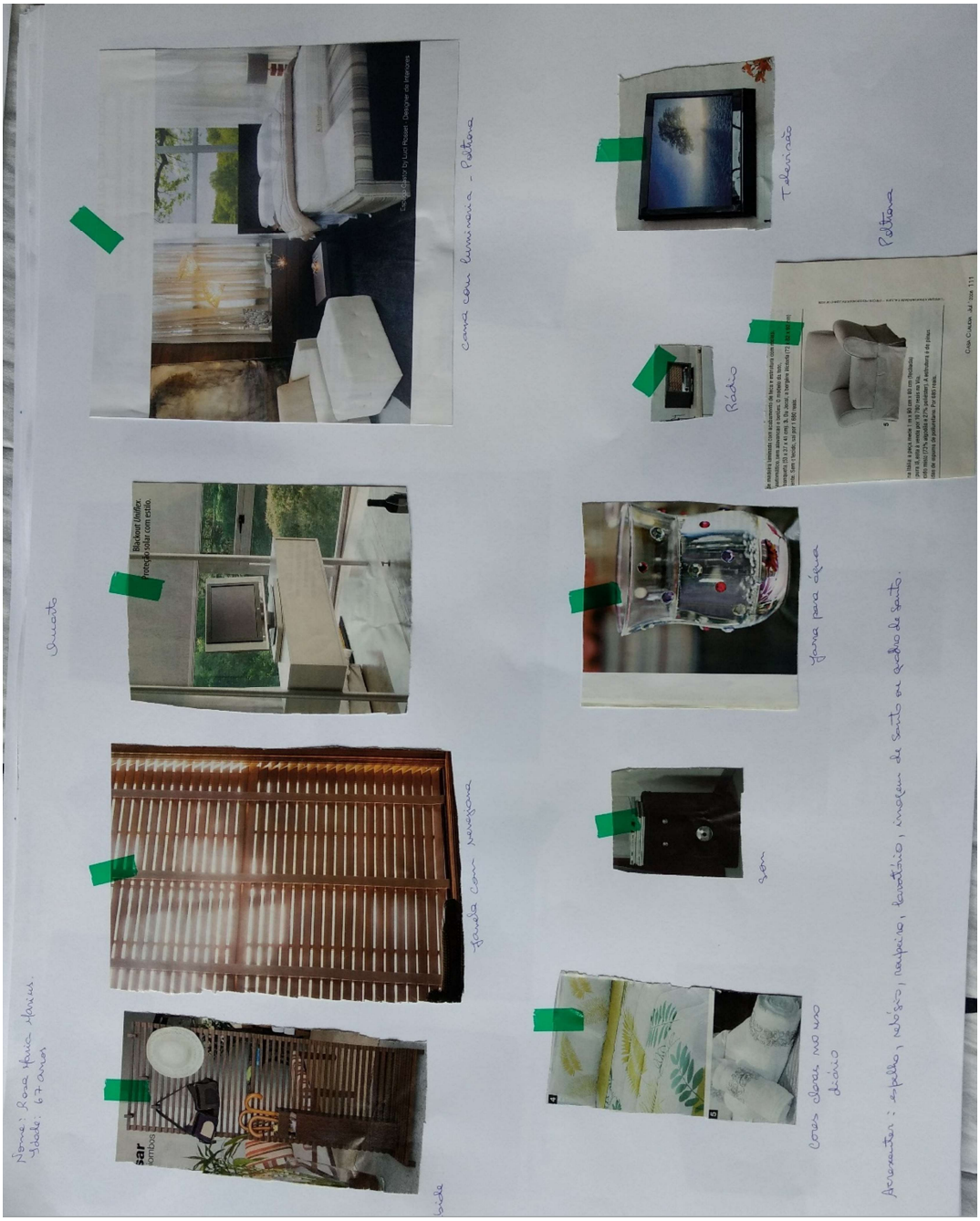


PR_M_1 – PAINEL PARA SALA DE ESTAR



PR_M_2 – PAINEL PARA DORMITÓRIO	**PR_M_2** – PAINEL PARA SALA DE ESTAR
	

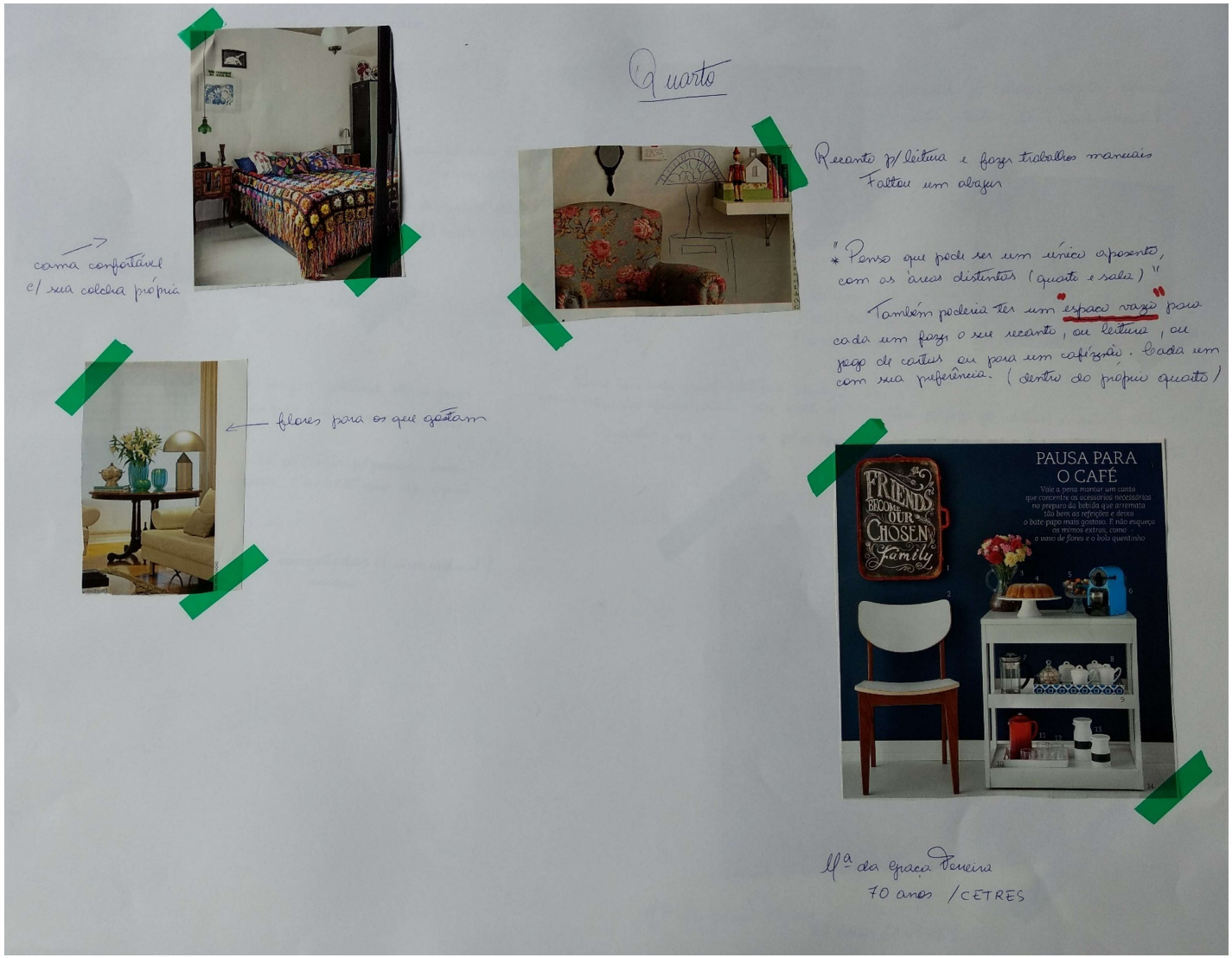
PR_F_3 – PAINEL PARA DORMITÓRIO



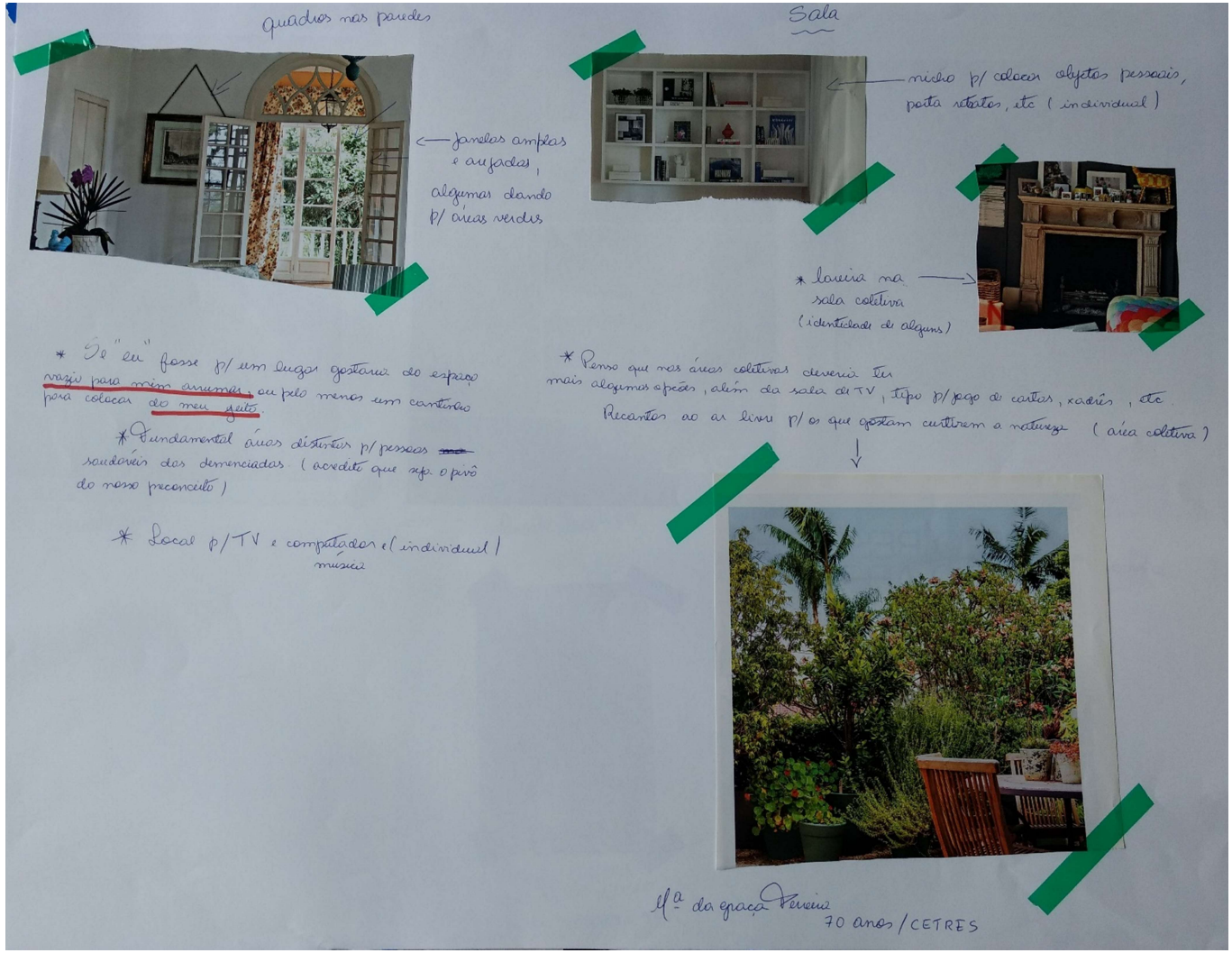
PR_F_3 – PAINEL PARA SALA DE ESTAR



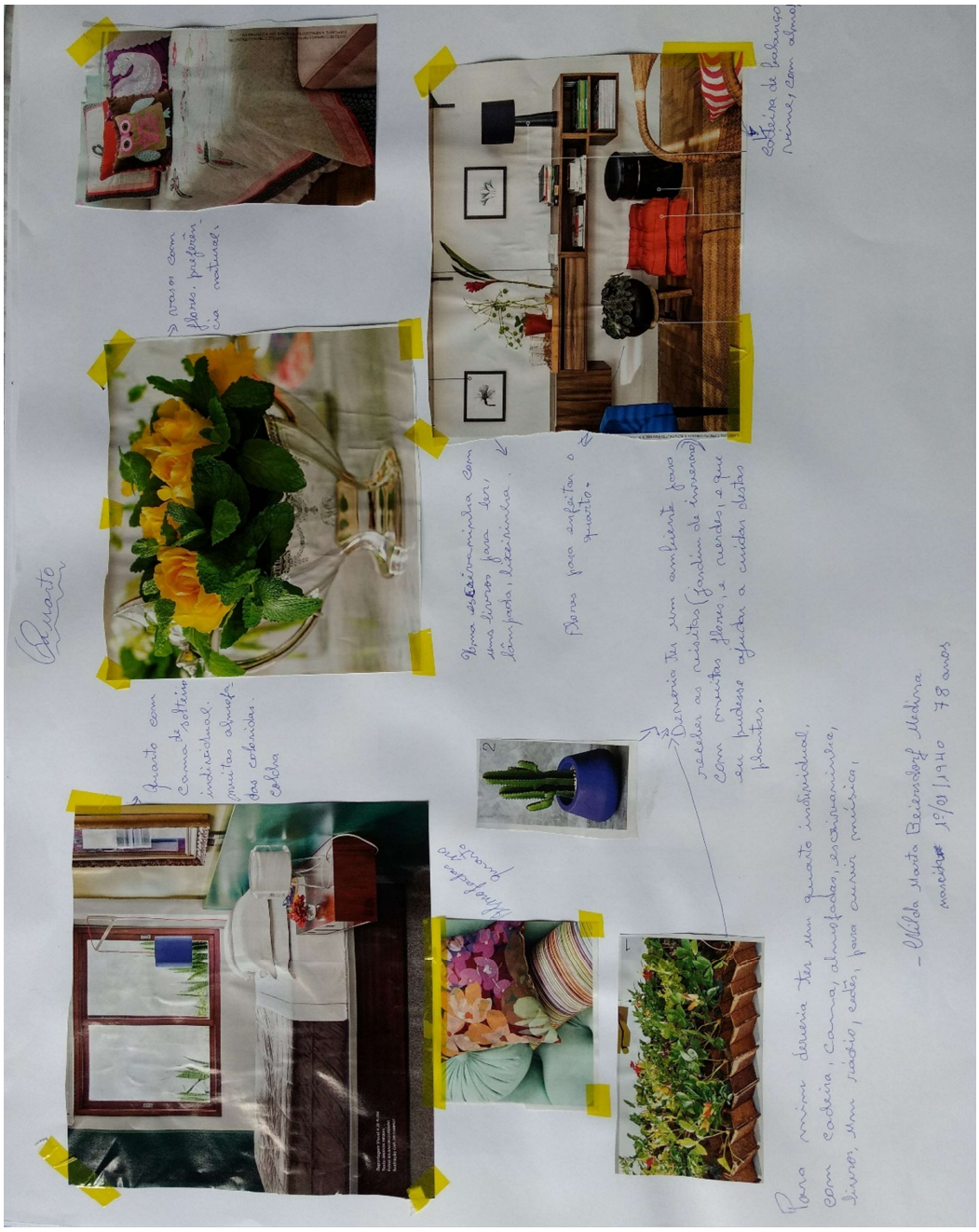
PR_F_4 – PAINEL PARA DORMITÓRIO



PR_F_4 – PAINEL PARA SALA DE ESTAR



PR_F_5 – PAINEL PARA DORMITÓRIO



PR_F_5 – PAINEL PARA SALA DE ESTAR



PR_F_6 – PAINEL PARA DORMITÓRIO



PR_F_6 – PAINEL PARA SALA DE ESTAR



PR_F_7 – PAINEL PARA DORMITÓRIO



PR_F_7 – PAINEL PARA SALA DE ESTAR



PR_F_8 – PAINEL PARA DORMITÓRIO



PR_F_8 – PAINEL PARA SALA DE ESTAR



ANEXO A

Estatuto do Idoso

ANEXO B

Resolução da Diretora Colegiada

RDC Nº 283, de 26 de setembro de 2005